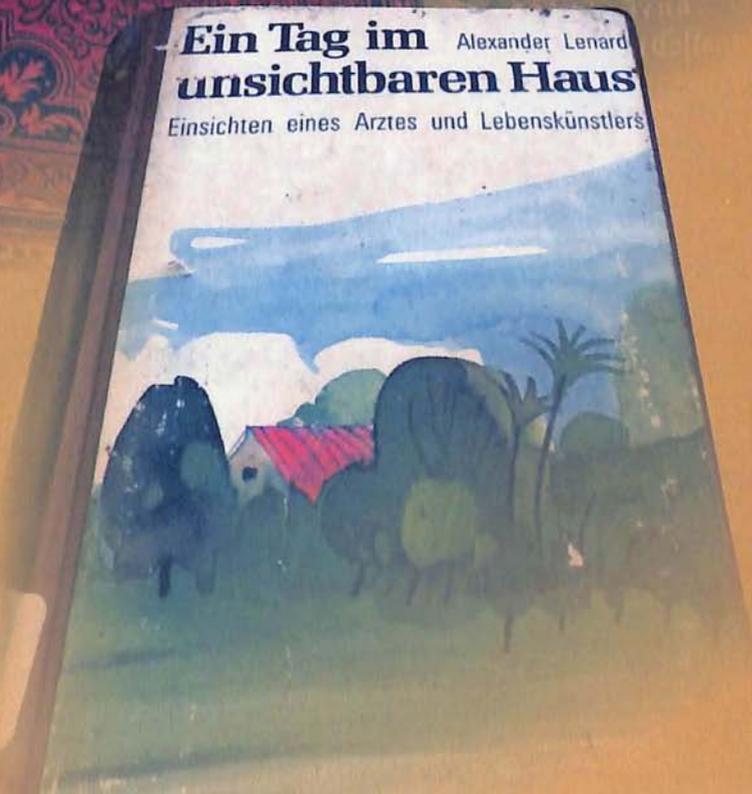
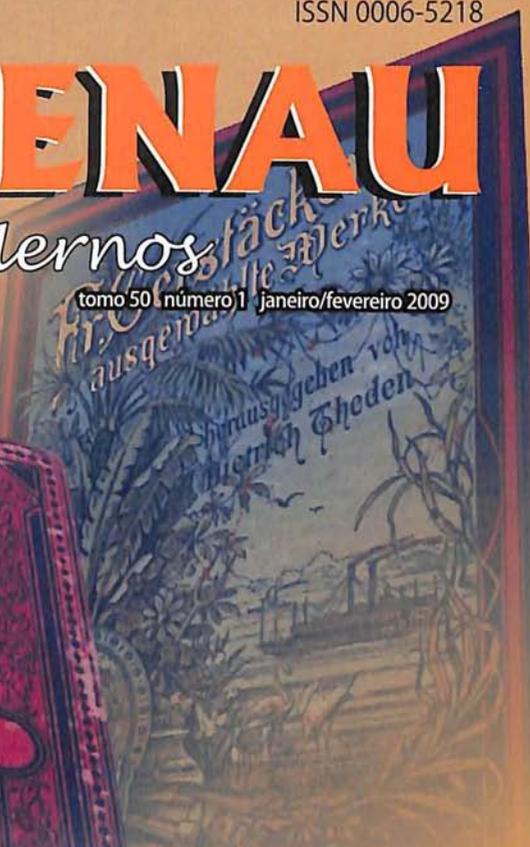


BLUMENAU

em Cadernos

tomo 50 número 1 janeiro/fevereiro 2009



BLUMENAU

em Cadernos

t. 50 n. 7 janeiro/fevereiro 2009 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 50	n. 7	p. 1-128	jan/fev. 2009
---------------	----------	-------	------	----------	---------------

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Selbet

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein

Diretor Administrativo-Financeiro | Carlos Augusto Fischer de Almeida

Diretor de Cultura |

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli M. V. Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Composição de imagens - acervo José Ferreira da Silva.

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir A. Petry **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Bolteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],

1957-

v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimensal, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal

com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração

alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzieta Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Artigo

As colônias italianas no Brasil Meridional - Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná

Ranieri Venerosi Pesciolini

Tradução: Lino João Dell Antonio

7

Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali Del Brasile
(Rio Grande Do Sul – Santa Catarina – Paraná)

8

Artigos

Narrativa visual da cidade: representação e esquecimento na revista Blumenau em Cadernos

Carla Fernanda da Silva

28

O livro de Fritz Müller no Brasil

Luiz Roberto Fontes, Stefano Hagen

53

Do imigrante para o imigrante: a literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí

Prof. Dra Valburga Huber

73

Memórias

Expresso, a choperia que deixou saudades em Blumenau!

Carlos Braga Mueller

89

Correspondências de imigrantes _____ 92

Burocracia & Governo

Colônia Blumenau - Lista dos óbitos ocorridos desde sua
fundação até 1º de setembro de 1862

_____ 116

Autores catarinenses

Apenas um pouco fraco do pulmão - como Lages hospedou
Paulo Setúbal
Enéas Athanázio

_____ 122

APRESENTAÇÃO

Com o propósito de contribuir com temáticas que, como sempre, remetem o leitor a algumas reflexões em torno de acontecimentos ocorridos num determinado momento da história, trazendo emoções e sentimentos que merecem ser lembrados, a revista Blumenau em Cadernos programou para este bimestre os textos que seguem.

Publica-se, na coluna bilíngüe Documentos Originais, o texto intitulado *“As Colônias Italianas no Brasil Meridional: estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná”*, de autoria do Dr. Ranieri Venerosi Pesciolini. Neste artigo o autor relata à aqueles italianos que pretendiam imigrar para o sul do Brasil informações quanto aos procedimentos, situação da terra, clima e outros dados de interesse dos interessados. A tradução do do italiano para o português foi um trabalho do Professor Lino João Dell Antônio

Na coluna Artigos, a professora da Universidade Regional de Blumenau, Carla Fernanda da Silva, sob o título *“Narrativa visual da cidade: representação e esquecimento na revista Blumenau em Cadernos”*, apresenta uma versão modificada do Capítulo III, da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Para desenvolver o artigo *“Do imigrante para o Imigrante: a literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí”* a Prof^a. Dra. Valburga Huber revisita a literatura alemã do Vale do Itajaí. Embora cada vez mais estas literaturas de imigração sejam estudadas no Brasil, há a necessidade de maior divulgação junto aos meios acadêmicos e da população em geral.

O entomólogo especializado em cupins e médico, Luiz Roberto Fontes, juntamente com o médico veterinário, Stefano Hagen,

publicam “*O livro de Fritz Müller no Brasil*”. Os autores escrevem sobre a produção científica e dados biográficos deste pesquisador e naturalista, o qual por muitos anos desenvolveu pesquisas que colaboraram com o mundo científico do século XIX. Registra-se que a relação de amizade entre Müller e Darwin lhe rendeu por vários anos uma troca de correspondências.

Ao relembrar a cidade de Blumenau na seção **Memórias**, o escritor Carlos Braga Mueller tece considerações em torno do “*Expresso, a choperia que deixou saudades em Blumenau*”. Este ponto comercial transformouse num local de encontro de pessoas das mais diferentes classes sociais, onde eram discutidos assuntos do momento que circulavam na cidade.

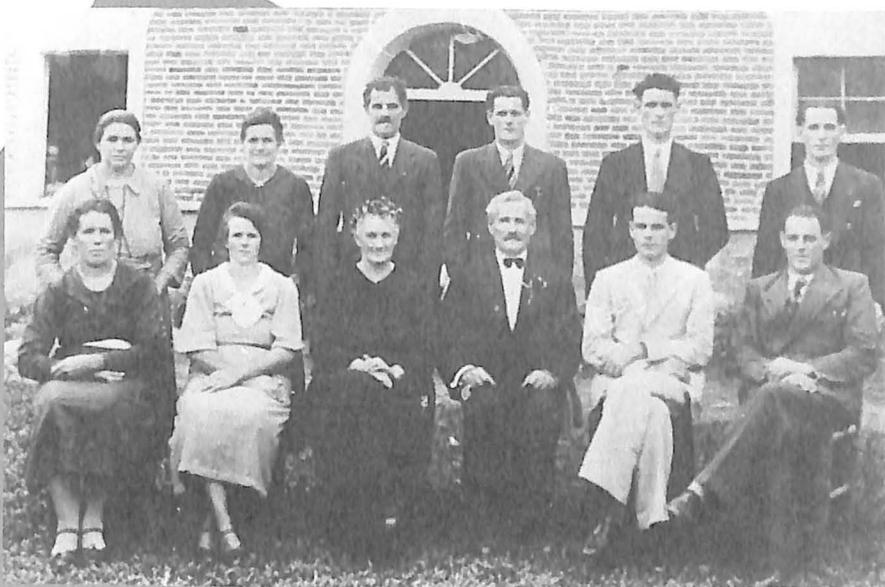
Em outro momento, em **Cartas de Imigrantes**, divulga-se a última série de correspondências trocadas entre o ramo da família Gärtner, de Gaspar, com parentes na Alemanha. O acesso a este material foi possível graças à doação dos originais realizada pela senhora Elise Stodieck. Os mesmos estão disponíveis para consulta no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, escreve “*Apenas um Pouco fraco do pulmão: como Lages hospedou Paulo Setúbal*”. O autor discorre sobre a estada de Paulo Setúbal em Lages nos anos de 1919 e 1920. Nesta ocasião, constatou que “estava um pouco fraco do pulmão”, expressão usada para mascarar a tuberculose ou peste branca. O jovem escritor e jornalista fora aconselhado pelos médicos a procurar local de altitude mais elevada, clima saudável e ar puro. Como se constata, os recursos eram ainda precários quanto ao combate desta enfermidade.

Para finalizar, convidamos historiadores, memorialistas, pesquisadores e o público acadêmico a escreverem textos para Blumenau em Cadernos.

Sueli M. V. Petry

Diretora de Blumenau em Cadernos



As colônias italianas no **BRASIL MERIDIONAL**

Anno IV. Maggio-Dicembre 1913 N. 5-12.

ITALICA GENS

Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici, fondata e diretta dall'ASSOCIAZIONE NAZIONALE PEI MISSIONARI CATTOLICI ITALIANI

Via Accademia delle Scienze, 4 – Torino

LE COLONIE ITALIANE NEGLI STATI MERIDIONALI DEL BRASILE (RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA – PARANÁ)

L'anno scorso pubblicammo in vari numeri di questo bollettino la relazione del Rev. Dott. G. Capra sugli Italiani in Australia, e molti lettori ci mostrarono di ciò il loro gradimento.

Abbiamo perciò pensato di far cosa utile e grata dedicando anche quest'anno un certo numero di fascicoli del bollettino, anzichè ai consueti articoli su argomenti varî, ad uno studio un po' diffuso e particolareggiato sopra un solo gruppo di colonie italiane di particolare importanza.

Tale è la presente relazione del Dott. Ranieri Venerosi sulle colonie italiane dei tre Stati di Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paranà, del Brasile meridionale, da lui visitati l'anno scorso per nostro incarico, allo scopo di organizzarvi la Federazione.

LA DIREZIONE.

La Propaganda

Il lavoro di propaganda del Governo brasiliano nei paesi

AS COLÔNIAS ITALIANAS NO BRASIL MERIDIONAL
ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA –
PARANÁ

RANIERI VENEROSI PESCIOLINI

Tradução: Lino João Dell Antonio¹

No ano passado, publicamos em vários números deste boletim a exposição informativa do Revmo. Dr. G. Capra sobre italianos na Austrália. Muitos leitores se mostraram satisfeitos com a publicação.

Por isso, pensamos em fazer coisa útil e bem aceita. Ao invés dos tradicionais artigos sobre argumentos vários, dedicamos também neste ano determinado número de fascículos do boletim para um estudo mais amplo e detalhado sobre um só grupo de colônias italianas de particular importância.

Esta é a exposição informativa do Dr. Ranieri Venerosi sobre colônias italianas dos três Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, do Sul do Brasil, por ele visitados, no ano passado, a pedido nosso, com a finalidade de ali organizar a Federação.

A Direção

A propaganda

O trabalho de propaganda do Governo brasileiro nos países europeus de imigração é feito através de agentes e escritórios mantidos pelo poder federal.

¹ Tradutor do texto italiano. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos.

europei di emigrazione, è fatto per mezzo di agenti ed uffici mantenuti dal Governo Federale.

Non sembra che questo lavoro dia ora risultati molto importanti per riguardo agli Stati di cui abbiamo parlato; poichè da parecchi anni l'emigrazione ad essi diretta è minima, per lo Stato di Santa Catharina anzi insignificante. Sono ben poche le famiglie italiane che annualmente entrano in quei tre Stati, e generalmente vanno a raggiungervi parenti che vi risiedono da tempo.

Questi tre Stati non dispongono d'altra parte di mezzi sufficienti per le spese di una forte propaganda e di una preparazione di estensioni di terreno considerevoli per la colonizzazione.

Molto più attiva ed efficace è invece la propaganda a base di notizie spesso false e lusinghiere che purtroppo esercita anche in Italia il Governo dello Stato di S. Paolo per proprio conto.

Il viaggio e l'installazione nelle colonie

Gli emigranti diretti agli Stati del sud, giunti a Rio de Janeiro, sono alloggiati nel ricovero della *Ilha das Flores* (isola dei fiori), nella baia, ove essi trovano anche uffici di informazione sopra le regioni in cui intendono recarsi. Di qui sono portati gratuitamente coi vapori costieri all'ultimo porto di destinazione; di tale facilitazione non godono gli emigranti che sbarcano a Santos.

Si accorda quindi agli emigranti il viaggio gratuito fino alla colonia nella quale vanno a stabilirsi. Si assegna loro il lotto coloniale, che ha generalmente un'estensione dai 20 ai 30 ettari, e che è addebitato al capo famiglia per un valore che si aggira intorno ai 15 *milreis* (circa 28 lire) all'ettaro, da rimborsarsi entro 10 anni.

Não parece que este trabalho por ora traga resultados muito importantes em relação aos Estados dos quais falamos. Há muitos anos, a imigração dirigida a eles é mínima; para o Estado de Santa Catarina é insignificante. São poucas as famílias italianas que anualmente entram naqueles três Estados, e geralmente se dirigem junto a parentes que ali residem há mais tempo.

Estes três Estados por si próprios não dispõem de meios suficientes para as despesas de uma intensa propaganda e de uma preparação de extensas áreas de terras próprias para a colonização.

Muito mais ativa e eficaz é a propaganda à base de notícias falsas e enganadoras, que, infelizmente, o Governo do Estado de São Paulo usa por conta própria também na Itália.

A viagem e a instalação na colônia

Os imigrantes encaminhados aos Estados do Sul, desembarcados no Rio de Janeiro, são alojados no asilo da *Ilha das Flores*, onde eles encontram também escritórios de informação sobre as regiões para onde pretendem ir. Daqui são transportados gratuitamente pelos vapores costeiros até o último destino. Desta facilidade não usufruem os que desembarcam em Santos.

O acordo estabelece a viagem gratuita até a colônia para onde os imigrantes vão se estabelecer. Destina-se a eles o lote colonial, geralmente com uma extensão de vinte a trinta hectares. A dívida é imputada ao chefe da família por um valor que gira em torno de 15 mil réis (aproximadamente 28 libras ao hectare, cujo valor é reembolsável dentro de dez anos).

É também estabelecida pela lei a manutenção gratuita do colono durante os primeiros seis meses – a assistência médica, a abertura

È poi prescritto dalla legge il mantenimento gratuito del colono durante i primi sei mesi, l'assistenza medica, l'apertura di vie di comunicazione, la provvista di sementi e degli utensili agricoli più necessari, e l'assegnamento di altri sussidi e aiuti.

Ma come già dicemmo, pel passato molte di queste ultime disposizioni di legge non furono eseguite o per mancanza di mezzi o per incuria nel Governo o per abusi di funzionari; cosicchè gli inizi furono spesso ben duri pei nostri coloni.

Oggi la disposizione che rasta di solito senza pratica attuazione è quella che stabilisce di assicurare vie di comunicazione alle nuove colonie; e la ragione essenziale di ciò consiste nella penuria di denaro in cui si trovano quei Governi; penuria che li rende impotenti a provvedere di buone comunicazioni anche le vecchie colonie, la cui forte produzione, se avesse facili vie commerciali, darebbe grandissimo impulso al progresso de paese.

Forma di colonizzazione: l'assegnamento della terra in proprietà ai lavoratori.

La forma di distribuzione della popolazione in questi tre Stati, da chiunque vi si promuova la colonizzazione del suolo, sia dal Governo, sia da privati, è esclusivamente quella dell'assegnamento a ciascun immigrante di un lotto di terreno del quale, pagato un tenue prezzo, esso deve divenire proprietario. I Governi dispongono ancora a tale scopo di vaste zone di *terras devolutas* (fiscali). Tale forma di colonizzazione, che favorisce il formarsi della piccola proprietà, è da considerarsi per principio delle migliori, dal punto di vista dell'interesse dell'emigrante: essa non esiste più in tante parti del Sud America, e particolarmente non è possibile nella maggior

de estradas, o fornecimento de sementes e ferramentas agrícolas mais necessárias – e a garantia de outros subsídios e ajudas.

Mas, como já dissemos, no passado, muitas destas disposições legais, ou por falta de meios ou por negligência do governo ou por abusos de funcionários, não foram cumpridas. Assim, os primórdios foram muitas vezes bem difíceis para os nossos colonos.

Como sempre, a disposição que fica hoje sem atuação prática é aquela que estabelece assegurar estradas de comunicação às novas colônias. O motivo principal disso é que aqueles Governos se encontram sem dinheiro. Essa penúria os torna impotentes para prover de boas comunicações também as velhas colônias, cuja forte produção, se tivessem estradas de fácil escoamento, daria um impulso muito grande ao progresso da região.

Formas de colonização: a garantia de propriedade da terra aos trabalhadores.

Qualquer pessoa que promova a colonização do solo, ou do Governo ou de empresas particulares, a forma de distribuição da população nestes três Estados é exclusivamente aquela que garante a cada imigrante um lote de terras do qual, pagado um pequeno preço, este se torna proprietário. Os Governos dispõem ainda para tal fim de vastas glebas de terras devolutas. Esta forma de colonização que favorece a formação da pequena propriedade, a princípio, é considerada uma das melhores, em relação ao interesse do imigrante. Este sistema não existe mais em tantas partes do Sul da América, e particularmente não é possível na maior parte da Argentina, onde os terrenos colonizáveis estão nas mãos de latifundiários especuladores, fora da capacidade dos colonos imigrantes,

dell'Argentina, ove i terreni colonizzabili sono nelle mani di latifondisti speculatori, fuori della portata degli immigranti agricoli nullatenenti; e non si ha nella massima parte dello Stato di San Paolo, il più progredito del Brasile.

Colonizzazione di Stato.

Due sono i sistemi di colonizzazione fino ad ora adottati in questi Stati: la colonizzazione di Stato (promossa dagli Stati brasiliani) e la colonizzazione privata.

Non è facile dire in modo assoluto quale dei due sistemi sia preferibile; ma dai risultati che essi hanno dato nei riguardi della nostra emigrazione, si possono pertanto dedurre alcune considerazioni.

Nelle colonie governative, di solito i coloni sono stati più abbandonati alle proprie forze e privi di quegli aiuti e di quelle risorse, che loro sarebbero state tanto utili nei primi tempi; la percentuale di coloro che soccomberono materialmente all'isolamento ed alle condizioni difficili degli inizi furono in queste assai maggiori. Ciò fu certamente inumano; peraltro la gran parte dei coloni che superarono quelle difficoltà si sono poscia trovati in condizioni migliori che non nelle colonie private. Moltissimi poterono affrancarsi debito coloniale e, con quelli che non pagarono, il Governo fu tollerante, talchè quasi mai i coloni insolventi furono espropriati dei loro lotti.

Colonizzazione privata.

Le imprese private di colonizzazione, incoraggiate dai Governi con premi e con speciali vantaggi, protessero ed aiutarono assai più i coloni

que nada possuem. A pequena propriedade também não se encontra na maior parte do Estado de São Paulo, o mais desenvolvido do Brasil.

Colonização oficial

Dois são os sistemas de colonização até agora adotados nestes Estados: a colonização oficial (promovida pelos Estados brasileiros) e a colonização particular.

Não é fácil dizer de forma absoluta qual desses dois sistemas seja preferível; mas, pelos resultados obtidos junto à nossa imigração, podem-se deduzir algumas considerações.

Nas colônias oficiais, os colonos quase sempre foram mais abandonados às próprias forças e privados daquelas ajudas e recursos, que teriam sido tão úteis nos primeiros tempos. O percentual dos colonos que sucumbiram ao isolamento e às condições difíceis dos primórdios foi maior nestas colônias. De fato, isto foi desumano. Em contrapartida, a grande parte deles que superaram aquelas dificuldades, encontrou-se depois em melhores condições, em relação aos das colônias particulares. Muitíssimos puderam livrar-se da dívida colonial. O Governo foi tolerante com aqueles que não pagaram, a tal ponto que os colonos inadimplentes nunca foram desapropriados de seus lotes.

Colonização particular

As empresas particulares de colonização, incentivadas pelos Governos com prêmios e vantagens especiais, protegeram e ajudaram muito mais os colonos no primeiro período. Não deixaram faltar assistência médica e outros confortos da vida civil e abriram também o crédito para eles. Mas nas colônias fundadas por particulares é muito maior o número

nel primo periodo, no fecero mancar loro l'assistenza medica ed altri conforti della vita civile, ed aprirono anche il credito ai coloni; ma nelle colonie da esse fondate è molto maggiore il numero dei nostri connazionali che ancora non poterono soddisfare il debito contratto ed ai quali l'impresa medesima, dopo alcuni anni di tolleranza, ingiunge lo sfratto dai terreni occupati.

Ciò si deve, sia al fatto che i coloni, sentendosi troppo sorretti, smarrirono talvolta il senso della propria responsabilità ed iniziativa, sia alla mancanza di una giusta e paterna severità nel procedere alla distribuzione di crediti e di aiuti. Si deve tener presente che le imprese private di colonizzazione che guidarono i nostri emigranti, delle quali la più importante fu la << Metropolitana >> in Santa Catharina, sono brasiliane.

A ben diverse conclusioni ci porta invece l'esame dei risultati della colonizzazione privata tra gli immigranti tedeschi in questi Stati; ad essa si deve in gran parte il prospero successo delle colonie tedesche. Ma questa fu opera di Compagnie e di individui tedeschi, che con mezzi adeguati si offrirono guida a coloni della stessa patria.

Osservando nel nord dello Stato di Santa Catharina l'attività paterna e sagace spiegata dal Dott. Blumenau per la sua colonia, e gli avveduti accaparramenti di terre su vasta scala della Compagnia Anseatica di Amburgo, e la distribuzione delle medesime secondo ben determinati criteri, facilmente ci si convince come in questi Stati una colonizzazione privata può dare, se eseguita con mezzi ed intendimenti analoghi, frutti assai migliori di quella governativa per il paese in cui si svolge e per la patria degli emigranti.

I nostri connazionali non hanno mai avuto la guida di società di colonizzazione o di imprenditori italiani: è noto che quando i nostri emigranti si recavano ad aprire quelle colonie del Brasile il capitale italiano non era preparato a seguirli; mancavano gli studi e le conoscenze dei

de nossos compatriotas que ainda não puderam honrar a dívida contraída. A própria empresa, depois de alguns anos de tolerância, exige o despejo dos terrenos ocupados.

Isto acontece porque os colonos, sentindo-se muito amparados, perderam por vezes o sentido da própria responsabilidade e iniciativa, por falta de uma justa e paternal severidade no proceder à distribuição de créditos e de ajudas.

Deve-se ter presente que as empresas privadas de colonização que acompanharam os nossos imigrantes, das quais a mais importante foi a “Metropolitana” em Santa Catarina, são brasileiras.

Por outro lado, o exame dos resultados da colonização privada entre os imigrantes alemães nestes Estados, nos leva para conclusões diferentes. A ela se deve em grande parte o próspero sucesso de suas colônias, feito com o trabalho de Companhias e de indivíduos alemães que, com meios adequados, ofereceram ajuda a colonos da mesma pátria.

Observando no norte do Estado de Santa Catarina a atividade paternal e perspicaz, desenvolvida pelo Dr. Blumenau para a sua colônia e as prudentes aquisições de terras em vasta escala da Companhia Anseática de Amburgo, com a distribuição das mesmas, segundo critérios bem determinados, facilmente nos convencemos de que nestes Estados uma colonização particular, quando executada com meios e propósitos semelhantes, pode dar resultados para a região onde ela se desenvolve e para a pátria dos imigrantes, muito melhores daquela oficial.

Os nossos compatriotas nunca tiveram a orientação de sociedades de colonização ou de empreendedores italianos. Sabemos que quando os nossos imigrantes iniciaram aquelas colônias do Brasil, aquele capital italiano não era previsto para acompanhá-los. Faltava o estudo e o conhecimento dos lugares e principalmente faltou a visão clara da importância da tarefa que este capital teria podido desenvolver. Foi esta

luoghi, e più spesso mancò la visione chiara dell'importanza del compito che questo capitale avrebbe dovuto svolgere. Fu questa indubbiamente una delle deficienze più gravi nella costituzione delle colonie italiane del Brasile Meridionale.

II. LA PRODUZIONE ED IL COMMERCIO DELLE COLONIE

IL CLIMA

Diamo ora uno sguardo sommario alle condizioni ed ai modi in cui si svolge l'industria agricola, alla quale si deve la produzione principale delle colonie italiane nei tre Stati.

Come abbiamo detto, il clima assai caldo e le piogge abbondanti assicurano in questi Stati una vegetazione rigogliosa; la varietà dei climi nelle diverse zone permette che prosperino colà insieme colture tropicali e colture europee.

Vediamo infatti nella regione montagnosa del Rio Grande do Sul, ove si ha un'alternarsi di stagione estiva ed invernale assai pronunziata, dare discreti risultati anche la vite ed il grano, che abbisognano di un periodo annuo di freddo; e nelle valli basse dei fiumi e nelle zone litoranee dei tre Stati, ove il freddo non si fa mai sentire, prosperare il caffè, la banana, la canna da zucchero, ed altre piante tropicali.

LA FERTILITÀ DELLA TERRA.

In quanto alla qualità e fertilità dei terreni in generale, mi piace riportare il seguente giudizio espresso al riguardo da un tecnico italiano,

indubitavelmente uma das deficiências mais graves na constituição das colônias italianas do Sul do Brasil.

II A PRODUÇÃO E O COMÉRCIO DAS COLÔNIAS

A AGRICULTURA

O clima

Damos agora uma olhada sumária às condições e aos modos nos quais se desenvolve a indústria agrícola. A ela se deve a principal produção das colônias italianas nos três Estados.

O clima muito quente e as abundantes chuvas são responsáveis pela viçosa vegetação nestes Estados, como já tivemos oportunidade de afirmar. A variedade dos climas nas diversas regiões permite que prosperem juntas culturas tropicais e culturas européias.

Na região montanhosa do Rio Grande do Sul, onde o alternar-se de estações quentes e frias é muito acentuado, a parreira e o trigo, que necessitam anualmente de um período frio, de fato, dão resultados discretos. Nos vales baixos dos rios e na região litorânea dos três Estados, onde o frio nunca se faz sentir, prosperam o café, a banana, a cana de açúcar e outras plantas tropicais.

A fertilidade da terra

Sobre a qualidade e a fertilidade dos solos me apraz citar a seguinte opinião de um técnico italiano – o Professor Bellucci, diretor da Cátedra Ambulante de Agricultura de Ravena – que visitou aqueles Estados

il prof. Bellucci, direttore della Cattedra Ambulante di Agricoltura di Ravenna, il quale visitò quegli Stati per conto della Federazione nazionale dei lavoratori della terra:

<< Da tutto quanto abbiamo osservato nel sud del Brasile, ci siamo convinti che esistono, negli Stati da noi studiati, terreni di media fertilità, talora buoni, più, sovente discreti, tal'altra scadenti; che pur tuttavia le piante forestali, potendo approfondire a loro volontà le radici in terreni a loro appropriati, e potendo approfittare delle felici condizioni di permeabilità del terreno, di umidità e di calore atmosferico, vegetano tutto l'anno assumendo grandezze straordinarie.

Queste foreste con il largo fogliame di color verde intenso e con le liane maestose ricadenti al suolo, danno, a noi europei, abituati a tinte meno marcate, a grandezze più modeste, un'impressione profonda e incancellabile, sicchè nel pensiero del viaggiatore cresce e giganteggia l'idea di una fertilità inesauribile e senza limiti che è stata, alle volte, messa a servizio di un'abile *reclame*.

Tutto questo diciamo per amore a quel vero che non crea illusioni, ma conforta, eccita e sospinge alla conquista di tutte le forze ribelli della natura; tutto questo diciamo perchè non ci s'illuda nel poter esercitare l'agricoltura senza concimazione e senza lavoro, che qui, come altrove ed ovunque, si rendono indispensabili se non si vuole, come in molte colonie è già avvenuto, distruggere in pochi anni quella fertilità che la foresta secolare aveva creato e che l'uomo ha distrutto inconsciamente con grave danno proprio e del paese. >>

Un motivo essenziale della scarsa attitudine a certe coltivazioni di molti terreni, è la deficienza che in essi si riscontra di alcuni elementi essenziali: la calce ad esempio manca quasi del tutto in questi Stati, tanto che per i lavori di muratura si ricorre agli ammassi di conchiglie che si trovano sulla spiaggia del mare.

a serviço da Federação nacional dos trabalhadores rurais: “De tudo quanto observamos no Sul do Brasil, nos convencemos que existem, nos Estados por nós estudados, terrenos de fertilidade média, alguns bons, mais comumente discretos, outros de pouco valor. Todavia, as plantas florestais, podendo livremente aprofundar as raízes em terrenos apropriados – aproveitando as ideais condições de permeabilidade do terreno, de umidade e de calor natural – crescem o ano todo, assumindo dimensões extraordinárias.

Essas florestas de grandes folhagens de cor verde intensa e de majestosos cipós ,recaídos ao chão, dão a nós europeus, habituados com tintas menos carregadas, com grandezas mais modestas, uma impressão profunda e indelével, de tal modo que, no pensamento do viajante, cresce e se agiganta a idéia de uma fertilidade inexaurível e sem limites, que, às vezes, foi colocada a serviço de uma hábil propaganda comercial.

Tudo isso dizemos por amor àquela verdade que não cria ilusões, mas conforta, estimula e empurra para a conquista de todas as forças rebeldes da natureza. Dizemos tudo isso para que ninguém se iluda em poder manter ali, uma atividade agrícola sem fertilizantes e sem trabalho. Aqui, como em qualquer outro lugar, eles são indispensáveis. Como já aconteceu em outras colônias, em poucos anos se destrói a fertilidade, que a mata secular criara e o homem inconscientemente a destruiu, causando grande prejuízo para si mesmo e para o país”.

A causa essencial da fraca aptidão de muitos terrenos a certas culturas é a deficiência de alguns elementos essenciais. A cal, por exemplo, falta quase por completo nestes Estados, tanto que, para os trabalhos de construção civil, se recorre à coleta de conchas que se encontram na praia do mar.

PIANTE E COLTIVAZIONI.

Il prodotto che si coltiva in prevalenza, specialmente in Santa Catharina, è il granturco, che dà raccolti assai remunerativi, giungendo a produrre 20 e più volte il seme. Si semina dai primi di ottobre fino al gennaio e viene a maturazione in tre mesi. Non vi è un'epoca determinata per il raccolto, poichè, quando la pianta è secca, i coloni piegano in basso le pannocchie, le quali restano così per lungo tempo senza andare a male. Quando occorre raccoglierle per lasciar libero il terreno ad altra seminagione, le ripongono nelle capanne e le conservano senza spogiarle fino al momento di servirsene.

Il prezzo del granturco varia da 3 *milreis* (5 lire) al sacco di 60 chilogrammi, nelle colonie più appartate di Santa Catharina, e 5 e 7 *milreis* (8 e 10 lire) sui mercanti di Caxias e Blumenau. oltre che per vitto dei coloni è adoperato principalmente per ingressare i maiali e per i cavalli.

Il riso è coltivato pure in abbondanza in quasi tutte le colonie italiane e dà buoni risultati tanto nei luoghi pianeggianti e irrigui, come all'asciutto sulle colline. È adoperato come vitto e si esporta in discreta quantità. Della paglia dello stelo le massaie fanno i cappelli per la famiglia.

I fagioli neri sono coltivati ovunque, spesso in mezzo al granturco, e se ne fa molto uso.

Anche la coltivazione del tabacco è generale. Da alcune colonie, come Blumenau, si esporta in foglie: in altre colonie, ove la produzione è minore, è seccato, conciato e ridotto in corde dai coloni stessi.

L'orzo e la segala vengono discretamente, ma sono poco coltivati.

Poco estese sono pure le coltivazioni de lino e del cotone, sebbene diano buon risultato. La canna da zucchero si coltiva un

Plantas e cultivações

O produto que mais se cultiva, especialmente em Santa Catarina é o milho, que produz colheitas muito compensadoras, chegando a produzir vinte e mais vezes a semente. Semeia-se desde os primeiros dias de outubro até janeiro e amadurece em três meses. Não há uma época determinada para a colheita, uma vez que, quando a planta seca, os colonos dobram as socas para baixo, que permanecem assim por muito tempo, sem se estragar. Quando as recolhem para deixar livre o terreno para outra sementeira, as colocam nos paióis e as conservam empalhadas até o consumo.

O preço do milho varia em torno de três mil reis (cinco libras) ao saco de sessenta quilos, nas colônias mais distantes de Santa Catarina, e entre cinco e sete mil reis (oito a dez libras) nos mercados de Caxias e Blumenau. Além de comida para os colonos, é usado principalmente para engordar os porcos e para os cavalos.

O arroz também é cultivado em grande quantidade em todas as colônias italianas e produz bons resultados, tanto o irrigado como o do seco. É usado como comida e se exporta em discreta quantidade. Da palha da haste as donas de casa fazem os chapéus para a família.

O feijão preto é cultivado em toda parte, principalmente no meio do milho e é muito usado.

Também o cultivo do tabaco é comum. Em algumas colônias como Blumenau, é exportado em folhas. Nas outras colônias, onde o cultivo é menor, depois de secado e curtido é reduzido em cordas pelos próprios colonos.

A cevada e o centeio produzem discretamente, mais são pouco cultivados.

Pequeno também é o cultivo do linho e do algodão, embora deem bons resultados. A cana de açúcar se cultiva em toda parte, nos

po'dappertutto nei luoghi più caldi, e nelle valli lungo i fiumi. Si adopera come strame per le bestie, e per estrarne lo zucchero o l'alcool detto *caxaça*; operazioni che quasi tutti i coloni fanno per conto proprio mediante *engenhos* ed alambicchi.

Il caffè è coltivato in scala molto ridotta nelle colonie nostre, ma pure se ne produce quel tanto che basta per l'uso familiare, che è diffusissimo.

La mandioca si trova pure in tutte colonie; se ne fa consumo grandissimo dalla popolazione brasiliana. Si mangia generalmente abbrustolita e ridotta in farina, sola e insieme alla carne o ad altri cibi. La varietà detta *aipim* si mangia senza bisogno di ridurla in polvere. L'*herva mate*, di cui si fa la produzione maggiore nel Paranà, si trova pure in tutte le colonie degli altri due Stati; molte piante ne sono sparse im mezzo ai boschi. Ed i coloni che tovano dal commercio del *mate* una risorsa importante, le risparmiano e le curano: dicono che val più una pianta di mate che una di vite.

Gli alberi fruttiferi nostrali, il pero, il susino, il ciliegio, il fico, eccettuato il pesco, non producono frutto in molte colonie dello Sato di Santa Catharina; danno discreto resultado nel Rio Grande ed anche in qualche colonia del Paranà. Ma le frutta di questi paesi vanno soggette a guastarsi facilmente e non sono paragonabili per sapore a quelle d'Italia.

Le piante fruttifere migliori, più comuni nelle colonie, sono i banani e gli aranci. Altri frutti locali sono l'*ananasso* ed il *mamão*, una musacea di alto fusto che porta i frutti, grossi quasi come poponi e de sapore somigliante, aderenti al fusto.

Gli ortaggi che si trovano negli orti dei nostri coloni sono press'a poco tutti quelli che si trovano in Italia. Ne portarono i semi dal loro paese e furono i primi prodotti delle nuove colonie.

Il grano e la vite, due prodotti di prima importanza e che

lugares mais quentes e nos vales junto aos rios. É usada como forragem para os animais e dela se extrair o açúcar ou o álcool, chamado cachaça. Quase todos esses procedimentos são feitos pelos próprios colonos fazem nos engenhos e alambiques.

O café é cultivado em escala muito reduzida em nossas colônias e dele se produz o suficiente para o consumo próprio. Este costume é muito difundido. A mandioca existe também em todas as colônias. Dela a população brasileira faz um consumo muito grande. É servida à mesa geralmente tostada e reduzida em farinha, sozinha e junto à carne ou com outros alimentos. A variedade conhecida como aipim se come sem necessidade de reduzi-la em farinha. A erva mate, da qual a maior produção está no Paraná, encontra-se também em todas as colônias dos outros dois Estados. Muitas plantas estão espalhadas no meio dos bosques. E os colonos que encontram no comércio do mate uma riqueza importante, as protegem e as cultivam. Dizem que vale mais uma planta de mate que um pé de uva.

As nossas plantas frutíferas – a pêra, a ameixa, a cereja, o figo, menos o pêssego – não produzem frutos em muitas colônias do Estado de Santa Catarina; tem um discreto resultado no Rio Grande e também em algumas colônias do Paraná. Mas as frutas dessas regiões se estragam facilmente e não são comparáveis no sabor àquelas da Itália.

A banana e a laranja, mais comuns nas colônias, são as melhores frutas. O ananás e o mamão – uma musácea de tronco alto que carrega os frutos a ele grudados, grossos quase como melões e de sabor semelhante – são outros frutos locais.

As verduras das hortas dos nossos colonos são mais ou menos aquelas que se encontram na Itália. De lá trouxeram as sementes e foram as primeiras produções das novas colônias.

O trigo e as videiras, dois produtos de primeira importância,

portano maggior ricchezza nelle colonie che possono coltivarli, vengono solo in alcune località, ed anche in queste danno risultati scarsi ed incerti.

La produzione del grano è limitata alle colonie del Rio Grande do Sul, ma, come già dicemmo, non su larga scala. Nello Stato di Santa Catharina non attecchisce, nonostante gli sforzi del Governo per promuoverla: motivo principale è la mancanza della vicenda nelle stagioni, per cui la vegetazione vi è quasi continua. Si semina in maggio o in giungo; a volte mancando il freddo cresce subito rigoglioso; viene poi qualche brinata quando ha già la spiga ed il raccolto è rovinato. Perciò, solo alcuni coloni ne seminano ed in quantità ridottissima; nelle famiglie non si mangia quasi mai il pane di grano.

La vite si coltiva un po'dappertutto. Il risultato migliore lo dà nel Rio Grande do Sul; in Santa Catharina dà prodotti veramente scadenti.

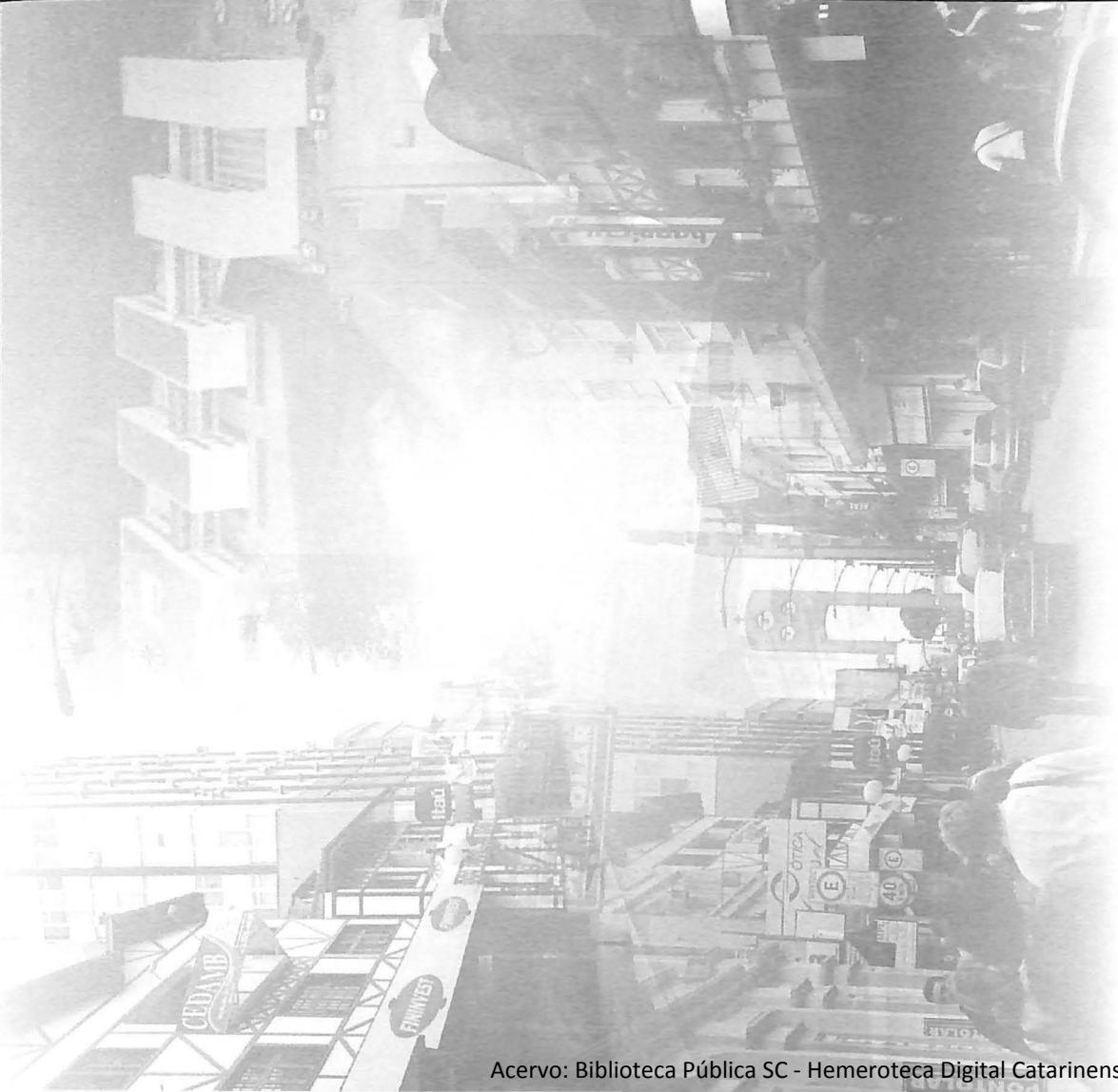
Nel Rio Grande do Sul si sono introdotti molte varietà di vitigni, ma l'unico diffuso e resistente è la vite americana, o *Isabella*: perciò i vini di queste regioni hanno tutti un sapore acidulo e poco gradito. Per ora non si è trovato il modo di ottenere con sicurezza il frutto da vitigni di altra specie assai più attaccabili dalle malattie e suscettibili alle inconstanze di temperatura.

Le vigne sono tenute nel Rio Grande prevalentemente a pergolato, sostenuto da tronchi di piante squartati; negli altri Stati più comunemente a filari. È molto diffusa la peronospora, che si combatte col solfato di rame, e recano pregiudizio alla vite le formiche ed altri insetti. I vini delle colonie, sia a motivo del clima sia della qualità dei terreni, sono deficienti di vari elementi essenziali, come alcool, tannino e zucchero. Di conseguenza vanno facilmente a male e per conservarli occorre, come già accennai parlando dell'industria nel Rio Grande, aggiungervi di queste sostanze.

que produzem maior riqueza nas colônias que as podem cultivar, crescem somente em algumas localidades e também ali dão resultados fracos e incertos.

A produção do trigo é limitada às colônias do Rio Grande do Sul, mas como já dissemos, em pequena escala. No Estado de Santa Catarina não vingou, apesar dos esforços do Governo em promovê-la. A falta de mudanças nas estações é o motivo principal. Por isso a vegetação é quase contínua. Semeia-se em maio ou em junho: às vezes, faltando o frio, cresce logo viçoso; vem depois qualquer geada quando já espigado e a colheita é comprometida. Por isso, somente alguns colonos o semeiam e em quantidade reduzidíssima. Nas famílias não se come quase nunca o pão de trigo. A videira se cultivava em toda parte. Dá melhores resultados no Rio Grande do Sul; em Santa Catarina a produção na realidade é ruim.

No Rio Grande do Sul foram introduzidas muitas variedades de videiras, mas a única difundida e resistente é a americana, ou Isabela. Por isso, os vinhos destas regiões têm um gosto ligeiramente ácido e pouco agradável. Mudanças de videiras de outras espécies muito mais vulneráveis a doenças e suscetíveis às inconstâncias da temperatura, até agora não se encontrou um modo de obtê-las com segurança. As videiras no Rio Grande do Sul são cultivadas em parreiral, sustentado por troncos e plantas esquadrejadas; nos outros Estados, enfileiradas. É muito comum a presença de fungos, combatidos com sulfato de cobre. Dão prejuízo às videiras as formigas e outros insetos. Os vinhos das colônias, ou por causa do clima, ou pela qualidade dos terrenos, são deficientes de vários elementos essenciais, como álcool, tanino e açúcar. Como conseqüência, logo se deterioram e para conservá-los, como já dissemos, ao falar da indústria no Rio Grande, é preciso acrescentar-lhes estas substâncias.



NARRATIVA VISUAL da cidade

NARRATIVA VISUAL DA CIDADE: REPRESENTAÇÃO E ESQUECIMENTO NA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS¹

Carla Fernanda da Silva²

O homem imaginou uma cidade perdida na memória e a repetiu tal como a lembra. O real não é o objeto da representação, mas o espaço em que se dá um mundo fantástico. (...) A cidade se refere, portanto, a réplicas e representações, à leitura e à percepção solitária, à presença do que se perdeu. Sem sombra de dúvida se refere ao modo de tornar visível o invisível e de fixar as imagens nítidas que já não vemos, mas que continuam insistindo como fantasmas e que vivem entre nós.³

A fotografia tem uma importância fundamental na identidade visual da cidade, principalmente quando vinculada a uma publicação que tem importante papel na construção da memória local, como é o caso da *Revista Blumenau em Cadernos*, que se tornou um lugar de memória em que a visualização da fotografia possibilita o momento em que as pessoas vêem a sua cidade, refletem sobre ela, fixam seus espaços de memória.

A narrativa visual de Blumenau, composta inicialmente no livro *Centenário de Blumenau*, e repetida por Ferreira da Silva em seus livros e na revista *Blumenau em Cadernos*, está calcada na idéia de progresso,

1 Este artigo é versão modificada do Capítulo III, da dissertação de mestrado apresentada pela autora ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, intitulada: *Grafias da Luz: a narrativa visual da cidade na Revista Blumenau em Cadernos*, sob orientação da Prof.^a Dra. Ana Lize Brancher.

2 Possui mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Substituta do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: carlaf@furb.br

3 PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p 12

em que “a noção de passado está firmemente assentada na idéia de um começo germinal do presente: como sua origem, não só porque primeira, mas também porque absolutamente singular”.⁴ Assim, o autor busca no passado o sentido do presente da cidade, a sua origem. A fotografia, como objeto de rememoração da origem da cidade, torna-se uma afinidade entre o presente e o passado, ligação fragmentária, selecionada, composta de luz e sombra, memória e esquecimento.

As primeiras imagens da Colônia Blumenau, portanto, a origem da cidade, é revelada pelo pintor J. Brueggmann (1864) em desenhos à lápis (Figuras 1 e 2). São poucas as representações da colônia, por isso estes desenhos de Brueggmann e algumas fotografias são referências para Ferreira da Silva.



Figura 1 - Desenho de J. Brueggmann de 1864

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - n° 01 – Jan 1998, p.11

No artigo ‘Os Primeiros Anos de Blumenau’⁵, de Ferreira da Silva, reproduzido na coluna ‘História & Historiografia’, os desenhos

4 GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.p 160

5 Texto original publicado no Jornal de Santa Catarina de 12 e 13 de Setembro de 1972. *apud Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX, janeiro de 1998, n° 01.

de Brueggmann são utilizados como documento no texto e têm como objetivo servir de prova contrária ao relato do viajante Avé-Lallemant. Os traços do artista, testemunha ocular da história, são usados para configurar uma representação bucólica da colônia. O autor fez extensa legenda para o desenho, buscando na imagem um relato mais próximo aos seus argumentos em relação à colônia, e sua legenda enfatiza o mito de origem da cidade ao destacar o ‘barracão dos imigrantes’:

Por volta de 1864, o pintor J. Brueggmann, muito conhecido pelas suas pinturas feitas na antiga Desterro, desenhou, a lápis, com extraordinária perfeição, esta vista do barracão dos imigrantes a que se faz referências neste artigo. Por ocasião do desenho, já o barracão tinha sido fechado na parte que Lallemant ainda encontrava como simples telheiro, sem as paredes laterais.

O barracão serviu, nos primeiros anos, além de acomodação para os imigrantes que chegavam, antes de seguirem para os respectivos lotes coloniais, também de capela e de escola, onde o Professor Ostermann dava aulas de primeiras letras e, nos domingos, presidia aos officios divinos, lendo Bíblia e fazendo as vezes de pastor.⁶

Ferreira da Silva confronta o relato do viajante Avé-Lallemant sobre Blumenau, que em “livro publicado em 1859 emitiu opiniões pessimistas sobre o futuro da Colônia Blumenau, descrevendo esta como um caminho mal conservado, mas com algumas casinhas bonitas”⁷, descrição esta que muito incomodara Dr. Blumenau na ocasião. O confronto ao relato de Lallemant se dá de modo sutil, em que Ferreira da Silva contrapõe o ‘mau agouro’ de Lallemant, ao exaltar e comparar com o presente de Blumenau:

Se, na ocasião da publicação do livro de Lallemant, os colonos de Blumenau, com o seu diretor e fundador à frente, tiveram motivos de sobra para revoltar-se contra os conceitos nele emitidos e as conjecturas de mau agouro feitas pelo médico e viajante ilustre, hoje nós

6 SILVA, José Ferreira. *Os Primeiros anos de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, janeiro de 1998, nº 01. p 11

7 SILVA, 1998. Op. Cit. p 10

não podemos deixar de concordar com as suas previsões muito pouco favoráveis. De fato, Blumenau, de 1858, poucas perspectivas podia apresentar de **um futuro extraordinariamente magnífico, como lhe coube.**⁸

Na interpretação de Ferreira da Silva, os desenhos escolhidos estão longe de comprovar o relato de Lallemand, e sim exaltam as dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes, que “estimulados, pelo exemplo de Blumenau e pela confiança que o mesmo manifestava no futuro do empreendimento, atiraram-se ao trabalho. Ergueram novos ranchos, fizeram derrubadas e plantações e procuraram, por todos os meios, aliviar o fundador, das preocupações de que se via sobrecarregado.”⁹ Na escrita de Ferreira da Silva, o relato de Avé-Lallemand é transformado em uma exaltação à coragem dos primeiros imigrantes e, sobretudo, uma glorificação ao fundador.

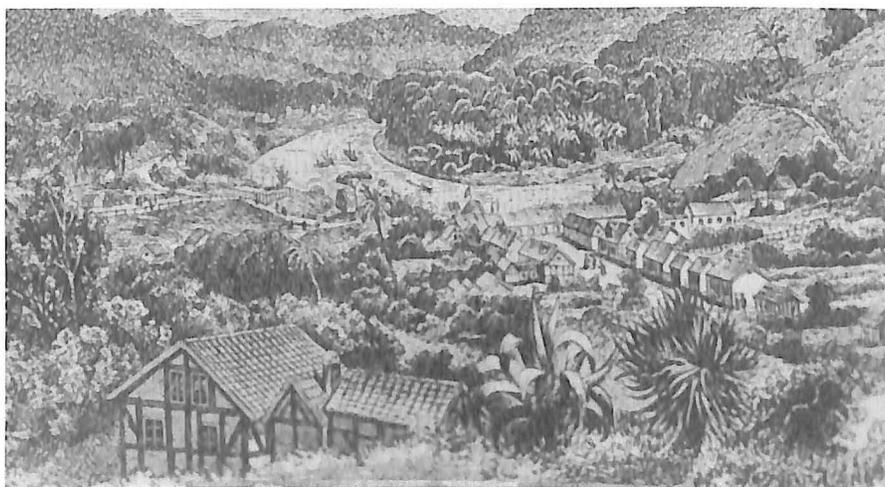


Figura 2 - Por ocasião da visita Avé-Lallemand a Blumenau, em 1858, a “cidade” era ainda menor do que mostra o desenho, feito depois de 1860. Representa a Rua das Palmeiras, com pouco mais de uma dúzia de casinhas. No primeiro plano, a casa do pastor Oswaldo Hesse era das melhores construções da “Stadplatz”.

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 01 – Jan 1998, p 12

8 SILVA, 1998. Op. Cit. p 11 (grifo meu)

9 SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972. p 42

Em outro tomo do *Blumenau em Cadernos*, dedicada exclusivamente à biografia de Dr. Blumenau escrita por Karl Fouquet¹⁰, o desenho de Brueggmann acima é reproduzido como ilustração ao texto¹¹, em que Fouquet destaca as seguintes palavras de Hermann Blumenau:

Minha colônia poderá e deverá tornar-se um refúgio para imigrantes de língua alemã e de origem germânica que, com o suor do seu rosto, procurem o seu ganha-pão e um futuro garantido e sem preocupações para si e seus filhos. **A privilegiada situação natural da colônia promete ali a formação de uma comunidade florescente e própria.**¹²

A primeira fotografia da colônia Blumenau data de 1868 (Figura 3), quase dez anos após a publicação do livro de Avé-Lallemant, porém representa a impressão do viajante sobre a cidade. Também ilustra o texto de Ferreira da Silva, em que discorre sobre as dificuldades financeiras que Hermann Blumenau teve para edificar a colônia, além do fato de seu sócio Hackradt ter usado indevidamente o dinheiro para a construção da colônia, o que refletiu na construção dos primeiros casebres, apenas uns ranchos mal ajeitados.¹³ Mesmo a fotografia feita quase vinte anos após o início da colônia, ela reflete a dificuldade dos primeiros tempos da colonização. Esta fotografia também ilustra texto de Karl Fouquet, *Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau – Vida e Obra*, porém deslocada em relação ao contexto do texto,

10 Karl Fouquet, estudou Letras Anglo-Germânicas e História em Marburgo e Munich, doutorado em Filosofia em Marburgo, em seus escritos ocupou-se principalmente da história da imigração e colonização alemã no Brasil e de pesquisas genealógicas. Centenário de Blumenau. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950. p 333

11 Também reproduzido no *Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- n° 10 – Outubro 1999, p 55

12 BLUMENAU, Hermann. *Apud* FOUQUET, Karl. *Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau – Vida e Obra*. Blumenau em Cadernos. Tomo XL - n° 10 - outubro de 1999. p 55 (grifo meu)

13 SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Blumenau em Cadernos. Tomo XLI, setembro/outubro de 2000, n° 9/10. Edição Comemorativa dos 150 anos de Fundação de Blumenau. p 39

que discorre sobre sua primeira viagem ao Brasil. O parágrafo sobre a fotografia também ressalta o problema financeiro para o empreendimento da colônia, destacando que Dr. Blumenau dispunha apenas de poucos recursos monetários. Tinha pressa, entretanto, em atacar os problemas que o esperavam na Alemanha.¹⁴ Problemas financeiros oriundos da falta de apoio dos Governos brasileiro e alemão, Hermann Blumenau, “meteu, sozinho, mãos à tarefa ingrátíssima de levar para diante, quase sem recursos pecuniários, o estabelecimento que idealizara, e que lhe daria ainda muitas dores de cabeça, muitos desgostos e aborrecimentos.”¹⁵



**Figura 3 – Vista da Colônia em 1868, no centro da rua principal
o Barracão dos Imigrantes.**

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXVIII - nº 11 – Nov/Dez 1997, p 26

A ‘realidade’ da imagem fotográfica da colônia confronta os desenhos bucólicos de J. Brueggmann e os textos de Ferreira da Silva e

14 FOUQUET, 1999. Op. Cit. p 42

15 SILVA, 2000. Op. Cit. p 39

Karl Fouquet, porém é usada para ressaltar novamente o fundador, que ‘sozinho’ teve que empreender a colônia. Legendas e textos não permitem uma leitura isenta do discurso fundante, por meio deles essas imagens são transformadas em representações do passado contido no presente da cidade.

Complementando o discurso dos historiadores, esta fotografia¹⁶ (Figura 3), também ilustra o fim do Relatório da Colônia de Blumenau sobre o ano de 1874¹⁷, na coluna ‘Blumenau rumo aos 150 anos de Fundação’, em que temos relato de Hermann Blumenau descrevendo o referido ano, onde as dificuldades da colônia são ressaltadas, assim como o excesso de trabalho destinado ao Diretor da Colônia e a sua baixa remuneração.

A rememoração da história por meio da narrativa visual e textual da colônia, por vezes faz emaranhar, nos relatos de origem da cidade, a pessoa de Hermann Blumenau e a colônia Blumenau. Porém, a responsabilidade pelas péssimas condições iniciais da colônia não recai sobre a figura do fundador, mas sobre os Governos, ora ao Governo Brasileiro, ora ao Governo Alemão, que não ajuda seus cidadãos em outro país. De fato, na escrita historicista Hermann Blumenau é a origem ‘natural’ do progresso da cidade.

O conjunto de imagens da Blumenau Colônia constitui uma representação campestre, isolada. Os retratos daqueles que a construíram, em especial Hermann Blumenau, são as fotografias mais representativas deste período. Ou seja, o papel e o trabalho que cada um desenvolveu para construção da Colônia são mais significativos que a obra em si, visto suas imagens mostrarem a fragilidade das primeiras décadas de Blumenau, contrariando o discurso ufanista.

16 Reproduzida nas seguintes edições do *Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- n° 10 – Outubro 1999, p 42; *Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV - n° 9/10 – set/out de 2004, p 19

17 *Blumenau em Cadernos*. Tomo XL, maio de 1999, n° 05.

Com a transição do século XIX para o século XX a necessidade da construção de uma representação de cidade moderna se intensifica, um modo de atestar a vitória da civilização sobre a selva que os primeiros colonizadores encontraram. Sobretudo, há o desejo de fazer Blumenau figurar entre as grandes cidades brasileiras, fazendo, assim, com que as imagens da cidade dessem visibilidade à representação do progresso, conferindo-lhe este *status* de modernidade. A fotografia é um dos símbolos deste *status*, por meio desta é possível divulgar a modernidade, uma representação a partir do real. A fotografia é consumida, e raramente analisada. Assim, não é compreendida como uma representação que passa por um processo de criação/construção do fotógrafo, mas como um testemunho incondicional da história, uma verdade exposta.

No início do século XX a fotografia tem um papel de destaque em relação à representação das cidades, pois as novas tecnologias de impressão permitem a ampla divulgação de Cartões Postais, e estes se tornam a grande moda na Europa. Kossoy afirma que o cartão postal é um mundo portátil, fartamente ilustrado, passível de ser colecionado, constituído de uma sucessão infindável de temas que vem finalmente saciar o imaginário popular.¹⁸ Os cartões postais tornam notáveis os prédios, ruas, praças e monumentos, faz da cidade um palco, onde são encenadas as disputas políticas da modernidade.

Analisando o papel dos postais na sociedade e o impacto destes, percebe-se que em um “primeiro momento, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, decreta notável aquilo que fotografa.”¹⁹, criando uma narrativa sobre a cidade por meio de seus prédios, ruas, praças, que logo

18 KOSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. p 63

19 BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p 57

constituirão a memória da cidade, pois evidencia o que constitui lugar de memória. Na escolha estabelecida pela elite local, com base em sua história particular, elegem-se as ruas, praças e prédios do centro urbano da cidade, tornando invisíveis outros espaços da cidade, sobretudo o que estes possam representar. Os espaços que figuram como locais de memórias da cidade, também fixam os privilégios conquistados pela elite, e são estes lugares “onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades.”²⁰ Os postais educam os sentidos dos moradores da cidade e dos viajantes, indicando para estes o que é importante ser olhado, e para os moradores o que deve ser rememorado.

Blumenau tem duas séries de cartões postais que figuram constantemente no *Blumenau em Cadernos* como ilustração da cidade. A primeira editada por Eugen Currlin, proprietário de uma livraria, tipografia e comércio de importações, no início do século XX. Foi impressa na Alemanha e deve fazer parte da estatística de cartões produzidos naquele país, que no ano de 1899 chegou a 88 milhões de unidades, seguida pela Inglaterra de 14 milhões, Bélgica: 12 milhões e França: 8 milhões.²¹ Os postais tiveram na Alemanha seus principais colecionadores, hábito trazido para Blumenau por aqueles que emigraram neste período. Os postais de Currlin não eram apenas *souvenirs* de colecionadores, representavam uma ‘tentativa de enraizamento’ do imigrante, em que revela o ‘trabalho de conquista da paisagem’²² pelo colonizador. Nesta série de cartões não há menção aos fotógrafos, que neste período eram Alvin Seelinger e Franz Scheidemantel. Estas fotografias foram encomendadas para a edição dos

20 CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. SP: Ed. USP, 2006. p 160

21 KOSSOY, 2002. Op. Cit. p 64

22 SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In História da Vida Privado no Brasil. SP: Cia das Letras, 1998. p 424.

postais, e é possível que tenha sido realizada por um destes fotógrafos de Blumenau, ao invés de um fotógrafo viajante.

Na segunda série de postais, editada por Arthur Koehler²³ na década de 1930, também não há menção ao fotógrafo, mas muitos destes postais fazem parte do livro do *Centenário de Blumenau*, e sobre este, em suas memórias, Alberto Baumgarten afirma que “muitas das fotos ali inseridas são de execução de meu pai,”²⁴ no caso Hans Baumgarten, filho de Alfred, que assume o ateliê fotográfico do pai em 1943, mas já exercia a profissão desde 1935, quando instalou seu Ateliê na cidade Brusque. Algumas destas fotografias foram coloridas e, segundo Alberto Baumgarten, uma das características mais notáveis de seu pai era a capacidade em colorir fotos de paisagens e de casamentos. Nesta época não havia os recursos existentes dos dias de hoje, as fotos coloridas.²⁵ Estas memórias podem nos aproximar da autoria das fotografias, porém não identificar seu autor.

Currlin, e principalmente Koehler, muito contribuíram para a construção da imagem da cidade de Blumenau. As coleções de cartões postais delimitam a cidade visível ao centro urbano, ocultando a Blumenau rural e, principalmente, a Blumenau indesejada, ‘pobre e suja’²⁶, que precisava ser modificada. Estes postais constroem um novo modo de olhar a cidade, apresentam a transição da colônia para a cidade idealizada pelo enquadramento do fotógrafo, que nos mostra o quê deve ser valorizado nesta nova cidade que se apresenta. Assim, essa narrativa fragmentária conduz nosso olhar para espaços que dão visibilidade à ordem, progresso,

23 Emigrou para Blumenau em 1892, onde primeiramente trabalhou como vendedor viajante para os irmãos Hering, seus tios. Depois trabalhou no jornal *Der Urwaldsbote*, que adquiriu posteriormente, juntamente com uma tipografia. *Centenário de Blumenau*, 1950. Op. Cit. P 410.

24 BAUMGARTEN, Alberto. *Pioneiros da Arte Fotográfica*. Blumenau em Cadernos. Tomo XLV – nº 07/08 – julho/agosto de 2004. p 93

25 BAUMGARTEN, 2004. Op. Cit. p 95

26 BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939 - 1940 – Pref. José Ferreira da Silva*

higiene e beleza - espaços estes que ao longo do tempo tornaram-se lugares de memória.

As fotografias dos postais serviram num primeiro momento para a construção da memória, e a permanência delas nas publicações da revista *Blumenau em Cadernos* continuam entrelaçando os discursos sobre a cidade. Currlin, ao editar a primeira série de postais, apresenta uma cidade em transição, cumprindo as aspirações de progresso de seu fundador, mas sem deixar de expor a tradição étnico-cultural de Blumenau.

O grande palco é o *Stadtplatz*, o marco zero de Blumenau, o centro da Colônia (Figura 18), cujo enquadramento fotográfico privilegia determinado ângulo, cuja perspectiva nos mostra uma avenida arborizada, o que nos evoca os álbuns fotográficos de grandes cidades como São Paulo²⁷, Recife, Rio de Janeiro²⁸, em que a arborização fazia parte do projeto urbanístico das cidades. Assim, o fotógrafo imita cartões postais de grandes cidades, evocando para Blumenau o discurso de cidade. No entanto, com um olhar mais atento, percebe-se as ruas não calçadas e precárias; o saneamento em valas abertas na rua XV de Novembro (Figura 20) - obrigando a construção de pontes com estabilidade duvidosa; a ausência de iluminação pública; prédios com um único piso; mostrando-nos uma cidade longe do modelo civilizatório e higienista. O fotógrafo busca os ângulos que podem aproximar a imagem de um ideal de cidade, porém o centro de Blumenau oferece pequenas e estreitas ruas que lembram seu passado de colônia.

27 LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

KOSSOY, Boris. *Álbum de Fotografias do Estado de São Paulo 1892: Estudo Crítico*. SP: Kosmos/CBPO, 1984

28 KOSSOY, Boris. *Op. Cit.* 2002.



Figura 4: Avenida Dr. Blumenau – Ruas das Palmeiras (Stadtplatz)
Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 11/12 – Nov/Dez 1998, p 59

O *Stadtplatz* e a Rua XV de Novembro simbolizam a origem da colônia, representando materialmente o mito fundador da cidade, pois elas são o passado comum dos cidadãos, possuindo um forte sentido simbólico para a história do município e para aqueles que compartilham a crença deste passado comum.²⁹

A revista *Blumenau em Cadernos* nos apresenta a fotografia da rua das Palmeiras junto ao texto do viajante Robert Gernhard, que em seu texto *O Município de Blumenau*, no qual descreve a cidade, por vezes, a compara com cidade de Joinville, sempre elogiando o município, mas compreendendo-o como um sucesso em razão do caráter empreendedor alemão. Assim, no parágrafo logo acima da fotografia lemos o seguinte texto:

²⁹ Fotografia também reproduzida no *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXVIII - nº 11 – Nov/Dez 1997, p. 14

O *Stadtplatz* de Blumenau nem de longe tem a respeitável extensão de Joinville, mas em compensação tem um bom número de localidades bem desenvolvidas. Entre 1850 e 1899 devem ter imigrado cerca de 10000 pessoas de origem alemã e o *Stadtplatz* tem 300 casas, com mais de 1200 habitantes.³⁰

Esta fotografia dialoga com o texto de Gernhard, ao dar visibilidade à cultura alemã da cidade e também ao seu discurso de progresso. O texto discorre sobre os produtos exportados por Blumenau, os estabelecimentos comerciais de maior destaque na cidade e seus proprietários - todos de origem alemã.

A série de cartões postais de Currlin mostra-nos uma cidade renovada, em busca de uma sintonia com o discurso do progresso, mas dando continuidade a sua tradição germânica. Apresenta imagens que podem evocar tanto a colônia idealizada, como, em oposição ao rural, a cidade almejada.³¹



Figura 5: Blumenau início do século XX

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo VIII - nº 4 – Nov. 1966, p. 69

30 GERNHARD, Robert. *O Município de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX, Novembro/Dezembro de 1998, nº 11/12. p 59

31 *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 11/12 – Nov/Dez 1998, p 57

Ao utilizar estas fotografias como extensões de seus textos e na coluna *Blumenau Antigo* do *Blumenau em Cadernos*, Ferreira da Silva as utiliza como comparativo com o presente, principalmente para referenciar os moradores e comerciantes daquelas ruas. O comércio retratado nestas fotografias referencia a prosperidade do local, mas ao citar os antigos moradores destas ruas, o autor também nos apresenta a elite local, indicando que estes são os responsáveis pelo progresso conquistado por Blumenau.

Prédios e ruas presentes nestes postais não dão visibilidade à ‘cidade almejada’, por mais bem trabalhada que tenha sido a perspectiva do postal. As fotografias representam um devir do presente, e na escrita de Ferreira da Silva, encontram seu sentido no progresso do presente. Ao descrever e comparar a fotografia acima (Figura 5) o autor finaliza seu texto “Quem viu esse trecho há uns sessenta nos atrás e o vê hoje...”³² O passado da fotografia só expressa seu sentido no progresso do presente.



Figura 6: Rua XV de Novembro Eugen Curril
Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo X - nº 4 – Abril 1969, p. 64

32 *Blumenau em Cadernos*, Tomo VIII - nº 4 – Nov. 1966

Se o ideário de Currilin mostra a cidade oscilando com a ruralidade, por vezes entendida como tradição e discurso do progresso; Arthur Koehler, na sua série de cartões postais da década de 30, já exhibe imagens em que a transição para a ‘cidade’ se apresenta de forma mais concreta. São imagens em que a reinvenção da cidade se apresenta permanentemente. As ruas mostram-se mais largas, calçadas, e é perceptível a existência de passeio público. As fotografias têm como foco central as ruas e não os prédios, pois agora a cidade apresenta um conjunto arquitetônico, diferentemente dos postais de Currilin, em que a centralidade em alguns prédios era necessária para sustentar o discurso de progresso.

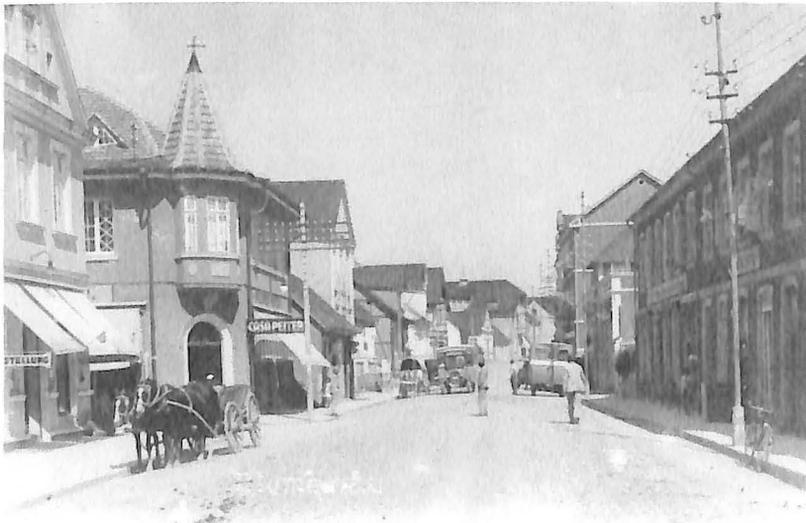


Figura 7 – Rua XV de Novembro

Blumenau do tempo das carroças e dos primeiros automóveis

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo V - n° 11/12 – Nov./Dez. 1962, p. 161

Não é apenas a estrutura arquitetônica que dá novo sentido ao centro urbano. Nestas fotografias, é possível observar a ‘movimentação’ da cidade, pedestres, carroças e carros em circulação. O mesmo padrão é observado nos álbuns sobre a cidade de São Paulo³³, cujas imagens

³³ LIMA, 1997. *Op. Cit.*

procuram dar visibilidade ao desenvolvimento econômico do local e as pessoas e carros evidenciam o trabalho e a circulação de mercadorias. A importância dada à circulação de mercadorias torna-se mais evidente nos postais relacionados à Estrada de Ferro, em que se observa o trem, a Estrada e também a Ponte de Ferro³⁴ que cruza o Rio Itajaí, hoje um dos principais ‘cartões postais’ da cidade.³⁵



Figura 8 – Rua XV de Novembro final da década de 30

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo I - n° 1 – Nov. 1957, p. 12³⁶

A fotografia não apenas registra a modernidade, a câmera fotográfica e a própria fotografia são objetos da modernidade. Assim, além de exibir outros objetos da modernidade, a fotografia participa e representa o moderno. Nos postais de Koehler, é perceptível o papel de construção de imagem exercido pelo fotógrafo; o olhar atento ao *studium* da fotografia

34 Ponte Aldo Pereira de Andrade

35 *Blumenau em Cadernos*. Tomo VII – n° 4 – nov. de 1966

Blumenau em Cadernos. Tomo XLV - n° 5/6 – maio/junho de 2004, 84

36 Reproduzidas nas edições: *Blumenau em Cadernos*. Tomo VI – n° 2 – fevereiro 1963, p 27; *Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- n° 04 – Abril 1999, p 19

nos faz perceber o ponto de fuga sob o qual a imagem é organizada; a perspectiva acentua a noção de profundidade, assim a representação da cidade é ordenada.

Nestas fotografias o estudo profissional do fotógrafo está presente na preocupação da organização do espaço da cidade exibido nas imagens e, em relação ao conjunto de fotografias analisadas, estas são as mais estruturadas. O que remete novamente a autoria destas fotografias, sendo que Hans Baumgarten fez curso de especialização em fotografia na Alemanha em 1932³⁷, estudando assim os manuais de fotografia do período, que além da técnica, também difundiam padrões estéticos³⁸. Nestes postais, a renovação urbana de Blumenau é exibida a partir um padrão estético, também observado em fotografias de outras cidades brasileiras.

A narrativa deste conjunto de fotografias mostra a transformação de Blumenau, em que a maquinaria urbana moderna se sobressai à cidade, tornando-a cenário. A partir dos fragmentos-postais emerge a imagem-conceito da cidade, que representa os anseios de identidade de sua população, não em relação a sua etnicidade, explícito nos textos, mas sim enquanto modernos.

As fotografias apresentadas até o momento traçam uma narrativa de memória da cidade de Blumenau, em que a veiculação na revista *Blumenau em Cadernos*, enquanto memória oficial, dá continuidade a uma representação de modernidade. Assim, num jogo de lembranças e esquecimentos, a memória da cidade vai se moldando sob a objetiva do fotógrafo, que a constrói por fragmentos do seu olhar. A escolha de determinados espaços urbanos, casas, ruas e praças, como representação de um passado da cidade, fez destes lugares de memória e por fim patrimônio

37 *Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV – nº 07/08 – julho/agosto de 2004

38 RIBEIRO, Suzana Barreto. *Percursos do Olhar: Campinas no início do século XX*. SP: Anna-blume; Fapesp, 2006, p 89-91

histórico. Por vezes, “preservar um lugar histórico é uma tarefa sem outro fim que o de guardar modelos estéticos e simbólicos.”³⁹

A afirmação destes lugares de memória por meio do documento fotográfico, não tem a intenção apenas de lembrar; muitas vezes, uma fotografia, tem a intenção de fazer esquecer. “O não fotografado pode perecer com a memória daqueles que presenciaram determinado acontecimento, sendo que este pertence essencialmente à linguagem.”⁴⁰ Assim, a repetição do espaço organizado da cidade também pretende fazer esquecer os espaços de desordem.

Em 1929, quando iniciou a construção da Ponte de Ferro, alguns trabalhadores da Estrada de Ferro ocuparam as margens do rio próximo à ponte. Cerca de 102 barracos foram construídos no local, chamado de Favela Farroupilha. A ausência destas temáticas no *Blumenau em Cadernos*, até o ano 1997, está dentro do discurso higienista sustentado por Ferreira da Silva, que ao citar o local em Relatório de Governo em 1941, o designa como problemático:

Foram, então, construindo, nas imediações da via férrea, com restos de madeira e outros materiais, pequenos ranchos, cobertos de palha a até de papel grosso. Formouse, na encosta do morro da Boa Vista, uma verdadeira “Favela”, que conta já com número superior de cinquenta mocambos. Esse agrupamento já tem dado que fazer aos encarregados de manter a ordem. E, se não houver, por parte deles e da Administração Municipal, providencias radicais, dentro de futuro próximo teremos, ali, um foco de doenças, de desordem e de imoralidade que dará muitas dores de cabeça às autoridades.⁴¹

Em 1948, a Câmara de Blumenau, através do vereador Herbert Georg, começa a discutir e estudar o ‘problema’ dos farroupilhas.⁴² O

39 CANCLINI, 2006. Op. Cit. p 161

40 DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. SP: Perspectiva, 2003. p23

41 BLUMENAU. *Relatório de Governo 1940 – Pref. José Ferreira da Silva*. p. 43 (Grifo do Autor)

42 FAUSTINO, Evemara. *Rua Araranguá: memória e origem*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII – n° 11/12 – novembro/dezembro de 2002 p 49

da Silva como necessário, pois para ele o problema tinha um sentido moral. Assim, entre seus projetos de governo, criou uma Escola Agrícola, pois compreendia ser necessário afastar as crianças de suas casas para lhes garantir uma educação adequada, que somente o Estado poderia oferecer.

Foi pensando dessa maneira que resolvi consignar no orçamento para 1940 a quantia necessário ao estabelecimento de uma “Escola Agrícola Municipal” destinada a recolher, dando-lhes alimento e instrução, os filhos de pais reconhecidamente pobres e, preferencialmente, as crianças da “Farroupilha”. Educadas num ambiente de disciplina, ordem e asseio, de respeito, moralidade e amor ao trabalho, essas crianças não voltarão, depois de terminado o curso, para mocambos, e se a tanto forem obrigadas, estarão em condições de dar a seus pais e irmãos, conselhos e exemplos capazes de transformar, para melhor, o ambiente em que vivem, pondo, quando de maior idade tiverem de constituir famílias, em pratica nos novos lares os preceitos, as normas aprendidas na escola⁴⁵



Figura 10 – Favela Farroupilha, às margens do Rio Itajaí-Açu, próxima à Ponte da EFSC

Fonte: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIV- n° 1/2– Jan/Fev 2003, p 75

45 BLUMENAU, 1940. p. 44.

A cidade moderna se constrói também a partir dos ideais de saneamento público, fortemente defendidos no Brasil dos anos 20 aos 40. Enquanto o Rio de Janeiro demoliu seus cortiços para a construção desta nova cidade⁴⁶, imortalizados na literatura com a obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, a favela Farroupilha em Blumenau foi legada ao esquecimento e, na memória fotográfica oficial, a cidade se construiu enquanto cidade saneada, fruto da racionalidade e do planejamento, desde a sua origem.

Assim, a favela Farroupilha desaparece da memória da cidade. Seu registro é a memória daqueles que ali moraram, e umas poucas fotografias no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. O que possibilitou a sua presença na revista *Blumenau em Cadernos*, foi a mudança editorial ocorrida a partir de 1997, quando foi criado um Conselho Editorial para a revista, buscou um novo perfil. As pessoas que passaram a fazer parte do Conselho Editorial “eram vinculadas a Universidades, desenvolveram pesquisas, e com isso a revista passou a ser vista pelos pesquisadores como uma fonte de pesquisa com maior seriedade.”⁴⁷

Novos espaços e personagens da cidade passam a figurar nos textos da revista, porém muitos não fizeram parte da seleção dos fotógrafos, por serem temas considerados irrelevantes. O silêncio dos fotógrafos delinea o espaço da cidade e ressalta a história dos vencedores, relegando ao esquecimento fatos e sujeitos históricos que contradizem o discurso do progresso.

Esta leitura de progresso presente na revista *Blumenau em Cadernos* é marcada não apenas pelas fotografias publicadas, mas também pelos seus silêncios. Em relação à cidade, a Favela Farroupilha não tem espaço, condenada pela intenção higienista do editor Ferreira da Silva, e a

46 CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. SP: Cia das Letras, 1996.

47 PETRY, Sueli. Entrevista concedida a Carla Fernanda Silva. 2005

história dos construtores da estrada de ferro, que passam a morar em suas margens, somente foi relembada após a reformulação da concepção da revista.

A ordem, o progresso, o higienismo e o homem civilizado compõe o discurso deste conjunto de fotografias e daqueles que após as utilizaram para ilustrar os textos da revista *Blumenau em Cadernos*. Discurso composto pelo historiador José Ferreira da Silva e que poucas rupturas teve ao longo dos cinquenta anos de edição. Portanto, enquanto editada por José Ferreira da Silva, os artigos presentes na revista exaltam o passado de Blumenau e, ao reescrever os fatos da história, destacam a sua origem como causa do progresso no município, assim como sua diferenciação em relação ao restante do país. Segundo Benjamin “o conceito de progresso precisou opor-se à teoria crítica da história a partir do momento em que deixou de ser usado como medida de determinadas transformações históricas para servir como medida da tensão entre um lendário início e um fim da história.”⁴⁸ O conceito de progresso empregado por Ferreira da Silva inibe a reflexão crítica da história de Blumenau, visto pensar a sociedade em um movimento retilíneo de evolução, em que o presente está calcado no esforço do trabalho dos pioneiros da Colônia Blumenau. Ferreira da Silva, ao fazer sua leitura histórica a partir do progresso do município, faz da revista *Blumenau em Cadernos* um espaço para exaltar suas origens.

A cidade, eternizada pelo olhar do fotógrafo, é representada pelo constante progresso, cuja certeza encontra-se em sua fundação. Assim, as grafias da luz formam representações da cidade, e publicadas na revista *Blumenau em Cadernos*, como um novo suporte de reprodutibilidade, repetem o discurso do progresso.

48 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006. p 520

REFERÊNCIAS

Fontes:

- Acervo Fotográfico. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Blumenau - SC
- Acervo Documental Histórico José Ferreira da Silva. Blumenau – SC. Fundo José Ferreira da Silva.
- BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939* – Pref. José Ferreira da Silva
- BLUMENAU. *Relatório de Governo 1940* – Pref. José Ferreira da Silva
- PETRY, Sueli. Entrevista concedida a Carla Fernanda Silva. 2005
- Blumenau em Cadernos*. 1957 – 2007. Editora Cultura em Movimento: Blumenau – SC.

Bibliografia:

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. SP: Ed. USP, 2006.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. SP: Cia das Letras, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. SP: Perspectiva, 2003.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- KOURY, Mauro Guilherme (org). *Imagem e Memória: imagens em Antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- KOSSOY, Boris. *Álbum de Fotografias do Estado de São Paulo 1892: Estudo Crítico*. SP: Kosmos/CBPO, 1984
- KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.
- LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997
- PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. São Paulo: Cia das Letras, 2006

RIBEIRO, Suzana Barreto. *Percursos do Olhar: Campinas no início do século XX*. SP: Annablume; Fapesp, 2006.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In *História da Vida Privado no Brasil*. SP: Cia das Letras, 1998.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis – Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972. p 42



O livro de
FRITZ MÜLLER
no Brasil

O LIVRO DE FRITZ MÜLLER NO BRASIL

Luiz Roberto Fontes¹

Stefano Hagen²

... eu posso verdadeiramente dizer que vejo a publicação de seu ensaio como uma das maiores honras que jamais me foram conferidas. ...

Charles Darwin (carta a Fritz Müller, 18/março/1869)

INTRODUÇÃO

Johann Friedrich Theodor Müller, ou simplesmente Fritz Müller (1822-1897), nome com o qual se tornou mundialmente conhecido, viveu no Brasil a fase mais produtiva de sua longa vida devotada à ciência. Aqui chegou em 1852, aos 30 anos de idade, instalando residência fixa na colônia fundada havia apenas 2 anos pelo Dr. Hermann Blumenau — a atual cidade de Blumenau-SC —, onde trabalhou na lavoura na condição de colono e, até o seu falecimento em 1897, produziu nada menos do que 237 publicações sobre a fauna e a flora do leste catarinense, do total de seus 248 estudos científicos³. Um gigantesco legado à ciência, porém até modesto se comparado ao auxílio que concedeu a inúmeros naturalistas do século XIX, que o procuravam pessoalmente ou com quem se correspondia através de longas e circunstanciadas cartas, atendendo suas requisições de observações de campo realizadas na exuberante natureza que o circundava, e aos quais encaminhava material para coleções e estudo científico.

Fritz Müller passou 11 anos em Desterro (atual Florianópolis), de 1856 a 1867, e foi nesse período que escreveu seu único livro, o *Für Darwin*, com o mérito de ser o primeiro no mundo a apoiar a tese darwiniana

da evolução das espécies pela seleção natural na luta pela sobrevivência. Esse livro foi publicado em 1864 na Alemanha, apenas 5 anos após o revolucionário livro de Charles Darwin (1ª edição em 1859), *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life* (na 6ª edição, de 1872, considerada a versão completa dessa obra, o título foi simplificado para *The origin of species*). O livro *Für Darwin* apareceu na plena ebulição dos debates evolutivos no continente europeu, quando partidários e opositores se polarizavam nos extremos do criacionismo fixista e do evolucionismo ateu⁴. Tão grande foi o impacto da obra, que o próprio Darwin solicitou ao autor a autorização e providenciou a tradução e publicação da 2ª edição em língua inglesa, em 1869, com alguns aditamentos do autor e título alterado para *Facts and arguments for Darwin*.

Apesar de sua importância na consolidação do paradigma evolutivo darwiniano⁵, o livro de Fritz Müller é pouco conhecido na atualidade. Curiosamente, é mais conhecido no exterior, por conta de re-impressões da edição inglesa em papel ou na forma digitalizada de *e-book* (livro eletrônico). Em língua portuguesa sequer existe uma re-impressão atual⁶, nem para resgatar a riqueza de observações sobre a história natural dos crustáceos da costa catarinense, tampouco para o inserir no conjunto de comemorações do ano vindouro (2009), denominado *Big Year* de Darwin e do evolucionismo, quando se comemora o bicentenário do nascimento do cientista e os 150 anos da publicação de seu magnífico livro.

ANTECEDENTES – DIE ENTSTEHUNG DER ARTEN

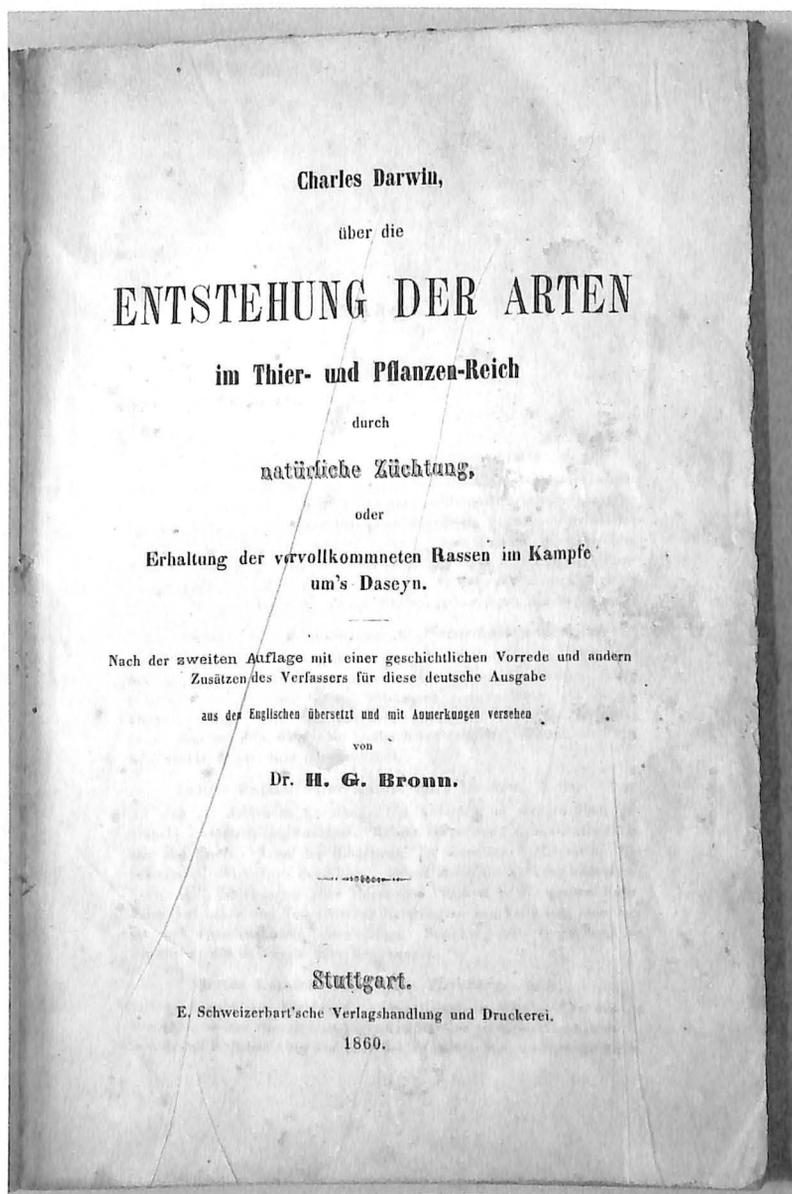


Figura 1: Página de rosto do livro *Die Entstehung der Arten...*, que pertenceu a Fritz Müller e o inspirou nos estudos que resultaram na elaboração do *Für Darwin*. Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau-SC.

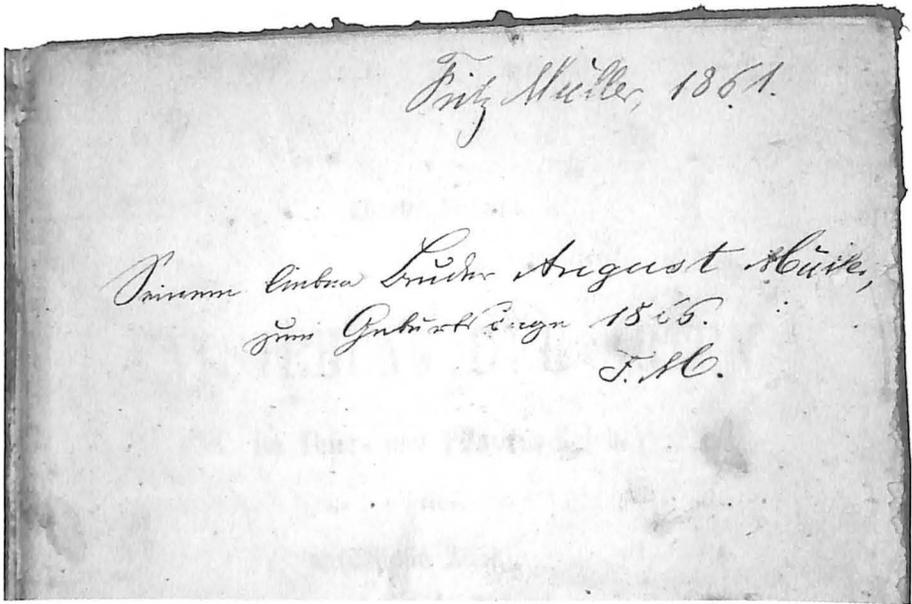


Figura 2: Página de guarda do livro *Die Entstehung der Arten...* (1ª edição, 1860), assinado e datado por Fritz Müller em 1861. Mais abaixo, há uma dedicatória de Fritz Müller a seu irmão August, oferecendo-lhe o *Die Entstehung der Arten...* por ocasião de seu aniversário em 1866.

Fritz Müller não conheceu a idéia darwinica no original em língua inglesa, mas na tradução alemã da 1ª edição, realizada pelo médico alemão devotado a estudos geológicos e paleontológicos, Heinrich Georg Bronn. Essa tradução apareceu em 1860, sob o título *Über die Entstehung der Arten im Thier- und Pflanzen-Reich durch naturliche Züchtung, oder Erhaltung der vorvollkommneten Rassen im Kampfe um's Daseyn*⁷.

Existe apenas um exemplar dessa obra no Brasil (Fig. 1). Trata-se daquele que pertenceu ao próprio Fritz Müller e o inspirou nos estudos que resultaram na consecução do *Für Darwin*. Esse exemplar pertence ao acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, e está assinado e datado na folha de guarda (Fig. 2)⁸:

Fritz Müller, 1861.

Logo abaixo, há outra inscrição, em realidade uma dedicatória:

*Meinem lieben Bruder August Müller,
zum Geburtstag 1866.*

F. M.

(Para meu querido irmão August Müller, pelo aniversário 1866. F. M.).

Essas inscrições no livro que originalmente pertenceram a Fritz Müller nos esclarecem dois aspectos importantes na vida do naturalista:

(1) Fritz Müller realmente tomou conhecimento das idéias evolutivas darwinianas através da edição alemã do livro de Charles Darwin. Esse exemplar chegou a suas mãos em 1861, mas a data exata do recebimento é desconhecida. Como o manuscrito do *Für Darwin*, em sua conformação final, foi enviado a Max Schulze na Alemanha em fevereiro de 1864⁹, então Fritz Müller desenvolveu todo o complexo estudo dos crustáceos, sob o ponto de vista evolutivo darwiniano, entre os anos de 1861 ao início de 1864, ou seja, em aproximadamente 3 anos. Descontados os tempos dispendidos na leitura da volumosa obra de Darwin e na finalização do manuscrito, o período experimental seguramente foi menor, não chegou a completar 3 anos.

(2) Curiosamente, apenas 2 anos após a publicação do *Für Darwin*, Fritz Müller decide ofertar ao irmão August, que o acompanhou na imigração à colônia alemã do Dr. Hermann Blumenau, o seu exemplar do *Die Entstehung der Arten*. Esse fato mostra o enorme desprendimento do naturalista em relação aos bens materiais, mesmo sendo algo tão caro aos seus anseios de leitura e pesquisa científica na então distante colônia em que vivia.

Sobre a chegada do livro às mãos de Fritz Müller, duas cartas endereçadas a Max Schulze¹⁰ são elucidativas. Em carta de 27 de junho de 1860, ele assinala que ... *o envio de livros do ano passado chegou no final de março* ..., dando a impressão de haver um envio anual de literatura. Como a produção científica, que eventualmente interessasse ao naturalista, na época

não era tão vasta como a atual, e tendo em conta a demora no trâmite da correspondência entre a Alemanha e o Brasil, é natural que assim se procedesse, embora uma ou outra obra de maior importância poderia receber um tratamento diferenciado. Se este foi o caso do *Die Entstehung der Arten*, ou se o livro veio no conjunto de uma remessa maior em 1861, não sabemos. Em outra carta, de 16 de fevereiro de 1862, Fritz Müller esclarece claramente os motivos que o levaram a escolher os crustáceos para demonstrar a teoria evolutiva: ... *Eu tive vontade de soltar algumas observações gerais a favor da teoria da seleção natural de Darwin, mas desisti. A melhor prova da teoria será se ela, sem forçar, puder ser aplicada a situações especiais e conseguir trazer luz e ordem a uma situação aparentemente caótica. Uma aplicação deste tipo eu espero poder lhe dar na história de desenvolvimento dos crustáceos e desta forma ajudar mais a teoria do que através de deduções gerais, que no final só podem contar com a aprovação daqueles que já estão de acordo com esta visão de mundo. Esta esperança foi fundamental para minha decisão de me dedicar exclusivamente a esta classe de animais ...* Depreende-se que Fritz Müller tinha um interesse amplo e diversificado³, acumulara observações e conhecimento sobre os crustáceos, mas concentrou seus estudos nesta classe após 1861, com a leitura e o entusiasmo despertado por *Die Entstehung der Arten*. Logo apareceria o conjunto desses estudos, no *Für Darwin*.

FÜR DARWIN, 1864

Müller, Fritz, 1864. *Für Darwin*. Wilhelm Engelmann, Leipzig, 91 pp. (Fig. 3)

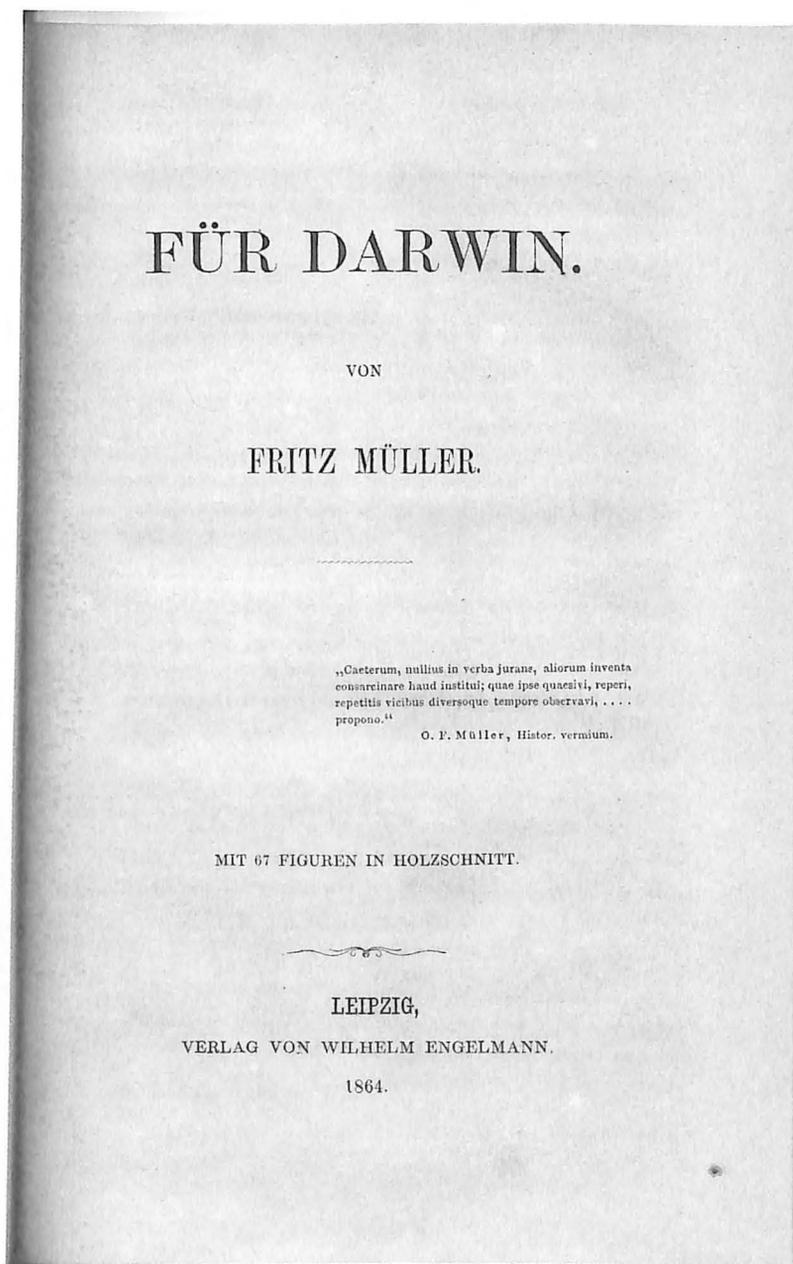


Figura 3: Página de rosto do livro *Für Darwin* (1864). Acervo de L. R. Fontes.

Há 3 exemplares no Brasil.

1- Museu Nacional, Biblioteca, Setor de Obras Raras, Rio de Janeiro (Figs. 4-5). Exemplar encadernado, com lombada e cantos em material mais resistente (tipo percaline ou tecido) e restante em papel, o qual também encobre o tecido mais resistente dos cantos. Na lombada estão, em dourado bem desgastado, o nome do livro e do autor. O miolo está frouxamente ligado à lombada. A capa da frente porta, internamente¹¹, no meio um *ex libris* do Museu Nacional nas cores vermelho (moldura) e preto (textos e ilustração), e no canto inferior esquerdo um pequeno selo com inscrição em cor azul: “R. Friedländer & Sohn, Buchhandlung, Berlin N. W. 6, 11 Carlstrasse 11.” A folha de rosto apresenta dois carimbos com inscrições: em losango em cor azul, “Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio, Inspectoria de Pesca, Dez. 17 1913, nº 786” (apenas o número está manuscrito em tinta vermelha); em círculo na cor preta, “Museu Nacional do Rio de Janeiro, Brasil, Bibliotheca”. No verso da página de rosto há marca d’água com a inscrição “Museu Nacional, Biblioteca” e dentro da mesma marca, estão manuscritos em tinta vermelha o número “306” e a data “16-4-51”. Na página seguinte, que está em branco, repete-se o carimbo do Ministério da Agricultura, onde se acrescentou o valor monetário manuscrito em tinta vermelha “RS 1.875”. Ainda nessa página há, manuscritos em tinta preta, uma assinatura e, imediatamente abaixo, uma inscrição indecifrável (provavelmente o nome de uma cidade ou localidade) e a data “1867”.

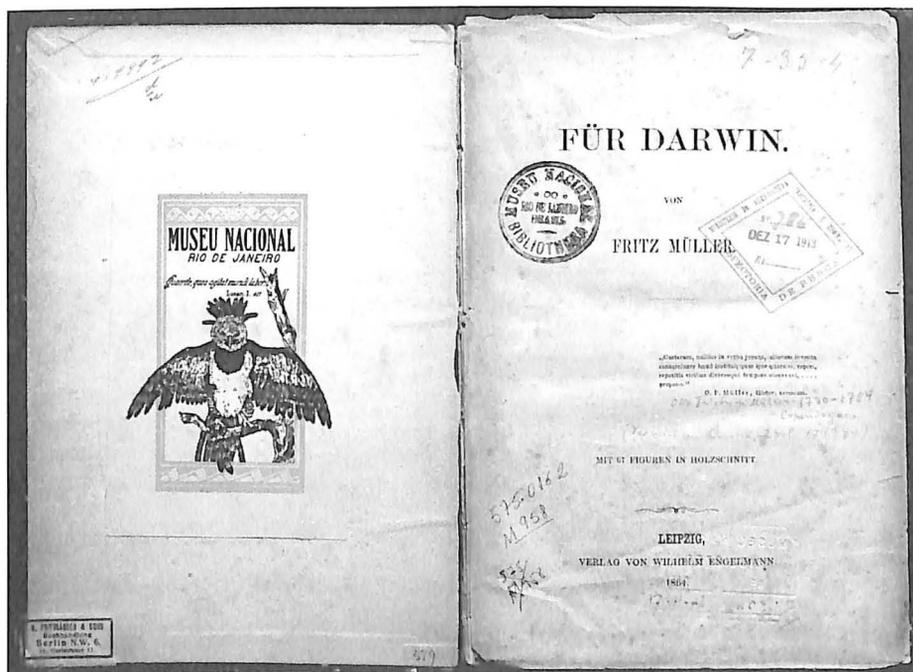


Figura 4: Livro *Für Darwin* do acervo de obras raras da biblioteca do Museu Nacional. Verso da capa com *ex libris* e selo, e página de rosto.

Adolf Mayer
Juni 1867

Figura 5: Livro *Für Darwin* do acervo de obras raras da biblioteca do Museu Nacional. Manuscritos em tinta preta.

Segundo informações de funcionários mais antigos da biblioteca responsável pelo Setor de Obras Raras, o livro veio em um lote doado ao Museu Nacional pela Inspetoria de Pesca (Laura M. G. Takche,

informação pessoal por mensagem eletrônica em 29/04/2008). Porém não há registro dessa doação no livro de tombo, que provavelmente se consolidou na data manuscrita no verso da página de rosto, 16 de abril de 1951, e o exemplar é o de número 306 desse lote. Por sua vez, a Inspetoria de Pesca foi criada em 17 de maio de 1912, sendo seu fundador e primeiro inspetor-chefe o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro¹², que exerceu essa função de 21 de julho de 1912 a 3 de dezembro de 1913, quando retornou ao seu cargo de substituto na Seção de Zoologia do Museu Nacional¹³. O livro foi incorporado ao acervo da biblioteca da Inspetoria em dezembro de 1913, portanto, deve ter sido adquirido durante a gestão do fundador e conhecido zoólogo brasileiro, que se preocupou em dotar a Inspetoria de uma biblioteca, cujo destino em décadas vindouras foi a extinção, em função das diversas mudanças de denominação, subordinação institucional e escopo da antiga Inspetoria, precursora da atual Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca/SEAP, fundada em 2003 e com *status* de Ministério, ligada à Presidência da República¹⁴.

2- Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Fig. 6). Exemplar encadernado com lombada em couro e cantos em material resistente (tipo percaline ou tecido) e restante em papel, o qual também encobre o tecido mais resistente dos cantos. A lombada está muito deteriorada, visualizando-se todo o dorso do miolo. A capa também está deteriorada. Internamente, a capa apresenta um selo quadrangular onde consta: impressa em cor preta a inscrição “Rio de Janeiro – Bibliothek der Germania.”, a seguir uma indicação impressa de número, o qual está manuscrito em tinta preta “2002[^]”, e seguem-se outras inscrições impressas também em cor preta: “Lesezeit drei Wochen” (*Tempo de leitura três semanas* – deve se referir ao tempo do empréstimo do livro) e “Buchhandlung von W. Mauke Sohne, vorm. Perthes-Besser & Mauke, Hamburg”. Abaixo desse selo, há um selo

menor com ilustrações e inscrições impressas, todas em cor verde, “Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”. Na página introdutória (preâmbulo ou *Vorwort*) há, no canto superior esquerdo, uma inscrição à lápis na diagonal, com duas letras indecifráveis e logo abaixo a data “8-3-54”.

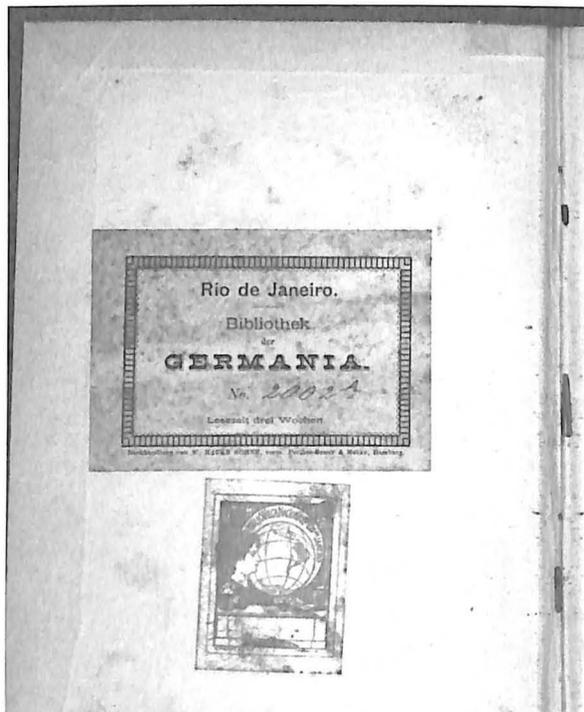


Figura 6: Livro *Für Darwin* da Biblioteca Nacional. Verso da capa com dois selos.

Obtivemos do diretor da Sociedade Germania¹⁵ informação de que *os bens pertencentes à Sociedade Germania e que se encontravam na sede da mesma na praia do Flamengo, inclusive o acervo da biblioteca, foram confiscados no ano de 1942 quando o Brasil declarou guerra à Alemanha*¹⁶. Com o término do conflito mundial, a Sociedade Germania conseguiu recuperar alguns bens, mas quadros e parte dos livros tiveram destino desconhecido. Parte da biblioteca então extinta e sob cuidados da Biblioteca Nacional foram devolvidos à Germania. E outra parte ficou aos cuidados da própria Biblioteca Nacional que tinha condições e lugar apropriado para conservá-los o que a Germania não podia oferecer, pois não tinha sede, apenas uma residência onde os

sócios se encontravam e que ficou conhecido como *Clube Beira Mar* (Francisco Xavier Esperança, informação pessoal por carta em 07/05/2008). Provavelmente o exemplar do *Für Darwin* permaneceu na Biblioteca Nacional, na condição de espólio de guerra, e foi incorporado ao seu acervo em 8 de março de 1954.

3- Acervo pessoal de L. R. Fontes (Fig. 3). Exemplar adquirido em 2006 de um alfarrabista em Novato, EUA, encadernado contendo o *Für Darwin* (sem as capas) e 5 separatas de artigos publicados no século XIX, uma delas com dedicatória do autor a Richard Owen¹⁷. Lombada em couro e restante em papel encorpado, em excelente estado de conservação. Na lombada está grafado “30” em cor dourada. Contém separatas dos seguintes artigos:

Kossmann, R., 1872. Beiträge zur Anatomie der schmarotzenden Rankenfüssler. *Arbeiten aus dem Zoologisch-Zootomischen Institut der Universität Würzburg* 1: 97-136, Pls. 5-7.

Brandt, E., 1871. Ueber den Albinismus bei den Kellerasseln (*Porcellio scaber*). *Horae Societatis Entomologicae Rossicae* 8: 167-176, Pls. 6-7. [nas páginas 167 e 175 e nas pranchas encontra-se manuscrito em tinta preta: “Marius Aubert.- B. A., N° 29.”] [a prancha 7 foi recortada e consta apenas a parte que contém as figuras 17 e 29-30]

Brandt, E., 1870. Über die Jungen der gemeinen Klappenassel (*Idothea entomon*). *Bulletin de L'Académie Impériale des Sciences de St.-Petersbourg* 7: 649-657, 1 pl. [contém dedicatória do autor a Richard Owen, em tinta preta] [nas páginas 649, 655 e 656 e na pranchas encontra-se manuscrito em tinta preta: “Marius Aubert.- B. A., N° 30.”]

Brandt, E., 1880. Ueber das Nervensystem des Schachtwurmes (*Idothea entomon*). *Horae Societatis Entomologicae Rossicae* 15: 1-4.

Parona, C., 1880. Di due crostacei cavernicoli (*Niphargus puteanus* Koch e *Titanethes feneriensis*, n. sp.) delle grotte di Mone Fenera (Val Sesia). *Atti della Società Italiana di scienze naturali* 23: 1-21, pls. 1-2.

FACTS AND ARGUMENTS FOR DARWIN, 1869

Müller, Fritz, 1869. *Facts and arguments for Darwin*. John Murray, London, 144 pp. (Fig. 7)

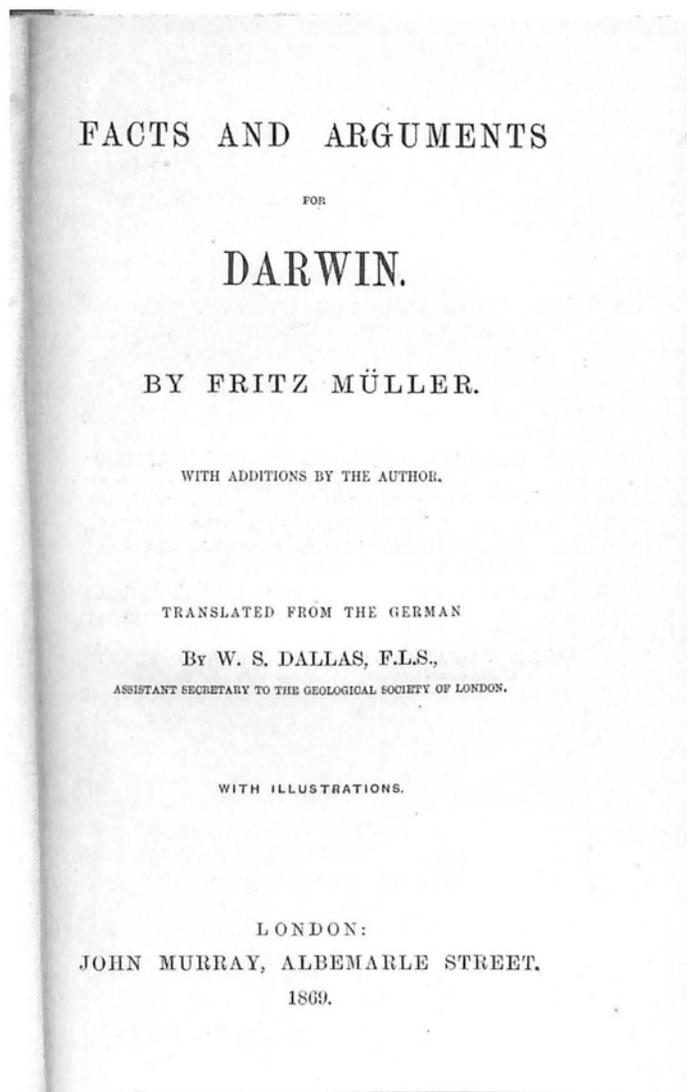


Figura 7: Página de rosto do livro *Facts and arguments for Darwin* (1869). Acervo de L. R. Fontes.

Existem no Brasil 2 exemplares.

1- Museu Nacional, Biblioteca, Setor de Obras Raras, Rio de Janeiro (Fig. 8). Exemplar encadernado, com lombada e cantos em material mais resistente (tipo percaline ou tecido) em cor vermelha, e restante em material (tecido ou papel?) encorpado vermelho. Na lombada estão, em dourado, o nome do livro e do autor. A capa frontal está quase completamente solta e sua articulação com a lombada está rota, expondo o dorso do miolo. A folha de guarda, com fortes manchas amareladas e deteriorada, apresenta superiormente uma dedicatória em tinta preta:

*Ao Ilmo. Sr. Dr. Nicolao Joaquim Moreira*¹⁸,

Tributo em consideração

Do Autor

Fr. M.

Itajaby, Província de S^a Catharina,

20 de Julho de 1871.

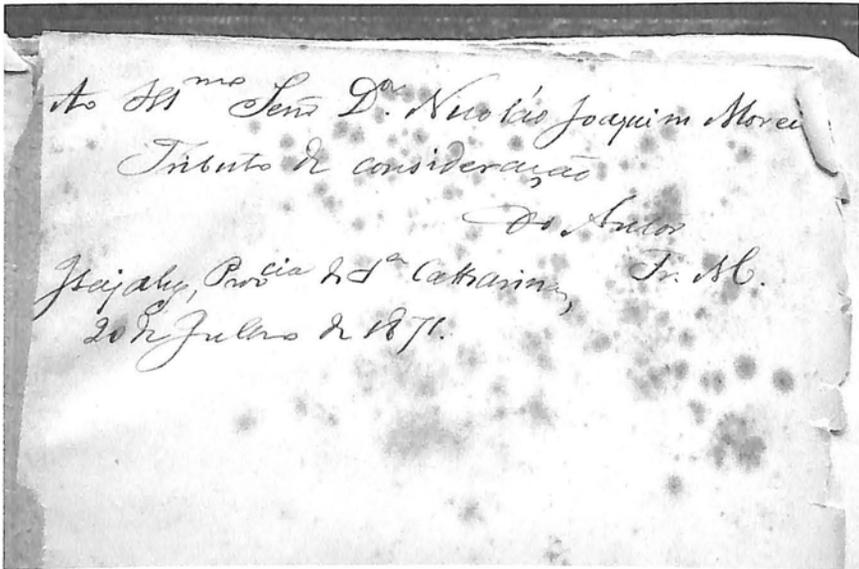


Figura 8: Dedicatória de Fritz Müller ao Dr. Nicolao Joaquim Moreira na folha de guarda do livro *Facts and arguments for Darwin*. Acervo da biblioteca do Museu Nacional.

A dedicatória revela que o livro pertenceu a Fritz Müller, que o ofereceu ao conhecido botânico do período imperial, futuro Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1883-1887). O livro foi posteriormente encadernado, e a dedicatória foi parcialmente encoberta por tira de papel utilizada na encadernação.

Na folha de rosto, que está deteriorada e solta do miolo, há traços de uma assinatura em cor azul (Dr. N. Moreira²). No verso da página de rosto, inferiormente, há marca d'água com a inscrição "Museu Nacional, Biblioteca". O miolo apresenta folhas soltas.

2- Acervo pessoal de L. R. Fontes (Fig. 7). Exemplar adquirido em 2006 de uma livraria de usados em Londres, Inglaterra, com capa original em tecido verde. Na lombada estão impressos, em dourado, o título, autor, cidade e editora. Excelente conservação. Não há indicação do antigo proprietário neste exemplar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

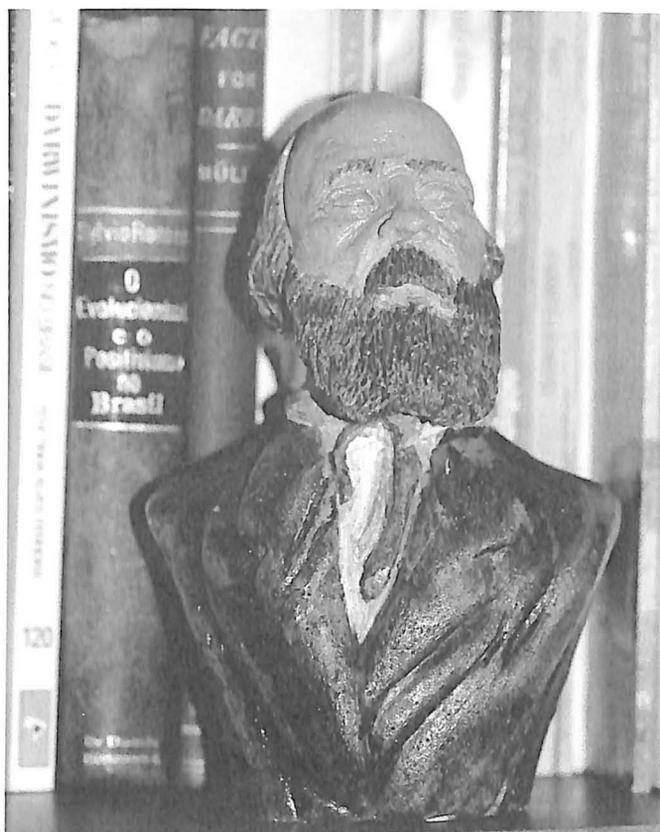
É imprescindível resgatar a história de Fritz Müller, o mais expressivo naturalista do Brasil do século XIX. Esta contribuição, sobre o livro de Fritz Müller em suas duas edições (as demais traduções existentes, para o português, espanhol e francês não incorporam novidades, portanto não são novas edições), a original alemã e a inglesa, mostra que apenas 5 livros existem no Brasil, dos quais 3 em bibliotecas públicas e necessitando restauro, e 2 em acervo particular. A tradução brasileira⁶ está há muito esgotada, fora de catálogo e foi realizada a partir da edição inglesa, a qual alterou o significado de algumas frases de Fritz Müller, dificultando a compreensão do texto, cuja leitura é difícil mesmo no original.

Um dos exemplares do *Facts and arguments for Darwin*, que pertenceu a Fritz Müller, está no acervo de obras raras da biblioteca do Museu Nacional. Também um exemplar da 1ª edição alemã do *Origem das espécies*, publicada em 1860 e que pertenceu ao naturalista e o inspirou na senda darwiniana, permanece em Blumenau, no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Quanto aos outros 2 exemplares em acervos públicos, ambos do *Für Darwin*, elucidamos a sua origem a partir de bibliotecas institucionais (uma pública subordinada ao poder público — Inspeção de Pesca —, outra de natureza particular — Sociedade Germania) e consignamos o nosso interesse em que as informações e ilustrações aqui apresentadas sejam de algum auxílio para recuperar toda sua história.

No Brasil, o livro de Fritz Müller tornou-se uma raridade, seja pela disponibilidade de pouquíssimos exemplares das edições originais do século XIX, como pela impossibilidade de se adquirir em livrarias um exemplar traduzido para o português. Isso é lamentável, *pois os livros podem ser divididos em dois grupos: aqueles da hora e aqueles de sempre*¹⁹, — e o livro de Fritz Müller se enquadra na segunda categoria.

Agradecimentos

Ao apoio imprescindível na pesquisa de informações e consulta aos respectivos acervos, concedido pelas bibliotecárias Laura Maria Gayer Takche, do Setor de Obras Raras da Biblioteca do Museu Nacional, Anna Naldi, coordenadora do Acervo Geral da Biblioteca Nacional, e Sr. Francisco Xavier Esperança, diretor da Sociedade Germania, Rio de Janeiro. Ao Dr. Thomas Junker, Universidade de Tübingen, Alemanha, pelo auxílio na confirmação do original da primeira edição do *Die Entstehung der Arten*. Ao Dr. Melquíades Pinto Paiva, pelo auxílio concedido quanto à história da Inspeção de Pesca.



Busto de Fritz Müller em argila. Artista plástico Anderson Santos (idade de 15 anos), Embú-SP. Acervo de L. R. Fontes.

Referências e notas

¹Entomólogo especializado em cupins. Médico ginecologista e legista. Rua Loefgren, 1543, apto. 104, 04040-032 São Paulo, SP – BRASIL – e-mail: lrfontes@uol.com.br

²Médico Veterinário. Departamento de Cirurgia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/USP, Av. Prof. Orlando Marques de Paiva,87, 05508-000 São Paulo, SP – BRASIL – tel. 11 3091-1428 – e-mail: hagen@usp.br

³Antes de emigrar, Fritz Müller publicou 10 trabalhos na Alemanha, entre 1844 e 1852, e apenas sua tese de zoologia, que o distinguiu com o título de Doutor em Filosofia, permaneceu *in litteris*: *De Hirudinibus circa Berolínium hucusque observatis* [Sobre as sanguessugas da região de Berlim], realizada sob orientação do Prof. Johannes Peter Müller e apresentada em sessão pública em 14 de dezembro de 1844 à Universidade de Berlim. O primeiro trabalho produzido no Brasil versa sobre planárias

terrestres e apareceu em 1856, em uma revista alemã. Todos os 248 estudos científicos de Fritz Müller estão reproduzidos nas obras de Alfred Möller, **Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben**: 1915, Vol. 1, *Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879*, Gustav Fischer, Jena, XVIII + 800 pp.; *Text-Abteilung 2: Arbeiten aus den Jahren 1879-1899*, Gustav Fischer, Jena, 710 pp.; 1915, Vol. 1, *Atlas: Arbeiten aus den Jahren 1844-1899*, Gustav Fischer, Jena, 84 pl.

⁴O debate nessas posições extremistas representa um lamentável equívoco, que persiste até a atualidade e muito prejuízo acarreta, tanto ao progresso da ciência como à livre expressão do sentimento de fé entre os cientistas. Mesmo Fritz Müller é tomado como um ferrenho ateu, quando em realidade seu ateísmo, formalizado na juventude, tem a ver com seu espírito contestador, que aos dogmas religiosos condutores da ciência no século XIX opôs a possibilidade de comprovação científica —; seu livro *Für Darwin*, por exemplo, embora tomado como uma obra ateuista, não o é de modo algum, pois ele busca comprovar a evolução das espécies com fatos, assim refutando o pensamento vigente religioso da criação exclusiva e imutável de cada espécie, porém nada opõe à existência ou ausência de um Criador. Manteve-se, portanto, no âmbito da discussão científica, comprovando ou refutando, sem intrometer-se nas questões da fé.

⁵In 1866 he [Charles Darwin] told J. D. Hooker, one of his allies, that the book was perhaps the most important contribution in support of his ideas... (Joseph Dalton Hooker, 1817-1911, *English botanist, Director of the Royal Botanic Gardens, Kew, 1865-1885*) (Darwin to Hooker, 31 May 1866 – Darwin manuscript collection, University Library, Cambridge – 115: 290) (p. 120, 298 e 313 in West, D., 2003. *Fritz Müller. A naturalist in Brazil*. Pocahontas Press, 376 pp.)

⁶A segunda e última tradução da obra, pelo zoólogo Hitoshi Nomura (1990. *Fatos e argumentos a favor de Darwin (Für Darwin)*). Fundação Catarinense de Cultura & Departamento Nacional de Produção Mineral/DNPM, 93 pp.), está há muito esgotada. A bem da verdade, apesar da menção no título ao livro original alemão de 1864, é uma tradução da edição inglesa de 1869. Não existe em português uma tradução do *Für Darwin*, a qual finalizamos e estamos revisando para oportuna publicação.

⁷(“Sobre a origem das espécies no reino animal e vegetal através da seleção natural, ou a conservação das raças já aperfeiçoadas na luta pela existência”). Edições posteriores vieram com o título *Über die Entstehung der Arten durch natürliche Zuchtwahl oder die Erhaltung der begünstigten Rassen im Kampfe um's Dasein* (“Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a conservação das raças favorecidas na luta pela existência”).

⁸Folha em branco, que vem logo após a capa, antes da folha de rosto.

⁹David West (*l.c.*, p. 118) citando Alfred Möller, 1921, **Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben**. Vol. 2: *Briefe*. Gustav Fischer, Jena, XVII + 667 pp, 4 pl. Carta de Fritz Müller a Max Schulze, datada de 13 de março de 1864, p. 51: *Ich schickte Dir im Januar Abänderungen und Zusätze zu dem bereits in Deinen Händen befindlichen Manuscripte und im Februar den Schluss.* ... [Eu lhe enviei em janeiro modificações e textos adicionais para o manuscrito que já estava em suas mãos e em fevereiro o final. ...]

¹⁰Cartas de Fritz Müller a Max Schulze, *Briefe*, p. 19-20 (carta de 27/06/1860), p. 32-33 (carta de 16/02/1862).

¹¹Parte também denominada “espelho da guarda”.

¹²Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1839), zoólogo do Museu Nacional, Rio de Janeiro. Participou da primeira expedição da Comissão Rondon (1908-1910), visitou instituições de pesca nos Estados Unidos e na Europa e então fundou a Inspeção de Pesca em 1912 (primeira instituição de oceanografia no Brasil). Produziu inúmeras publicações, principalmente sobre peixes e répteis.

¹³Melquíades Pinto Paiva, 2008. Memória: Alípio de Miranda Ribeiro. *Boletim da Associação Brasileira de Biologia Marinha 1 (1)*: 7-8. [disponível on-line em 29/04/2008 no endereço eletrônico <http://www.grupos.com.br/group/gipescado/Messages.html?action=download&year=08&month=4&id=1207529266688898&attach=BoletimABBMv1n1-2008.pdf>]

¹⁴A trajetória da Inspetoria de Pesca foi descrita por Melquíades Pinto Paiva (1996. *Instituições de pesquisas marinhas no Brasil*. IBAMA, Brasília, 463 pp.; pág. 37-39). Foi criada por decreto em 17 de julho de 1912 para *estudar e divulgar os recursos naturais das águas brasileiras, desenvolvê-los tanto quanto possível e regular a sua utilização*, com laboratórios bem aparelhados e aquários de estudo e exposição de vertebrados, invertebrados e plantas aquícolas, laboratórios de física e de química, serviços de fotografia e desenho, *um museu para exposição de produtos naturais e industriais aquícolas, instrumentos e aparelhos de aquicultura, mapas e diagramas, fotografias e miniaturas representando os diversos processos de pesca e os resultados dos trabalhos dos gabinetes, um escritório administrativo e uma biblioteca de livros, revistas e outras publicações sobre assuntos aquícolas*. Porém, tal *competência e seriedade da Inspetoria de Pesca logo incomodaram os burocratas e safados, incrustados no serviço público* e a instituição ficou *à mercê dos eternos mediocres, que nada constroem de duradouro*, sendo extinta em 15 de janeiro de 1915. Os belos propósitos da instituição explicam como uma obra da natureza do *Für Darwin* era valiosa para a sua biblioteca. Seguindo porém o destino comum a inúmeras instituições brasileiras, que perdem a continuidade de realizações por conta dos fatores deletérios apontados por Paiva, não é de se estranhar que os remanescentes da biblioteca tenham sido futuramente doados, a título de ação salvadora do valioso patrimônio em extinção, à biblioteca do Museu Nacional, onde hoje compõem parte do acervo de obras raras. Escaparam à destruição total por cupins, brocas, traças e umidade, e ainda que em condições algo degradadas, essas obras raras agora contam com a proteção de zelosa equipe de funcionários,— a bem da verdade em número mínimo, porém a atual equipe é eficiente no trato das obras sob a sua guarda e atenciosa com os visitantes e pesquisadores da história da ciência brasileira.

¹⁵Associação de intercâmbio cultural brasileiro-alemão, fundada em 20 de agosto de 1821 na cidade do Rio de Janeiro, inicialmente em um restaurante na rua dos Ourives (atual Miguel Couto) número 109, que era ponto de reunião de homens vindos da Europa, principalmente de terras onde viviam alemães. Sítio eletrônico no endereço <http://www.sociedadegermania.com.br>.

¹⁶O conflito referido é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando Alemanha, Itália e Japão contituíram as forças do Eixo, em confronto aos Aliados compostos principalmente por França, Grã-Bretanha, União Soviética e Estados Unidos da América. O Brasil rompeu relações diplomáticas e comerciais com as forças do Eixo em 28 de janeiro de 1942 e declarou guerra à Alemanha e Itália em 2 de agosto, efetivando a participação com tropas em solo europeu em 1944.

¹⁷Sir Richard Owen (1804-1892), formado médico, dedicou-se a estudos de anatomia comparada e paleontologia.

¹⁸Dr. Nicolao Joaquim Moreira (ou Nicolau). Médico que, entre outros temas, dedicou-se ao estudo da botânica; no período de 1881-1882 foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Comissão de Pesquisa de Manuscritos, junto com Franklin Távora (João Franklin da Silveira Távora) e Alfredo Piragibe; foi Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1883-1887; foi membro da Academia Nacional de Medicina, no Brasil Imperial. Enfim, uma personalidade da época, que se envolveu em debates sobre o problema da varíola, além de escrever livros de botânica, atuar em apicultura etc.

¹⁹*For all books are divisible into two classes, the books of the hour, and the books of all time*. 1864-1865, *Sesame and Lilies* (Lecture I – Sesame. Of king's treasures), John Ruskin (poeta inglês, 1819-1900).

Ein Tag im Alexander Lenard
unsichtbaren Haus
Einsichten eines Arztes und Lebenskünstlers

DO IMIGRANTE PARA O IMIGRANTE:
a literatura dos imigrantes alemães do Vale
do Itajaí.

DO IMIGRANTE PARA O IMIGRANTE: A LITERATURA DOS IMIGRANTES ALEMÃES DO VALE DO ITAJAÍ

Prof. Dra Valburga Huber¹

É sempre interessante retomar, revisitar a Literatura escrita em alemão, por quase um século, no Vale do Itajaí. As literaturas de imigração vem sendo sempre mais estudadas no Brasil, embora o interesse por elas tenha sido, segundo Boris Fausto no seu livro *Fazer a América*, um interesse “tardio”, uma vez que o tema da abolição da escravatura e das migrações internas ocuparam grande espaço na Literatura.

A minha primeira incursão nesta seara foi meu livro: *Saudade e Esperança – O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*, publicado pela Editora da FURB-Fundação Universidade Regional de Blumenau, em 1993, abordamos pela primeira vez este tema de forma mais abrangente, já estudado em estudos esparsos. Nele estudamos as obras de autores alemães e teuto-brasileiros como Viktor Schleiff, Georg Knoll, Rudolf Damm (poetas) e Gertrud Gross-Hering, Emma Deeke, Therese Stutzer e José Deeke (romancistas), sob o prisma do dualismo, sua característica básica. Isto foi feito dentro de uma visão geral da literatura teuto-brasileira no sul do Brasil, dos primórdios da colonização até a 2ª Guerra Mundial, tendo sido este trabalho o primeiro levantamento e a primeira análise da produção literária destes escritores. Serviu como abridor de caminhos para diversos estudiosos e pesquisadores, pois as novas gerações voltam-se sempre mais para o resgate das suas origens

Estudei depois os autores da região de Joinville”, sendo os mais expressivos : Ernst Niemeyer, Wolfgang Ammon e Elly Herkenhoff.

¹ Faculdade de Letras – UFRJ

Na minha Tese de Doutorado na USP – que será publicada em breve – abordei a imagem do Brasil presente na literatura teuto-brasileira produzida em alemão por autores de 3 gerações fazendo uma ponte com os descendentes renomados no modernismo brasileiro: Raul Bopp e Augusto Meye. Há igualmente motivos no contexto mundial para o despertar deste interesse pelas literaturas de imigração. Há um crescente desvio, nas últimas décadas, do foco de atenção da Literatura Comparada por exemplo, para os pólos periféricos, até mesmo marginais como China, Índia e outros países na Ásia, África e América Latina. Este questionamento chamou também atenção para as questões de identidade nacional e cultural que devem incluir as minorias étnicas, pois tudo passa a ser visto por uma ótica plural. Ele assinala que na América Latina, por exemplo, reivindica-se a inclusão de produções esquecidas ou marginalizadas como, entre outras, as das línguas indígenas ainda vivas e, nos Estados Unidos, das minorias hispânicas e sexuais, por exemplo.

A nosso ver enquadram-se nesta linha de pensamento as diversas literaturas de imigração do Brasil, como a teuto-brasileira, essencialmente importante para a questão da identidade cultural das regiões onde ela surgiu, como é o caso do Vale do Itajaí. Ao formularmos, portanto, perguntas fundamentais como: O que somos nós? Qual a nossa identidade cultural? nos deparamos com a pluralidade étnica do Brasil, e dentro desta pluralidade, estão imigrantes de etnias diversas e o seu papel na formação dessa identidade. Investigando, neste trabalho, a imagem do Brasil do imigrante alemão, estamos inseridos nesta questão maior, que é a definição – como algo que está em movimento, em formação – da brasilidade.

Para melhor se entender a literatura teuto-brasileira, temos que colocá-la no contexto histórico da imigração e colonização alemã no Brasil. Seguindo diversos estudos, como os de Giralda Seyferth, vemos

que os alemães participam do processo de colonização desde a fundação da primeira colônia na Bahia, em 1818, e o fluxo migratório estende-se de 1824 à década de 1930. Apesar de sua presença significativa em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, a maioria encontra-se engajada em projetos baseados na pequena propriedade familiar, nas zonas rurais da região sul.

A partir de 1824, grupos de imigrantes de língua alemã chegam ao sul do país, época da fundação da colônia agrícola de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, marco inicial do processo de colonização alemã. Os alemães passam a entrar sistematicamente no Brasil na segunda metade do século XIX e Willems⁴, por exemplo, leva em conta a etnia definida lingüisticamente para chegar ao número máximo de cerca de 500 mil imigrantes de língua alemã desde os primórdios a 1940, sendo que esse número inclui também imigrantes da Áustria, Rússia, Polônia, Tcheco-eslováquia e Suíça. Os períodos de auge da emigração foram a revolução frustrada de 1948 e a era de Bismarck, ambos marcados por grande repressão política.

Mesmo menor em relação a outros grupos étnicos como o italiano e o espanhol, sua importância no contexto migratório brasileiro, contudo, tem a ver com a forma de participação no povoamento dos três estados do sul do país, que ocorre em zonas pioneiras, e com a formação cultural de comunidades com traços específicos. Esta especificidade étnica, visível também na organização comunitária dos imigrantes que se dirigem para centros urbanos, chama a atenção dos nacionalistas brasileiros e cria situações de conflito que perduram até a década de 1940, tendo os pontos altos mais críticos sido alcançados, naturalmente, na época das duas Guerras Mundiais.

Em termos históricos, podemos ver que a primeira fase da colonização, começa em 1818 com a fracassada colônia Leopoldina, — nome da imperatriz que estimulou a imigração alemã, na Bahia, seguido

da fundação de Nova Friburgo na serra do Rio de Janeiro, (1819), por imigrantes suíços, mas é em 1824 com a fundação da bem sucedida colônia de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, que se inicia a imigração oficial, seguida de diversas outras colônias no Rio Grande do Sul e também em S.Catarina e no Paraná, além de outras, mais esparsas, em Minas, S.Paulo e Espírito Santo. Em Santa Catarina, são povoadas as principais bacias hidrográficas, os conhecidos “vales” de imigrantes alemães, como o Vale do Itajaí, Vale do Cachoeira e outros.

A localização das colônias alemãs revela os interesses mais diretos da política de colonização com imigrantes, que era povoar terras devolutas, consideradas mais apropriadas à instalação de colonos estrangeiros livres e europeus, ou seja, brancos, num processo controlado pelo Estado. Nestas terras os imigrantes ficam isolados em zonas pioneiras não ocupadas pela grande propriedade. Após 1850, o Governo imperial passa a responsabilidade da colonização às províncias e entram em cena as companhias particulares de colonização. A continuidade da ação dos agenciadores durante o Império e a propaganda oficial das empresas particulares de colonização, atraem principalmente camponeses, mas também trabalhadores urbanos e artífices, em busca de melhores condições de vida (ser “proprietário”). Vêm também professores, artesãos, operários, refugiados políticos e até indivíduos com recursos financeiros para dedicar-se a atividades comerciais e industriais.

Como as colônias têm planejamento cuidadoso mas na maioria delas não há demarcação prévia de linhas e lotes, este trabalho é realizado com a própria mão-de-obra dos imigrantes-colonos e consiste na abertura de picadas ou linhas, na construção de pontes e pontilhões, estradas, colocação de marcos divisórios, edificação de alojamentos públicos e outras obras (o que auxilia o imigrante a pagar sua dívida). Nos relatos e histórias de vida dos imigrantes, na documentação oficial e

também nas narrativas da literatura teuto-brasileira, ao longo do processo de colonização, são descritos conflitos de terra, o cansaço para derrubar a mata e cultivar os lotes sem usar os métodos tradicionais europeus, problemas com povoamento disperso, a precariedade das estradas e o transporte, das doenças e enchentes, o endividamento e a dependência em relação aos comerciantes estabelecidos, entre outros. As dificuldades enfrentadas, ao longo do período de ocupação territorial ajudam a elaborar a figura do “pioneiro” – como desbravador da floresta e o fundador das colônias alemãs – que aparece freqüentemente como tema da literatura teuto-brasileira.

Superada a fase pioneira, formam-se as colônias baseadas na pequena propriedade familiar, caracterizada pela policultura, pela criação de animais e produção artesanal. Aos poucos, toma forma uma classe média rural de pequenos produtores, surge a pequena indústria familiar, artesanal, que prolifera até a década de 1940, sendo a industrialização iniciada em diversos núcleos urbanos em fins do século XIX (indústria têxtil e metalúrgica, couro, cerâmica etc).

A concentração em áreas restritas, isoladas da sociedade brasileira, facilita a manutenção dos costumes e o uso cotidiano da língua alemã. A carência de serviços públicos leva à formação de uma organização assistencial comunitária e à criação de uma rede escolar particular a “escola alemã”. Criada para atender às necessidades de ensino elementar da população estrangeira, mas aos poucos ela vai tomando feições étnicas, enquanto instrumento da germanidade e da perpetuação da língua e da cultura alemãs, o que também está na base das associações culturais, recreativas, esportivas e mesmo religiosas, que representam o que se conhece por “Deutschtum”. Estas feições contribuem para que, durante as duas guerras mundiais se fale, em relação às colônias, no “perigo alemão”. No “Deutschtum”(patrimônio cultural alemão) está em primeiro lugar a

língua, traço fundamental da identidade alemã, a raça, o sangue ou origem étnica. Todo esse conjunto deve ser preservado ao lado dos deveres para com a nova terra dentro da cidadania brasileira. Aos poucos se veicula um patrimônio cultural misto chamado “Brasilianisches Deuschtum” ou “Deutschbrasilianertum” (Patrimônio cultural teuto-brasileiro). Nele coexistem o amor à “Urheimat” (pátria de origem), a Alemanha e também ao Brasil, já que o critério de nacionalidade alemã vê isto como normal, o que, porém, traz conflitos em épocas de confronto bélico, como ocorreu nas duas Guerras Mundiais.

Os jornais mais antigos surgem na década de 1850 e têm duração efêmera (como o “Der Kolonist” em Porto Alegre e o “Der Einwanderer” no Rio de Janeiro). O primeiro jornal importante e de grande prestígio, o jornal “Kolonie Zeitung” é fundado em Joinville, Santa Catarina, por Ottokar Dörffel, um refugiado político que havia participado, na Alemanha, da Revolução de 1848⁵ e circula de 1861 até 1939. Em Porto Alegre, o jornal “Deutsche Zeitung” começa a circular em 1861 e, em 1864, passa a ser dirigido pelo mais influente político teuto-brasileiro do Império, Karl von Koseritz, que, em 1882, cria outro jornal de grande prestígio, o “Koseritz Deutsche Zeitung” que também circula até a época da nacionalização. Muitos outros jornais passam a circular pelo sul do Brasil como, por exemplo, “Deutsches Volksblatt” (Diário popular alemão), Porto Alegre; o “Blumenauer Zeitung” e o “Urwaldsbote” (Jornal de Blumenau e Mensageiro da Selva), Blumenau-SC; o “Serra-Post”, Ijuí-RS, para citar apenas alguns. Revistas também vêm a lume e entre elas destacam-se as religiosas como a “SKT Paulusblatt” (Folheto de S. Paulo) e a “Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien” (Folha dominical para as comunidades evangélicas no Brasil).

Os primeiros almanaques ou anuários datam da década de 1870 e são os veículos de comunicação mais populares e abordam assuntos

diversos, inclusive traduções para o alemão de textos de autores brasileiros, principalmente poesias, divulgação de contos e romances de autores alemães e teuto-brasileiros, além de muitas informações práticas destinadas aos colonos. De fato, estes “Volkskalender” tornam-se muito populares e chegam a atingir quase toda a população teuto-brasileira (com volumes com mais de 200 páginas e tiragens que ultrapassam os doze mil exemplares como em 1931, por exemplo). Destacam-se o “Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien” (a partir de 1874 em Porto Alegre) fundado por Karl von Koseritz e o “Kalender für die Deutschen in Brasilien” (publicado desde 1881 pela editora Rotermund de São Leopoldo) que é o mais conhecido em todo o sul do Brasil. Estes anuários são seguidos por muitos outros como o “Der Familienfreund” (O amigo da família), o “Serra-Post Kalender”, (Anuário do Correio Serrano), Ijuí-RS; o “Kalender für die evangelischen Gemeinden” (Anuário para as comunidades evangélicas), S.Leopoldo e o “Luther-Kalender für Südamerika” (Anuário Luterano para a América do Sul), P. Alegre. Na década de trinta surgem, ainda, em São Paulo, publicações vinculadas ao Partido Nazista, como é o caso do almanaque “Volk und Heimat”, editado de 1935 a 1938. A atividade de todos foi encerrada quando a campanha de nacionalização do Estado Novo proíbe o uso do idioma alemão no Brasil.

São os almanaques ou anuários (e menos intensamente, publicações literárias em forma de brochuras e os jornais), os principais divulgadores da literatura teuto-brasileira, sobretudo no sul, cuja temática mais constante é a imigração, a vida cotidiana nas colônias, o dualismo, ou seja, o sentimento de divisão entre duas pátrias mas que, aos poucos, vai acentuando o afeto em relação ao Brasil. Essa literatura, que expressa o “Bodenständigkeitsgefühl”, ou sentimento de apego ao solo, nos termos de Kuder⁷ (1936-37), não foi adequadamente valorizada, em termos estéticos, inclusive por utilizar uma linguagem teuto-brasileira com importações

lingüísticas do português, o que ocorre mais na prosa do que na poesia. Seu valor residia em parte considerável, pensavam vários pesquisadores, no seu aspecto histórico e sociológico, Estudiosos como Erich Fausel, Werner Aulich e Marion Fleischer, contudo, que chamam a atenção para as qualidades estéticas desta literatura, como um fenômeno *sui generis*.

Werner Aulich fundamenta sua argumentação em defesa do valor estético da literatura teuto-brasileira, no que ele denomina *pathos* dos imigrantes. Segundo ele, qualquer emigração encerra uma realidade objetiva, única e concreta, que é um marco na vida de cada emigrante. Há uma cesura, um corte em todas as esferas da vida da pessoa, a começar pela genealógica. Este corte é muito profundo e as reações a ele são as mais diversas, mas ele sempre deixa marcas indeléveis na personalidade, nas reações, nas características, bem como nas transformações pessoais que constituem os aspectos mais importantes da espiritualidade teuto-brasileira. Esta espiritualidade está no cerne da literatura dos imigrantes, que só pode ser entendida a partir dela. O que caracteriza os escritores desta literatura é a força da face subjetiva da imigração. As experiências pessoais, ou de pessoas próximas, são importante material narrativo. A imigração, portanto, como fato objetivo e subjetivo é a principal temática e também a força plasmadora das formas de expressão da literatura teuto-brasileira.

No seu estudo, Werner Aulich mostra que os escritores teuto-brasileiros estão sujeitos a este *pathos* em alto grau, pois é através dele que se tornam escritores e têm suas características europeias buriladas e transformadas. Entre o escritor e o leitor, o *pathos* da emigração funciona como um elo, pois ambos passaram pela experiência da emigração, o que não é facilmente compreendido pelos que não tiveram a mesma vivência. Trata-se, sem dúvida, de uma literatura do imigrante para o imigrante.

A primeira geração de escritores, ao tomar a próprias imigração, com sua cisão, dualismo, vivência em dois mundos, como

tema básico, canta-se na lírica, sobretudo, o passado, a saudade, a antiga pátria mas ao mesmo tempo exalta-se a nova terra, da qual eles trouxeram uma imagem paradisíaca. Essa imagem já existia na literatura dos viajantes alemães, bem como nas canções populares em voga na época da emigração e eles a trazem no seu imaginário. Mesmo alterando-se com a vivência na nova terra, ela é ainda portadora de fortes traços edênicos que se apresentam em nuances diversas na primeira geração de escritores. A natureza da terra brasileira é o solo primordial, uma espécie de paraíso terrestre, e diante dela o imigrante sente encantamento e fascínio. Ele exalta, em sua literatura, os aspectos físicos dessa natureza exótica, suas belezas naturais, riquezas e vida aprazível, sua vastidão e a liberdade que nela desfruta. Esse paraíso natural, porém, também apresenta os perigos da selva – o “Urwald” - e precisa da mão do homem para ser transformado em lar, em nova pátria. Ao paraíso terrestre natural justapõe-se, então, a imagem do paraíso construído, a colônia alemã, pequeno Éden ou Canaã. A primeira geração de escritores da literatura teuto-brasileira canta, pois, os dois paraísos: um, dádiva da natureza e o outro, fruto do seu próprio trabalho, da “Tatkraft” alemã.

A segunda geração expressa o desejo crescente de integração à nova terra, num sentimento de afeto sempre maior por essa terra que ela deseja louvar com uma literatura própria. É a geração que quer ter uma literatura própria, que é produzida numa outra realidade e traz em seu cerne duas culturas: a alemã e a brasileira. Por isso ela expressa não só o “Deutschtum”, mas sim o “Deutschbrasilianertum”, ou seja o patrimônio cultural teuto-brasileiro. A sua imagem do Brasil ainda é edênica, mas o paraíso construído é muito exaltado e ele tem a sua cultura e literatura próprias. Têm-se consciência do processo de aculturação e busca-se preservação da cultura ancestral, sobretudo a língua. Deseja ter uma

literatura própria, teuto—brasileira, sendo Ernst Niemeyer seu grande defensor, além de outros.

A terceira geração é a dos escritores descendentes de alemães já integrados, que resgatam o tema da imigração em suas obras sem o enfoque tão forte em sentimentos que estão implícitos no movimento de emigrar. Há ideais mais amplos, temas mais diversificados. Com o movimento da “nacionalização” (1939) com a proibição do idioma alemão desmantela-se este patrimônio cultural com grandes traumas, que só recentemente estão sendo avaliados e pesquisados. Instaura-se uma lacuna cultural das “cidades alemãs” e só muito lentamente volta-se a escrever neste idioma, agora mais nas cidades grandes.

Todavia, Roche (1969:720) assinala que a resistência aos avanços do nazismo parte, também, dos meios teuto-brasileiros e, não obstante a extensão e a importância de seus esforços, os propagandistas do nazismo não fazem vibrar a população das colônias como a das cidades grande. Contudo, é inegável que esta propaganda tenha causado efervescência étnica e até mesmo entusiasmo pela sua vinculação ao desenvolvimento da Alemanha após sua grande crise econômica. Com a proibição do uso do idioma alemão em qualquer atividade cultural ou social⁹, bem como o fechamento de todas as escolas alemãs em 1939, esse patrimônio cultural misto é desmantelado, depois de quase um século de florescimento. Após o movimento da Nacionalização, portanto, há uma lacuna cultural e só lentamente, volta-se a escrever novamente em alemão, mas são poucos os veículos de divulgação que sobrevivem à 2ª Guerra Mundial e esta literatura reaparece, bem mais frágil, geralmente nas cidades maiores.

Os poetas que viveram em Blumenau tematizaram igualmente a primeira fase do dualismo com suas poesias sobre saudade, recordações da antiga pátria, mas convivendo com o louvor a nova terra e sua exuberância e a colônia alemã como ao novo lar, a nova pátria (“Heimat”) Entre um

grande número de poesias dos três poetas mais conhecidos que viveram no Vale do Itajaí – Viktor Schleiff, Rudolf Damm e Georg Knoll - , usaremos a seguir algumas como ilustração, por vezes, apenas partes dos poemas.

O poema “No planalto” (Im Hochland), Knoll, por exemplo, celebra os aspectos aprazíveis da região associada ao lugar ameno:

Escutas o farfalhar da copa das palmeiras	<i>Hörst du der Palmen Wipfel Rauschen</i>
Quando uma brisa a atravessa,	<i>Wenn durch sie eine Briesse zieht,</i>
Vieste escutar alguma vez o sabiá,	<i>Kamst du einmal der Amsel lauschen,</i>
Quando feliz entoava a sua canção de amor?	<i>Als froh sie sang ihr Liebenslied?</i>

Docemente corre o rio pelas verdes	<i>Sanft fließt der Bach durch grüne</i>
Campinas	<i>Fluren</i>
E em toda a parte os rastros da primavera	<i>Und überall des Frühlings Spuren</i>
Um ressuscitar no campo e no mato.	<i>Eine Aufersteh'n in Feld und Hain.</i>
O ar é puro, o céu azuleja,	<i>Die Luft ist rein, der Himmel blauet,</i>

Em minha volta um mar de flores,	<i>Um mich herum ein Blütenmeer,</i>
Os olhos miram extasiados	<i>Das Auge wonnetrunken schauet</i>
À rica beleza ao redor.	<i>Die reiche Schönheit ringsumher!⁵</i>

Em “Felicidade” (Das Glück), G. Knoll celebra e engrandece a vida no campo, a colônia como um lugar especial, cercado de paz e tranqüilidade:

A casinha na campina	<i>Das kleine Haus dort in der Weide</i>
Pintada de branco e verde	<i>Gestrichen ist es weiss und grün</i>
Ladeada por um galpão,	<i>Ein Schuppen steht an seiner Seite,</i>
No jardim florescem rosas.	<i>Im Vorgärtchen Rosen blüh'n</i>

.....
Uma paz sobre montanhas e planícies	<i>Ein Friede über Berg und Heide</i>
É solene paz domingueira!	<i>Und feierliche Sonntagsruh!</i>
Tu procuras a felicidade nesta terra,	<i>Du suchst das Glück auf dieser Erde,</i>
Aceitas muitas decepções.	<i>Nimmst viel Enttäuschung in den Kauf,</i>

Para que então todos estes sofrimentos	<i>Wozu denn alle die Beschwerde</i>
--	--------------------------------------

No poema, "Blumenau", Viktor Schleiff descreve a prosperidade da colônia alemã, também com traços edênicos:

Como uma ilha ali está Blumenau	<i>Wie eine Insel liegt dies Blumenau</i>
Em meio a um mar de jardins	<i>Im Meere schöner Gärten, angeschmiegt</i>
O largo rio refletindo-se no céu azul	<i>Dem breiten Fluß, an dem im Himmelsblau</i>
Onde a palmeira real balança suas folhas.	<i>Die Königspalme ihre Wedel wiegt.</i>
.....
Uma ilha de felicidade é este vale	<i>Des Glückes Insel scheint dies Schöne Tal,</i>
Onde a vida flui sem preocupação ou sofrimento	<i>Wo ohne Sorg' das Leben sonder</i>
<i>Plage</i>	
Onde a mesa está sempre posta	<i>Wo stets der Tisch gedeckt zum Freudenmahl</i>
E a semana toda é uma festa.	<i>Wo jede Woche sieben Feiertage.</i>

A escritora Gertrud Gross-Hering descreve assim Blumenau no seu romance *Durch Irrtum zur Wahrheit* (Do erro à verdade), como um lugar ameno e tranquilo:

Do cemitério evangélico descortinava-se para eles uma vista maravilhosa em quase todas as direções do Vale do Itajaí. Como um fio de prata largo, o rio se arrastava entre as margens verdes. Por longo tempo os dois deixaram-se ficar ali sob as palmeiras e árvores da vida do belo cemitério, completamente imersos no quadro pacífico que vislumbravam até que o relógio da Igreja anunciou nove horas da manhã. Então dirigiram-se novamente em direção ao vale.

Von evangelischen Kirchhof aus genossen sie eine herrliche Aussicht nach fast allen Seiten des Itajay – Tales. Wie ein breiter Silberstreifen zog sich der Fluß zwischen den grünen Ufern hin. Lange standen die beiden unter den Palmen und Lebensbäumem ganz versunken in das friedliche Bild vor ihren Augen, bis die Turmuhr der nahen Kirch die neunte Morgenstunde verkündete. Da lenkten sie ihre Schritte wieder talwärts...

As árvores que oferecem sombra aos personagens são as palmeiras e as outras árvores frondosas são símbolos de vida, que formam a antítese do cemitério, lugar do mortos. Os clichês românticos são comuns: rio como ,“fio de prata” na paisagem verde.

Em *Liebe und Pflicht*, Emma Deeke, outra escritora importante de Blumenau, descreve com sensibilidade, as belezas da natureza circundante:

Lá fora reinava uma manhã de primavera, clara e seca. O mundo sorridente, como que coberto de ouro, jazia em silêncio. Incontáveis bandos de andorinhas cruzavam o silêncio do céu em festivos gorjeios, enquanto banhavam suas penas no brilho do sol. Lá embaixo, no jardim estavam as laranjeiras em flor. Um perfume inebriante alcançava a janela.

E novamente as conversas das crianças soavam como pequenas cascatas. Neste momento o sol surgiu brilhante e dourado lá fora. Dourada, a luz penetrava pelas janelas triplas até a mesa faustosamente posta. Mas esta claridade não irradiava só dessa luz natural, ela vinha também do sol interior que, devagarinho, imperceptivelmente, iluminava o rosto de todos os presentes.

Draussen war ein klarer herber Frühlingsmorgen. Wie mit Gold übergossen, lautem Gezwitzcher lag die Welt lächelnd. Unzählige Schwabenschwärme durchkreisten in den lichten Aether, gleichsam ihr glänzendes Gefieder im Sonnenschein. Orangenbäume in voller Blüte; betäubender Wohlgeruch drang bis zum Zimmer herauf....

Und wieder schwatzten die Buben wie kleine Wasserfälle. Dazu schien

draussen hell und goldig die Sonne; Goldig flutete das warme Licht durch die hohen breiten dreiteiligen Fenster auf den reichgedeckten Esstisch nieder. Aber nicht nur von diesem Lichte ging die Verklärung aus,

sondern der innere Sonnenschein war es, der langsam, ganz unbewusst die Gesichter aller Anwesenden verklärte

O Vale do Itajaí possui, portanto, toda uma literatura em língua alemã, tem suas belezas e contrastes descritos e cantados em prosa e verso por um grupo considerável de escritores imigrantes e descendentes.

Ler esses poetas e romancistas, traduzi-los, resgatá-los, é também uma volta às raízes alemãs, fundamental para a revalorização da língua na região.

Valorizar o bilingüismo, mesmo o linguajar simples dos filhos de colonos, é igualmente um trabalho importante neste resgate das origens e no processo de construção da própria identidade.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

DEEKE, Emma. Liebe und Pflicht. In: Kalender für die Deutschen in Brasilien. Porto Alegre: Rotermund, 1922.

GROSS-HERING, Gertrud. Durch Irrtum zur Wahrheit. Blumenau, G.A, Köhler, 1922.

_____. Cruzeiros do sul. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

KNOLL, Georg. Das Glück. In: KDB, 1923.

_____. Im Hochland. In: KDB, 1923.

NIEMEYER, E. Teutonen Literatur. In: KDB, 1927.

SCHLEIFF, V. Heimweh, Die Ersten Einwanderer, Blumenau, Alte und neue Heimat. In: Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier der deutschen Einwanderung. Blumenauense, 1950.

Fontes secundárias:

AULICH, Werner. Von Pathos der Auswanderer. In: Staden Jarbuch. S.Paulo: Inst.Hans Staden, 1966.

FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina. S. Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

FOUQUET, C. O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

HUBER, Valburga. Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura. Blumenau, Ed.da FURB.,1993

ROCHE, Jean,. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, 2 vs. do em sua literatura. Blumenau: Ed.da FURB, 1993.

KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN IN BRASILIEN. São Leopoldo: Rötermund, 1881-1918, 1920-1941.

KUDER, Manfred. Die Deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien. Berlin: Ed. Ferd. Dümmler, 1937.

SEIFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: FCC, Ed., 1982.

_____. A colonização alemã no Brasil: Etnicidade e conflito. In: Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

SOUSA, Celeste H.M.R. de. Retratos do Brasil. Hetero-imagens alemãs do Brasil. São Paulo: Arte e Cultura, 1996.

WILLEMS, Emilio. Aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Cia.Ed. Nacional, 1946.

(Endnotes)



EXPRESSO, a choperia
que deixou saudades em Blumenau!

EXPRESSO, A CHOPERIA QUE DEIXOU SAUDADES EM BLUMENAU!

Carlos Braga Mueller¹

Durante muitos anos Blumenau teve no Bar e Restaurante Expresso um ponto de convergência quando se queria bater um bom papo com os amigos, ou então fazer uma refeição, ou, o melhor, tomar-se um chope geladinho! O Expresso ficava na Rua 15 de Novembro, quase em frente ao atual Edifício Catarinense. Era o sucessor de um restaurante antigo, pertencente à família Blissner, e foi adquirido pelo Sr. Bertholdo Goebel. Desde criança eu conhecia bem o Blissner. Depois, adolescente, quando já atuava como locutor da PRC-4 Rádio Clube de Blumenau, era no Expresso que eu encontrava um bolinho de carne com maionese, ou um bife suculento quando, nos domingos e feriados, os outros bares estavam fechados. Bertholdo havia chegado a Blumenau, vindo de Presidente Getúlio. Seu pai, Wilhelm Goebel, tinha sido um dos fundadores daquela localidade. Mas antes de montar o seu negócio, o jovem Bertholdo resolveu conhecer o Rio de Janeiro, onde cruzou com uma jovem que seria sua esposa: Érika, filha de um alemão chamado Albert Beutenmüller, que havia se estabelecido no Rio em 1912, fundando o famoso “Bar do Alemão”.

Albert morreu por volta de 1942, ano em que o Brasil declarou guerra à Alemanha. Érika e a mãe tiveram que continuar sozinhas no negócio. A jovem fazia de tudo, cozinhava, lavava e era inclusive a garçonete do bar. O filho, Mauro, que mora em Blumenau, conta que foi nessa época que elas viveram momentos de muita tensão e verdadeiro terror. Por causa da guerra, os brasileiros começaram a odiar e perseguir os alemães e seus descendentes. As duas foram obrigadas a fechar o bar e refugiaram-se no segundo andar do prédio, onde ficaram escondidas durante mais de 100 dias. Érika e a mãe não

1 Colaborador da revista Blumenau em Cadernos

eram adeptas do nazismo, mas como explicar isto a um povo enfurecido?

O Bar do Alemão ficou famoso na história do Rio de Janeiro. Sobreviveu até a uma grande reforma que a Prefeitura do Rio fez na região da Lapa, centro da cidade, derrubando antigos casarões. Frequentado há quase 100 anos por músicos, poetas, atores de teatro, cinema e TV, o Bar do Alemão hoje em dia mudou de dono e de nome, mas continua a ser uma verdadeira instituição carioca. Foi ali que o jovem Bertholdo Goebel se empregou como garçom quando chegou à então “cidade maravilhosa”, dando os primeiros passos na profissão de “maitre”, garçom e dono de bar. E, como vimos, conheceu também a futura esposa, Érika.

Depois de casados, Érika e Bertoldo vieram para Blumenau onde montaram o Expresso, copiando o modelo de sucesso do Bar do Alemão carioca. Os garçons trajavam calça preta, fraque branco e gravata borboleta; o chope jorrava geladinho da chopeira e os petiscos estavam sempre à vista: maionese alemã, bolinho de carne, rollmops... No Restaurante eram preparados os famosos pratos da culinária alemã.

O Expresso durou de 1948 a 1965. Ele era tão popular e conhecido que Roberto Mulyaert, famoso intelectual e escritor brasileiro, cita várias vezes o bar no seu recente livro ALARM!, que narra a história meio real, meio ficcional, de um submarino alemão, durante a segunda guerra, que tem como tripulante um alemão de Blumenau. Por sugestão deste tripulante, o submarino emerge do oceano em Praia Grande, litoral paulista, para que os alemães possam beber uma cachaça brasileira !

Um dos personagens conta a um amigo estas peripécias, sempre sentados a uma mesa do Expresso. Pelo EXPRESSO passaram grandes profissionais na arte de atender bem, entre eles Arlindo, o gerente, que depois montou o seu Lindacap em Florianópolis, ou então o Inácio, um dos “maitres” mais conhecidos de Blumenau. Bertholdo e Érika também eram empreendedores e aplicaram suas economias em um prédio que foi erguido na Rua Floriano Peixoto, onde hoje está localizada a loja Ponto Alto, o Edifício Dora-Helena.



Correspondências de **IMIGRANTES**

CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Publica-se nesta sessão a última série de correspondências trocadas entre o ramo da família Gärtner no Brasil, que se fixou em Gaspar, e parentes residentes na Alemanha. Os originais manuscritos em alemão góticos estão disponíveis aos interessados no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Esta coleção de correspondências foi doada pela senhora Elise Stodieck, uma das descendentes da família.

Carta n° 18

Müste Waltersdorf, 28 janeiro 1900.

Meu querido irmão Julius!

Agradecemos a sua carta gentil. Ficamos muito contentes em saber que você e seus parentes estão bem e que você, meu querido Julius, está outra vez bem de saúde. É uma felicidade para você ter uma esposa tão disposta, e seus filhos que também tanto o ajudam. Parece que você tem uma grande propriedade, foi o que disse o pai. Truber comentou que é um grande negócio. É bom que seus filhos o ajudem, pois não se pode confiar em pessoas estranhas. Nossos trabalhadores são iguais aos de vocês, se não ganham bastante ordenado, não trabalham. Em Ober Schlesien estão em greve cerca de 60.000 mineiros e os jornais escrevem que há regiões onde há falta de carvão. Fábricas tiveram que parar por falta de carvão. Nossos mineiros aqui de Waldenburg ainda estão ativos, mas 100 deles foram para Westphalen. Se você encontrar a senhora Spierling, dê-lhe lembranças nossas. Gostaria de escrever a ela, mas não encontro tempo. Só diga a ela que a casa do pai dela foi totalmente modificada, só o velho carvalho ainda está lá, e também a casa de sua avó está como antes. Este lado todo pertence à fábrica. Friedrich Seidel, o filho mais velho do seu primeiro vizinho, também manda lembranças.

Meu querido Julius, por hoje passe bem, lembranças a sua esposa e filhos e responda logo a carta.

Sua irmã Louise e Johannes Gruttert.

Carta nº 19

Bode, 21-11-1904.

Querida tia Selma.

Eu ouvi dizer que estava doente, lamento muito que assim seja, mas logo com certeza virão tempos melhores e você também vai melhorar e então penso que vocês nos deveriam visitar, pois até agora ninguém apareceu aqui. De São Paulo recebi há pouco tempo tristes notícias. A filha menor de Frieda, a pequena Wera, faleceu em consequência de inflamações graves. Frieda está inconsolável.

A tia Augusta já escreveu para vocês? Ela também esteve doente e por 12 dias ficou acamada, ela foi atacada pela erisipela facial, mas agora ela já está melhor. A tia Minna na Launde, Caerlamba, ali chegou um filhinho seu nome é Leopoldo, e no resto tudo está bem, todos com saúde e a principal novidade é, querida Selma que a Anna vai para Blumenau, ela irá para junto de seu irmão e entregar ali as nossas dívidas, então você também receberá logo o dinheiro que eu lhe devo. Mais uma vez muito obrigada e desculpa de já não o termos feito aqui. Como vão todos vocês? Espero que estejam bem e apareçam aqui. Agora receba as lembranças de todos nós e desejamos a você melhoras.

Um abraço especial de sua prima P. Rosemann.

Carta nº 20

São Paulo, 15 abril 1904.

Querido Julius e Selma!

Já há muito tempo eu devia ter-lhes escrito, mas sempre acontecia algo em contrário. Paulina me perguntou se eu sabia onde andava o seu sobrinho Julius, eu logo perguntei a Louise por ele quando cheguei e ela me disse que ele morava em Berlim, era casado e já tinham um filho. Antes ele escrevia freqüentemente e acho que agora ele devia escrever-lhe também uma vez, se é que ela já não recebeu carta dele. Meu maior desejo eu vi realizado, era ver Louise e isto minha Zilda me proporcionou. Ela viajou comigo da Suíça para Schlesien. Nós fomos por Lignitz a Würtingsdorf. Ali mesmo me surpreendi quando na manhã seguinte pegamos, às 8 horas da manhã, o trem para Zetlingsfriede, pois eu pensava que Louise morava lá. Mas não é assim, ela ainda mora em Wüstenwaltersdorf, na mesma casa com o caseiro Friedrich Seidel e a esposa deste, no mesmo quarto que ocupava com seu marido, que faleceu há 2 anos. Louise nos levou até a sepultura dele. Louise com seus 68 anos ainda está muito forte, mas sofre de falta de ar, isto talvez seja porque está muito tempo sentada, porque com todos os anos que tem, ainda precisa costurar para os outros. É difícil para ela. 600 M, ela tem emprestado a juros, mas estes não são o suficiente para o aluguel, e a costura não rende muito, e precisa fazer uso do capital. Louise contou que eles, em tempo passado, emprestaram ao pai 800 M pois ele estava em dificuldades financeiras, e se ele tivesse devolvido o dinheiro, a situação de Louise hoje também seria mais fácil. Eu tenho pena da coitada, se eu tivesse mais eu a ajudaria. O que será ainda dela? Com a costura ganha pouco e assim se vê obrigada a mexer no capital, que na certa não vai demorar e estará gasto, então não haverá outro remédio para ela a não ser ir para um asilo. Mas isto seria triste demais, isto não desejaria para a coitada, ela também não disse nada, mas lá no íntimo deve ter a esperança que Deus disporá de forma diferente.

Querido Julius e Selma, vocês podem fazer uma boa obra e impedir que isto aconteça. Louise contou para nós como está passando,

ela estava bem abatida, ela não falou na casa dos pobres, mas ela sabe bem que quando o capital acabar não lhe restará outra coisa. A que fim ela então caminha só Deus sabe, e tenha piedade dela.

Termino aqui com um abraço, e respondam logo a minha carta.

Sua prima Auguste Spierling.

Carta n° 21

Wüste Waltersdorf. 27 janeiro de 1905.

Meu querido e bom Julius!

Hoje recebi a sua querida carta com os 128 marcos, eu lhe agradeço muito por isto, que o bom Deus te dê em troca muita saúde e tenha muitas alegrias com sua família. Já a sua carta me trouxe muita alegria, que recebi no 2º dia de natal, assim soube que você ainda estava vivo e felizmente com saúde, pois passou tanto tempo desde que recebi uma notícia sua.

Eu tinha enviado, através de nosso sobrinho Julius em Potsdam, uma pequena carta para você. Porém nunca soube nada a este respeito e o nosso sobrinho Julius tem pouco tempo para escrever. Fiquei muito feliz ano passado quando nossa prima Auguste Spierling esteve aqui em visita e veio me ver, com sua filha mais velha. Infelizmente ficou aqui somente meio dia, e assim nós só podemos visitar Zwillidsfriede, onde ficava sua casa paterna. Hoje tudo é fábrica. A grande casa paterna, tudo lhe era estranho, e sua filha logo foi embora, mas pelo menos nós a vimos.

Meu querido irmão! Como gostaria de vê-lo novamente, falar uma vez com você, mas ir para lá seria impossível, querido Julius. Já antigamente, quando íamos visitar nosso irmão Ewald em Libenau, quando o trem partia eu já ficava tonta. Gostaria de estar junto de você, mas não pode ser, eu lhe agradeço pela gentil oferta. Você sempre foi bom,

antigamente quando éramos jovens e ainda vivíamos com nossos queridos pais, lembro-me ainda de quando saíamos juntos, você me tomava pelo braço e os outros pensavam que éramos namorados.

E como o tempo passou. Eu também não passei mal, meu querido marido foi sempre bom para mim e nós levávamos uma vida simples, mas tranqüila e agradável, nós envelhecemos e nem o sentimos. Os últimos cinco anos que passam das 70 foram pesados para ele, ali então apareceram diversas doenças, mas seu fim foi curto, e certamente nem o sentiu, pois de manhã cedo ainda estava bem disposto, mas ficou na cama e à noite às 11 horas já havia morrido de infarto, adormeceu tranqüilo.

Eu fiquei morando na mesma casa, eu não posso sair dela e da minha vizinhança, também os novos caseiros são muito bons para mim. No nosso corredor moram 3 senhoras e o caseiro. Com todos eu me entendo muito bem. De corpo também ainda sou saudável, só o respirar me traz dificuldades. Na sala e ao costurar não sinto nada, mas com os trabalhos caseiros não vou nada bem. Tenho agora há bastante tempo lutado com o dinheiro e agora, neste sentido, respiro um pouco aliviada. Devo a você, meu querido irmão, gostaria que meu marido ainda estivesse vivo e nós dois nos alegrarmos. Também agradeço a sua querida esposa e muitas lembranças a ela, e a você um abraço especial de sua irmã Louise Grutter.

Por favor, dê também lembranças à prima Auguste Spierling e agradeça seus cuidados por mim. O Sr. e a Sra. Seidel também enviam lembranças.

Carta nº 22

São Paulo, 1º junho 1905.

Querida Selma!

Muitas vezes tive que pensar em você e de como você está de saúde. Há poucos dias visitei a senhora Bern e dela soube que você está

melhor. Eu fiquei muito contente em saber isto, com certeza você também cuida de sua saúde.

Eu tenho um pedido a você. Será que teria a gentileza de me escrever o que você fez, qual o método que você empregou para ficar boa outra vez? A sua insônia melhorou? Pode dormir agora melhor? Você seguiu os meus conselhos? Eu gostaria sabê-lo, eu não quero me vangloriar com isto, mas só quando eu souber que você melhorou com isto eu terei a coragem de aconselhar o mesmo à tia Minna, para que ela também faça algo por sua saúde, pois se for por ela, corre tudo como está, ela nunca melhora. Quando a gente fica mais velha é preciso fazer algo pelo corpo para que ele mantenha a saúde. Caso você queira escrever mesmo, querida Selma, peça ao Julius ou a uma de suas filhas, mas por favor responda logo. Eu espero que esta a tenha encontrado com saúde. Muitas lembranças a todos vocês. De sua prima.

Auguste Spierling.

Os meus também mandam lembranças.

Carta nº 23

São Paulo, 20 fevereiro 1905.

Querido Julius!

Recebi hoje a sua querida carta. É datada de 8 de fevereiro, veio rápida e trouxe muita alegria. Louise ficou muito contente que você a ajudou tanto e com isto poder ficar em sua casa. Que a Selma não está bem de saúde eu lamento muito e este é o motivo principal de eu escrever já hoje novamente. Eu sei como é sofrer de insônia, isto enfraquece o corpo e deixa a pessoa mal-humorada. Eu já há anos sofro com isto. Porque os remédios receitados pelo médico não ajudam, bem ao contrário, ainda fazem mal, foi então que empreguei água e isto me fez bem. Como gostaria de ajudar Selma, quero lhe passar a receita. Já faz mais de 10 anos

que emprego a água. Naquele tempo eu não andava nada bem de saúde, e como meu Carlos naquele tempo teve tanto sucesso com a cura pela água e comida vegetariana, e como é ruim viver sempre adoentada, eu resolvi mudar de vida. Portanto a primeira coisa, a cura pela água, nenhum café, nem vinho, nem cerveja, mas sim beber suco de limão, não muito azedo. É muito saudável porque tem a força da defesa, e nós gostamos por demais do café, e suco de limão de manhã não é nada gostoso. Também pode beber leite com um pouco café nele, mas misturar o leite com água quente, e só bem pouco café, e coma seu pão. Isto sempre me fez bem. De manhã, tomar um pouco de café não faz mal, mas se beber à tarde pode estar certo que a noite não poderá dormir. Isto já me aconteceu muitas vezes. Também não é bom beber logo depois do almoço, só algumas horas depois, isto é melhor para a digestão. Comer uma fruta depois do almoço é muito saudável. Meu emprego da água é o seguinte: Tomar um chuveiro frio, enxugar bem o corpo, isto à noite, antes eu não o fazia, e depois ir logo para a cama e se cobrir bem. Com o tempo descobri que é melhor enxugar bem o corpo, com o corpo molhado a gente se resfria com facilidade. À noite se está geralmente muito cansado, mais ainda, por fazer muito calor, mas se a gente tomar um banho frio o corpo se reaviva. Se quiser ficar acordado é preciso se vestir toda outra vez, também meias e sapatos não pode esquecer. À noite é preciso comer mais leve, basta uma sopinha. A melhor roupa para vestir é a de linho, e este tecido com certeza você não encontra em Blumenau. Eu repito mais uma vez: o banho tem que ser rápido, para que o corpo não fique muito tempo nu. Se Selma tem vontade de experimentar isto, é bom começar logo, enquanto faz calor, e se vier o frio o corpo já está acostumado a este tratamento, e a água então fica fria demais. Uma bacia de água com 6 litros é o suficiente para o banho, mas é bom fechar as janelas para que o corpo não receba um golpe de ar frio. Também é bom para que se tenha um bom sono, enrolar uma toalha úmida

no corpo alguns minutos, não demais, pois água demais sobre o corpo dá um mal estar.

(falta a seqüência).

Carta nº 24

São Paulo, 24 janeiro 1905.

Querido Julius e querida Selma!

Eu não podia imaginar porque ainda não recebi resposta a minha carta que enviei em princípios de agosto e um cartão postal em fins de novembro, mas agora eu sei o que aconteceu. Ontem por acaso encontrei a Srta. Lucie Lalleman, e por ela soube que vocês perderam meu endereço. Que pena! Eu podia ter enviado o endereço, então eu já teria uma resposta há tempo. A senhorita Lucie me disse que você, querido Julius, enviou uma carta para mim, só com o nome e cidade São Paulo, meu genro foi então logo ao correio, o funcionário procurou, mas nada encontrou. Com isto achamos que a carta já tenha sido enviada de volta e talvez já esteja chegando a vocês. Fiquei contente em saber pela srta. Lucie que vocês todos estão bem e seus filhos e netos também. Eu tinha 4 netos 2 rapazes e 2 meninos, a mais moça faleceu em princípios de outubro. A pequena querida menina sofreu muito, e como ela não poderia melhorar foi bom que Deus a levasse. Nós tivemos um verão muito quente, em dezembro choveu muito e com isto refrescava sempre um pouco o calor insuportável. O janeiro trouxe um tempo mais seco e um calor muito abafado, vontade de comer não se tinha, só beber líquido. No domingo passado fizemos um passeio a um lugar que fica mais alto e o vento sempre sopra e isto fez bem a todos nós, mas na volta quanto mais perto chegávamos à cidade, sentíamos o calor logo outra vez. Como será que vai o Karl de saúde, espero que estejam todos bem. Já há muito tempo espero uma carta de Pauline, mas ainda não recebi nenhuma, assim é preciso ter paciência. Como será que vai a Louise? Você

Julius, já escreveu para ela? Se eu receber notícias de vocês, então também vou escrever para ela. Agora termino esta, desejando tudo de bom a vocês, muita saúde e aguardo logo notícias de vocês. Lembranças de sua prima, Auguste Spierling.

Eu envio a vocês a caixa postal de Emil, isto é mais seguro do que a rua e o número. Além do mais, a Srta. Lucie enviaria meu endereço a Cilchen, mas em todo caso, o nome da rua é Alameda Notmann, 22.

Carta nº 25

Bode, 14 janeiro 1906.

Querida prima Selma.

Agora já estou há um mês de volta de São Paulo. Era para transmitir muitas lembranças de Augusta e Frieda e seu marido e Carlos Spierling a vocês todos. Eu gostaria de tê-los visitado a todos, mas o tempo foi muito curto e eu tinha muito o que fazer. Aqui agora tudo se tornou tão cinzento, gostaria de voltar para São Paulo, tudo que a gente quer não pode ter, se eu voltar e se Deus me der ainda a vida até lá então nos veremos outra vez. Nós aqui em Bode vamos todos bem. Como estão vocês? Eu ouvi dizer que você está outra vez adoentada, isto eu lamento muito, mas é preciso esperar sempre o melhor, nunca perder a esperança. Tudo tem o seu tempo, então tudo melhora. Muitas lembranças de nós todos a vocês e que esta carta os encontra com saúde. A você um abraço especial e a todos os outros também.

De sua prima,

P. Rosemann.

Carta nº 26

Rudolpwalden, 31 janeiro 1907.

Meu querido e bom irmão!

Recebi no dia 9 de janeiro o seu cartão e sua caixa surpresa com alimentos e guloseimas. Agradeço-lhe muito por isto, em verdade não sei como agradecer por todo este carinho, e peço sempre ao pai do céu que ele o recompense por isto e que você e toda sua família passem bem e com muita saúde. Eu por ora, estou bem, levo uma vida tranqüila, minha família me trata muito bem. Eles me tratam como a mãe que era minha Louise. Temos agora uma pequena menina, filha do filho casado. Ambos vão para a fábrica. É uma criança muito querida que nos dá muita alegria, mas também trabalho. Quantas vezes tenho lembrado de nossa mãe, quanto trabalho e preocupações teve conosco e quão pouco nós pudemos recompensá-la.

Nós passamos um natal muito feliz, uma bela árvore de natal reluziu, cada um recebeu um presentinho. Também eu recebi um bonito casaco e ainda maçãs, nozes e doces. Foi uma festa alegre. No meu aniversário também recebi tortas e presentes, mas foi o seu cartão que mais felicidades me trouxe, pois pude ver pelo menos como você mora. Gube, o homem que também esteve contigo mostrou uma lembrança que era sua. Mostrou também a ponte sobre a qual ele passou e a grande construção é um hotel, ele disse. Este homem está aqui agora na fábrica e ele vai relativamente bem. Nós tivemos um inverno rigoroso, muita neve. No natal todas as árvores e galhos estavam cobertos de neve, era muito bonito de se ver, porém também causou muito estrago entre as árvores frutíferas. Por isto esperamos com ansiedade o verão, então aqui é bem mais bonito e o ar mais saudável do que em Waltersdorf. Eu me sinto muito melhor, graças também a sua carinhosa ajuda, pois não devo mais costurar, eu ajudo no trabalho caseiro onde posso e me ocupo muito com a querida criança, por isto já nos alegramos com a vinda do verão. Então estaremos outra vez muito ao ar livre.

Meu querido Julius, como vai você com a sua saúde? Você está bem e sua esposa, minha querida cunhada, e seus filhos estão todos bem?

Numa família tão numerosa infiltra-se muitas vezes preocupação, você está satisfeito com o negócio?

O nosso sobrinho em Berlim vai muito bem, ele está bem de vida e uma tem uma boa esposa e dois filhos muito queridos. Eu recebi em sua última carta uma fotografia, da esposa e filhos, e pelo natal, uma caixa com uma garrafa de vinho do Porto, maçãs, nozes, doces e coisas mais. Desde que Julius é casado, recebo todo natal uma caixa, o que sempre me alegra muito. Eu já teria escrito antes, mas no cartão dizia que veriam mais notícias, por isto esperei pela carta. E agora digo mais uma vez, muito obrigada e envio lembranças a você, sua esposa e família. E mais uma vez muito obrigada pelo presente.

De sua irmã,

Louise, que muito o ama.

Carta nº 27

Rudolpwalden, 28/12/1907.

Meu querido irmão Julius!

Ontem recebi o seu presente de natal, muito lhe agradeço por isto. Assim tenho o que viver durante o ano, sem preocupação, pois ganhar por trabalho já não posso mais. Que Deus o abençoe e a toda sua família. Também para o Ano Novo desejo-lhes tudo de bom e que seus desejos se realizem. No verão passado recebi de Klotilde Spierling uma carta e 50 marcos, e agora, dia 24 deste mês, recebi outra carta e a promessa de dentro de alguns meses me mandar outra. O bom Deus não me abandona, dirige sempre o coração de vocês para mim.

Deus os recompense por isto. De Julius de Berlim também recebi uma caixinha com diversos artigos de alimentos. Desde que casou, recebo todo natal uma caixa dele. Julius construiu, no verão, uma grande casa, e escreveu, que agora a mesma o preocupa muito, são as hipotecas que

lhe dão dor de cabeça. A primeira, de 80.000 marcos, ele conseguiu, mas a segunda o preocupava, já que agora em Berlim é muito difícil conseguir dinheiro. Ele tem 23 apartamentos com 3 e 4 quartos com balcão, vista par o parque e dos quais 20 estão alugados. Eu gostaria muito que ele conseguisse também os últimos. Já antes dele casar ele tinha o propósito de comprar terrenos e construir. Eu o aconselhei a não fazê-lo, pois receava que ele teria o destino de ambos os pais.

Querido Julius, eu espero que você e sua esposa estejam com saúde. Quando você me escreveu disse que há 2 anos estava adoentado. Espero que tenha melhorado. Eu estou bem e bastante disposta, há algumas semanas caí sobre o assoalho de pedra e precisei ficar na cama por alguns dias. Agora já é inverno aqui, as árvores estão cobertas de neve, você deveria ver como isto é bonito.

Agora receba minhas lembranças e agradecimentos, também para sua querida esposa e filhos.

De sua velha e fiel irmã, Louise.

Carta nº 28

Rudolpwalden, 6 junho 1909.

Meu querido irmão Julius!

A sua carta recebi a em 17 maio, e muito me alegrei com a mesma, e que você e sua querida esposa estão bem de saúde. Nesta ocasião também soube do aniversário de sua querida esposa, que Deus a proteja e lhe dê saúde. Como li em sua carta, você ainda é bem forte, já que ainda trabalha muito, como isto me alegra. De mim não posso dizer o mesmo, agora estou mais ou menos, porque o tempo esquentou e eu desejo que continue assim. Nós tivemos um inverno muito rigoroso, e a primavera demorou muito a chegar, agora tudo cresceu muito rápido, e em todos os lugares já se vê o verde.

Um melhor “hoje” seria bom, tudo está ficando muito caro e com receio olhamos para o futuro, nós precisamos agora crer em Deus, que ele não nos abandone, como até hoje não nos abandonou. Basta eu ter você, meu querido Julius, então não estou abandonado e você e seus queridos filhos também sempre vão passar bem. Envio meus votos de felicidades para o casamento de sua filha Anna, e que sejam muito felizes. Que tenha um filho que esteja ao seu lado é uma tranquilidade na sua idade. Quando se é jovem queremos fazer tudo sozinhos, isto então muda. Já não posso fazer mais nada, eu me entretenho muito com nosso pequeno Karlchen, este quer sempre andar, e rápido, quer andar depressa e eu não posso acompanhá-lo, mas ele é nossa alegria, é um pequeno amigo, tem 5/4 de anos.

Do nosso sobrinho, Julius, posso lhe dar boas notícias, o mesmo casou com uma mulher que tem posses, mas trabalha em construções, numa firma Construtora em Berlim e tinha economizado alguns mil marcos, com estes comprou um terreno em Nauendorf – Potsdam e construiu uma bonita casa com balcão. Ele escreve todo natal e manda uma caixa com várias espécies de comida. Natal passado ele me enviou a foto de sua casa. Eu gostaria de mandá-la para você, você ficaria contente e orgulhoso. Para ele foi muito difícil obter as hipotecas, pois é preciso muito cuidado com empréstimo de dinheiro e em Berlim aconteceram muitas construções caloteiras, onde as pessoas perderam seu dinheiro. Mas ele o conseguiu, e escreveu que ainda lhe sobrou dinheiro e agora é um homem feito. Eu me alegro com isto e desejaria que seu pobre pai ainda tivesse visto isto. Ele também foi muito cuidadoso em manter seu emprego como técnico de construções, pois se seu negócio não tivesse dado certo, ele pelo menos estaria assegurado. Filhos tem 3, há 2 anos passados recebi uma foto da mulher e 2 filhos. São muito felizes os dois, isto muito me alegrou. No Brasil parece que o chão é bom para crianças, como você escreveu. Numa

família com uma descendência tão bonita querido Julius, como a sua com netos, parece ser um bonito círculo familiar e se todos vão bem, isto então deve ser uma alegria para vocês.

Meu querido Julius, você perguntou como passo na vida. Se eu tivesse que pagar um quarto, mesmo pequeno e aquecimento e aluguel isto seria impossível, assim vivo com parentes. Os objetos que eu tinha lhes dei de presente, assim não preciso pagar aluguel nem aquecimento e ainda tenho alguns marcos para a comida. Gasto 2 marcos por semana, isto é muito pouco, porque agora tudo é muito caro. Se você não se zangar, eu gostaria de lhe pedir alguma coisa, para que pudesse pagar um pouco mais pela comida, pois meus parentes também não têm nada de sobra.

O ganho na fábrica é pouco, no inverno passado trabalharam só 5 dias, mas por favor não se zangue comigo, por eu ser tão indelicado. Você já é tão bom! Que irmão faria tanto?

August Hänsler manda muitas lembranças. Como ele ficou contente que você se lembrou dele. Ele também está bem, tem uma boa mulher e 5 filhas, nenhum menino. São todos casados, menos um. Ele deu a todos eles um bom dote. Quando nós nos encontramos casualmente ele sempre fica muito feliz. Também Hilmer Heinrich vai muito bem, trabalha na mesma fábrica que nosso pessoal e quando nós nos vemos fica contente e sempre pergunta por você e até queria escrever-lhe. Karl Pohl, também se alegra, ele se lembra do Ewald, porém pergunta sempre por você e manda lembranças. Ele é bem mais jovem do que nós.

Dos Hirschbergers ninguém mais está aqui, os filhos se mudaram, o mais jovem era confeitiro, mas também se foi e uma das filhas de criação, a Rosamund, casou em Waltersdorf com um Sturm e tinham uma grande casa de confecção, mas ambos morreram, ainda não muito velhos e o filho continua o negócio. Ela muitas vezes perguntou por você. Ele gostava de lembrar-se que você muitas vezes esteve com os Hirschbergers.

Agora, querido Julius, envio-lhe o cartão postal de Waltersdorf. Acima da igreja ficam as dependências das fábricas, onde trabalha nossa gente, é uma tecelagem e nós lhe enviamos uma pequena amostra do seu trabalho. Depois em Zedlitz ficam as outras fábricas, a tinturaria, alisamento e demais trabalhos. Também ainda lhe enviarei uma amostra. O antigo moinho queimou e agora fica ali a parte principal da fábrica e do outro lado o restaurante. A escola foi reconstruída também. Agora temos bom tempo, e isto também tivemos o ano passado. Agora já estou aqui há 4 anos, e bem doente estive. Antes os médicos já me haviam desenganado, mas o ar aqui nas montanhas é saudável e fez bem a minha saúde, e agora o tempo é tão bonito. Nossa parente muitas vezes diz que seria bom se pelo menos ainda podermos estar juntos por mais um ano. Eu desejaria que fosse assim, nós nos entendemos bem, de maneira que minha velhice parece ser boa. Mamãe não teve esta boa vida e nosso querido pai também não, este morreu de desgosto porque as pessoas o enganaram demais e ele podia ter deixado algo para nós, filhos.

Continue com muita saúde, isto lhe deseja sua irmã.

N.B. Antes as duas fábricas eram duas, agora as duas são uma figura só.

Carta n° 29

Pouso Redondo, 22 – 12 – 13.

Meu querido afilhado!

Muito obrigado pelo gentil convite para seu casamento. Fiquei contente em saber que casou com amor. Sinto muito não poder satisfazer seu desejo, pois a viagem é muito difícil. Ah! Como gostaria de estar presente ao seu casamento, querida Frieda. E assim só posso por esta desejar ao seu noivo Ackermann muitas felicidades pelo casamento. Desejo de coração que Deus os abençoe e que caminhem para um futuro

feliz. Também muitas lembranças a seus queridos pais, extensivos ao resto da família.

As maiores lembranças a você, de sua sempre amiga.
Dorothea Knoblauch.

Carta n° 30

Rudolpwalden, 14 janeiro 1913.

Meu querido e bom irmão!

Pelo ano novo eu lhe desejo muitas felicidades e principalmente muita saúde, e que possa ainda aproveitar muitos anos. No dia 12 de dezembro recebi seu dinheiro, meu querido Julius, é sempre uma grande alegria para mim e também para nossos parentes, que mais uma vez por um ano cuidaram de mim. Receba mil agradecimentos e que Deus o recompense, como também toda sua família. Como está a sua querida esposa? Ela está curada do seu mal dos nervos? E como vai a sua pequena menina? É uma garota alegre e disposta? Nós também temos uma pequena menina de 4 anos e também é nossa alegria, é muito viva e ocupa-me o dia todo. Outro trabalho já não posso fazer mais, seria bom se eu já pudesse andar lá fora com as crianças. Os dias de verão são sempre muito belos para mim e o ar puro me faz muito bem. Depois também já estou bem idosa, 77 anos, festejamos meu aniversário, tinham sido convidadas algumas vizinhas. É assim numa pequena aldeia, velhos e jovens, nós somos todos iguais. Auguste fez um pastelão de carne de galinha, estava muito gostoso. Foi um dia muito alegre, queira Deus que no ano que vem eu tenha saúde para comemorar outra vez este dia. Você tem verão agora, nós aqui temos a neve. Até agora tivemos bastante neve, mas frio e neve sempre vem mais tarde, isto é então um sinal que a primavera vai ficar bonita e verão também.

Aqui os jornais escrevem muito, os turcos estão em guerra com

seus vizinhos e aqui se prepara para a guerra a França e a Áustria. Também a Alemanha está preparada, você certamente também leu a este respeito nos jornais. As pessoas aqui estão muito apreensivas. Aqui pretendem construir a nossa ferrovia no próximo verão e será a Waltersdorf, será que isto vai acontecer mesmo?

Querido Julius! Uma grande alegria me proporcionou à sua fotografia, você parece ainda bem forte, assim você ainda pode continuar por alguns anos. Que Deus o permita.

Muitas lembranças também a sua querida esposa.

De sua irmã que muito o ama.

Louise.

Carta nº 31

Mühlhausen 26 – 5 – 14.

Querido August e Frieda!

Meus queridos filhos. A carta de vocês eu recebi e fiquei muito feliz que receberam tantas congratulações pelo casamento. Eu lamento muito não poder tido estar presente, não dormi a noite toda, sempre falava sozinha, o August não me deixa em paz. Que o casamento de vocês foi tão bonito me alegra muito. Vocês precisam escrever-me com detalhes como foi, eu me interesso muito por isto. Primeiro queríamos enviar um telegrama, mas sai muito caro e esta alegria não lhe pudemos dar, eu sinto muito. Nem uma vez pude falar com vocês, mas fico satisfeita se pelo menos ouço alguma coisa de vocês. Agora vocês já são casados há 8 semanas, estejam satisfeitos, e suportem tudo juntos, esta é a maior felicidade, pois Deus vai protegê-los. Agora quero finalizar por hoje. No mais estamos todos bem. Recebam lembranças e abraços de sua mãe.

Carta nº 32

Wüste Waltersdorf, 28/1/48.

Meu querido irmão Julius!

Já 2 cartas eu enviei a você, mas não recebi nenhuma resposta. Creio que você nem recebeu as mesmas. Desta vez espero que minha carta chegue às suas mãos, porque o mesmo vai na carta que Julius lhe envia nesta viagem ao Brasil. Como Julius me escreveu, você recebeu a notícia da morte do seu irmão Ewald. Certamente você ficou muito surpreso. Ninguém esperava isto, nem mesmo sua própria família. Eu pessoalmente fiquei completamente sem qualquer informação, já que nós nos correspondíamos muito pouco. Eu raramente recebia resposta às minhas cartas. A última carta escrevi por ocasião do seu aniversário, dia 17 de setembro, mas não recebi resposta. Antigamente meu marido e eu estivemos em visita em Libene. Naquele tempo viajar para nós ainda não era tão difícil como hoje, mas agora já por muitos anos não estivemos mais lá. Ewald só veio uma vez nos visitar e para nós de Wüste Giersdorf é sempre difícil a viagem, já que temos que atravessar a grande floresta.

Mas agora, querido Julius, como vai você? Eu espero que esteja bem. E como vai sua querida esposa e seus filhos? Tanto quanto sei você tem um bonito negócio e pode sustentar bem tua família. Papai Stauber que te visitou, contou muito sobre você. Ele voltou outra vez para a Alemanha e para aqui em Waltersdorf. Faleceu não faz nem meio ano. Ele nos visitou várias vezes, e então sempre falava a seu respeito e que você o recebeu tão bem. Isto ele considerou muito e também os poucos dias que ficou com os Rosemann, não sei se foi Karl ou Fritz. Por favor, dê lembranças a meus primos se você os encontrar. Fiquei incumbido de lhe enviar muitas lembranças dos Rosemanns, em Dorfbruch, e da filha de criação dos negociantes Hirschberger, você se lembra dela? Quando você estudava em Dorfbruch, você algumas vezes esteve na casa da família.

Ela é casada com o negociante Sturm, aqui em Waltersdorf. Eu às vezes faço minhas compras ali e às vezes ela perguntava por você e manda lembranças. Também Hilmer Heinrich que ia a escola com você, muitas vezes pergunta de você e também manda lembranças. Ele sempre queria escrever pessoalmente, ele é casado aqui e trabalha na fábrica. Eles estão relativamente bem de vida.

A nossa tia Rosemann ainda vive? E o que faz a senhora Spierling? Nós nos escrevemos algumas vezes, mas depois as cartas pararam. Será que eles foram embora? Eu não quero imaginar que morreram. Se você tiver oportunidade de vê-los, dê-lhes lembranças minhas e que ela escreva uma vez para mim, pois gostaria de ter notícias deles.

Um amigo bem velho seu, também ainda vive, é o Jöckel Lukas, que esteve com você naquele tempo em Dorfbach e esteve por muito tempo no moinho Lukas até bem poucos anos atrás até que não deu mais para trabalhar. Ele tem, em Mühlendorf, uma pequena casa e precisa sustentar-se com sua velha esposa fazendo trabalhos pequenos ocasionais. Ele passava bem mal e isto é muito triste, e muitas vezes me visitou em Waltersdorf, pedindo ajuda. Também a nós ele visitou várias vezes e eu sempre lhe dava um pouco de dinheiro. Agora ele tem aposentadoria e está no asilo de idosos daqui, está doente e acamado muitas vezes, e não pode mais ir embora.

No próximo mês, dia 8 de fevereiro, irão fazer 20 anos que nossa querida mãezinha faleceu, no ano 1878. O tempo passou tão depressa. Anos mais tarde, em novembro, faleceu também nosso querido pai. Isto foi um tempo muito difícil. Eu estava contente que pelo menos por ocasião de sua despedida eu pude estar perto deles, pois eu morava tão distante. Só nosso irmão Ewald estava presente. Agora querido Julius, vou terminar esta carta. Escreva-nos em breve. Dê muitas lembranças a sua querida esposa, seus filhos.

De sua irmã,
Louise Johannes Grallert.

Carta n° 33

Meu querido irmão Julius!

Primeiro quero agradecer a carta e sua fotografia. Você nos deu com isto uma grande alegria. Você na foto aparenta estar ainda forte e com saúde como também sua querida esposa, minha cunhada. O bom Deus os proteja e que lhes dê muita saúde. Isto é meu desejo do coração. A minha saúde não anda muito boa, preciso andar com muito cuidado para não cair, pois minha idade não o permita mais e eu dou ainda graças a Deus de estar aqui com nossos parentes, que cuidam bem de mim. Eu só não queria ter esta idade e penso sempre ser um grande peso para os parentes, peço todo dia ao pai celeste que me dê mais saúde. Eu cuidei tanto de nossa querida mãe e sei que você gostaria de ter uma fotografia dela e que envio aqui. Vou terminar esta carta, muitas lembranças dos parentes a você e sua querida esposa.

De sua irmã Louise.

Carta n° 34

Rudolpwalden, 14 março.

Meu querido irmão Julius!

Pelo seu aniversário receba meus mais sinceros votos de felicidades e muita saúde, que ainda possas passar muitos anos felizes com sua esposa e filhos. A sua carta de 14 de fevereiro eu recebi e fiquei muito contente em saber que está bem de saúde, que Deus o conserva. Você ainda tem um espírito tão grande de batalhador, ainda pode fazer tanta coisa. Também já não é mais tão moço, eu o admiro pelo muito que você

ainda faz. Você escreveu que desta vez o dinheiro foi pouco, querido Julius. Eu estou bem satisfeita, você também não precisa mandar mais do que esta soma. Já é uma despesa tão grande para você, e já há tantos anos. Às vezes me preocupo com isto, o que seria de mim se você parasse de me ajudar? Eu agora estou adoentada, estou com tosse e resfriada, mas disto não se morre. Seja como Deus quiser, ele não me esqueceu. Fico contente em saber que sua esposa está tão bem, agora ela tem uma grande ajuda, a pequena Hilda, deve ser uma criança muito ativa, e trará muita alegria a vocês. Nosso pequeno Friedel está bem agora, se recuperou bem das dores que os dentinhos lhe causaram, como também do sarampo. Agora está passando bem e será um alegre pássaro de verão. Nós agora temos muita neve, mas que prenuncia um bonito verão. Agora, caro Julius, com nosso trem aconteceu agora uma parada, o motivo também é o dinheiro. Aqui nas montanhas a construção de ferrovias é dispendiosa demais. É preciso construir muitos túneis e pontes. Você conhece a região de Hundsdorf por Dorfbusch em direção à fronteira para a Bohemia. Provavelmente tão cedo não vão construir uma ferrovia.

Caro irmão! Como você não será admirado por sua comunidade, já que com tanta espontaneidade contribuiu na construção da igreja. Você criou para si mesmo uma bela lembrança e você mesmo trouxe alegria. Em principio de maio nós também esperamos uma criança aqui em casa e desejamos de todo o coração que tudo corra bem. A jovem mãe sai ainda toda manhã para Waltersdorf, na fábrica, e à noite volta para casa pela terrível Planberg, e ao chegar em casa está sempre muito cansada.

Todos nossos parentes lhe enviam muitas lembranças pelo aniversário, e também à minha querida cunhada e filhos.

De sua irmã¹.

1 Não indica o nome da irmã

Carta nº 35²

Prezado irmão!

A sua carta do dia 30 deste mês recebemos e ficamos muito contentes em saber que todos estão bem de saúde. Nós também estamos todos bem, apesar de eu estar um pouco manca. No sábado passado estive aqui o pastor de Kohlhanden, que achou que antes do verão eu estaria boa, o que me fez muito feliz.

Querido Julius! O pai enviará dinheiro, quanto, eu ainda não sei. Com certeza tanto que o pai ainda precisa fazer um envelope especial para que não caia para fora ou voe. __? _! !_.

Seja bonzinho, caro irmão, e escreva logo outra vez. Mas como é que você cada vez me faz saber que tem que pegar na pena? Você escreve com alguma coisa diferente? Não leve a mal, meu bom rapaz, mas eu já muitas vezes ri por isto. Também envio congratulações com antecedência para a festa santa. Eu tanto queria enviar-lhe um pouco de roupa branca, mas o tempo é muito curto, até nos termos você outra vez aqui conosco, ou então terei feito muitas camisetas e colarinhos, – ou você não precisa de algo assim! Então me escreva. Agora creio que posso finalizar. Passe bem, meu bom Julius. Lembranças da mãe, do Ewald, de Knopsch e consortes e, principalmente, de sua irmã Louise.

A respeito de minhas diversões parece que vocês falam muito. Bem no fundo eu não tenho mais que vocês, e em certo sentido talvez menos ainda, pois os assim chamados bailes, eu freqüento muito pouco, ou quase nada, eu diria. Preciso confessar a vocês e o lamento muito, que não sou muito amigo de semelhante diversão, não que penso quebrar as pernas neste esporte, pois acho que dançar não é nenhuma diversão, mas um enorme trabalho, que o dinheiro não paga. Talvez chegasse a esta opinião a respeito desta nobre profissão, por só ter exercido a mesma

2 Sem indicação de data

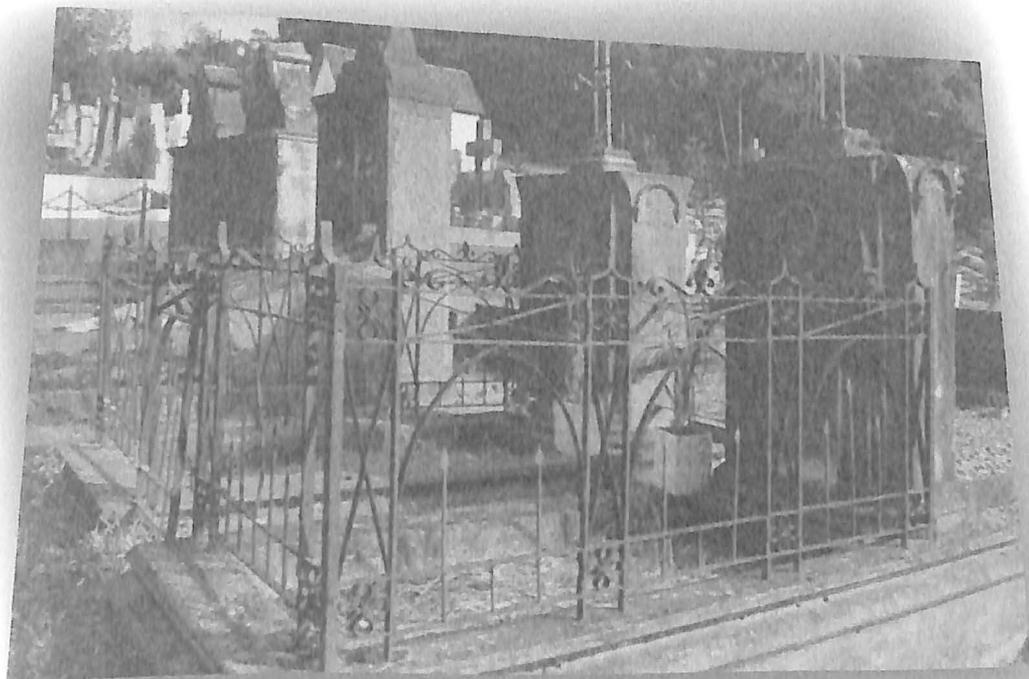
muito pouco e ainda não cheguei ao grau de exímio dançarino. Talvez também devo isto ao meu círculo de amizade, onde todos também pensam da mesma forma, mas eu ainda não perdi a esperança de ainda dançar uma vez com vocês. Ouvi você comentar de que eu sou um bárbaro, por causa desta confissão, mas posso garantir-lhes que de bárbaro não tenho nada. Mas não sou adverso a todas as diversões assim por exemplo: gosto de assistir a um concerto, de uma ópera, um cantar ou também Ballet. Neste caso, prefiro que outros dancem em vez de eu fazê-lo. Sou, além disto um esportista no remo, bicicleta, visito todas as possíveis exposições, com ou sem companhia feminina. Gosto também de beber uma cerveja, jogo cartas Skat, xadrez, billard, croquett, posso guiar, cavalgar, correr e patinar no gelo, e além disto tudo, ainda comer e dormir. Agora me digam, querem ainda mais?

Bem, por hoje vou terminar aqui, na próxima carta eu lhes escreverei mais a meu respeito e agora recebam um abraço do primo Julius.

Carta nº 36

Querido August! Você escreve ao H. Gethr, que ainda tem alguma coisa a pagar. Isto não precisa fazer, ele não precisa saber disto. O que precisa pagar ainda, nós não o sabemos. Mamãe ficou muito nervosa com isto. Você devia ter escrito isto para nós. Portanto, por favor, escreva o que é afinal. Como vão as coisas com o Fabeoni não sei, só sei que todos estão zangados conosco.

Muitas lembranças de seu tio. Escreva também uma vez a Wilhelm, ele vai ficar contente. Pode mandar a carta para mim, eu entrego a ele.



COLÔNIA BLUMENAU

Lista dos óbitos ocorridos desde sua
fundação até 1º de setembro de 1862

COLÔNIA BLUMENAU
LISTA DOS ÓBITOS OCORRIDOS DESDE SUA FUNDAÇÃO
ATÉ 1º DE SETEMBRO DE 1862¹

Nº	DATA DE ÓBITO	NOMES	IDADE
1852			
1	Fevereiro 22	Daniel Pfaffendorf	27
2	Fevereiro 22	Antonio Neubert	25
3	Dezembro 21	Rudolf Keiner	23
1853			
4	Fevereiro 4	Israel Brückner	52
5	Fevereiro 8	Elisabetha Rüdiger	58
6	Junho 18	Henriques Köcher	24
1854			
7	Junho 4	Carlos Gebien	14
8	Junho 13	Paulo Friedenreich	1
9	Outubro 8	Guilherme von Rinen	26
1855			
10	Janeiro 19	Guilherme Nahrwoltd	22
11	Fevereiro 22	Fernando Klein	28
12	Julho 25	Guilherme Tiedt	3 / 4
13	Outubro 2	Henriques Soetbeer	15
14	Dezembro 30	Luisa Romer	27
1856			
15	Janeiro 29	Augusto Hamester	41
16	Janeiro 29	João Kaben	35
17	Março 16	Henriques Bader	30
18	Abril 8	Augusto Hesse	18

1 Fonte: AHJFS. Ficker 1641 pasta 028 doc.05

19	Maio 25	Carlos Mahnke	38
20	Julho 8	João Mahnke	7
21	Novembro 1	Oscar Rochow	30
22	Dezembro 11	Carlos Hadlich	3 dias
23	Maio 30	Hermann Scheefter	3 dias
24	Dezembro 25	Henriques Maatz	1 ½
1857			
25	Janeiro 1	Eduardo Krause	33
26	Janeiro 19	Frederigo Thomsen	56
27	Janeiro 23	João Carlos Zenndler	28
28	Janeiro 31	Ernesto Schmidt	4
29	Janeiro 31	Henriques Starke	8
30	Janeiro 31	Agnes Micke	14
31	Março 2	Frederiga Koth	6
32	Março 3	João Kirchhoff	36
33	Março 25	Catharina Maatz	7
34	Março 27	Hermann Rosemann	3 ½
35	Abril 8	Maria Stein	4
36	Abril 25	Maria Kaben	35
37	Maio 15	Guilherme Gieseler	½
38	Maio 17	Jorge Kühl	74
39	Junho 22	Henriques Berber	52
40	Julho 30	Ernesto Haertel	28
41	Julho 30	Henriques Heffter	34
42	Agosto 1	Luisa Zwingmann	41
43	Setembro 15	Thecla Friedenreich	2
44	Outubro 6	Carlos Spiess	37
45	Outubro 11	Maria Rechenberg	3 ½
46	Novembro 3	Elisabeth Schmidt	64
47	Novembro 10	Frederigo Bähr	33
48	Dezembro 29	Henriques Ackermann	27

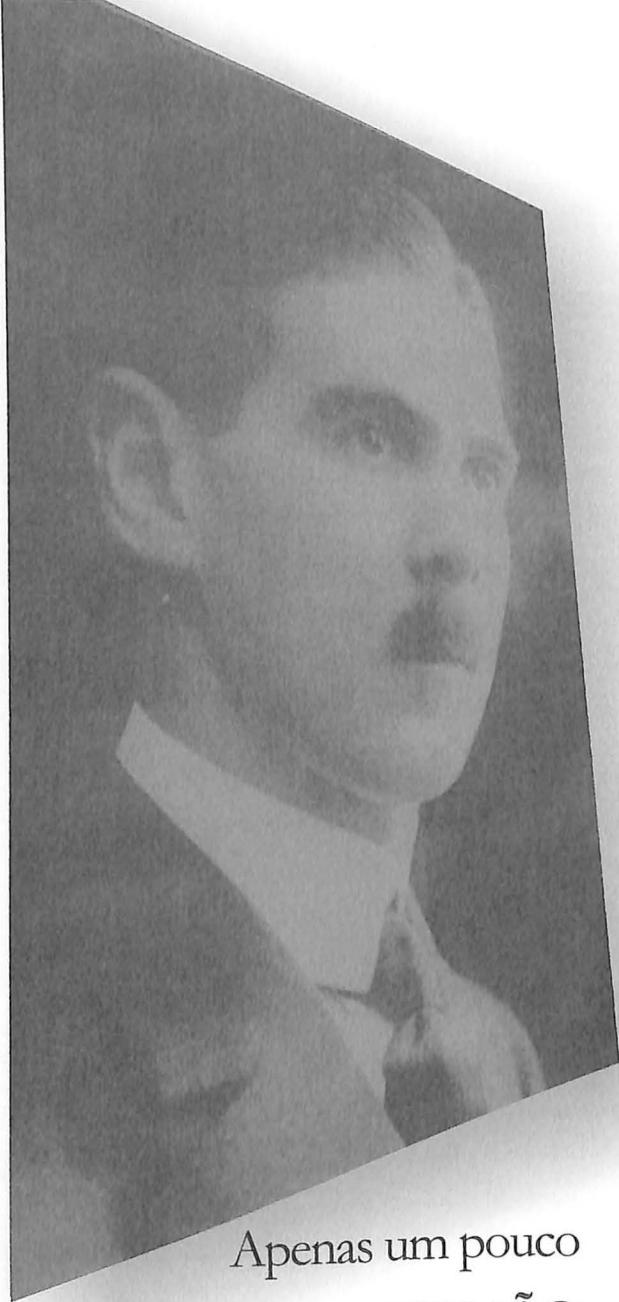
49	Novembro 14	Fernando Ostermann	31
50	Dezembro 9	João Behncke	6
51	Dezembro 13	Catharina Witt	6
52	Dezembro 27	Maria Behncke	6
1858			
53	Janeiro 2	Frederigo Hohl	2
54	Janeiro 3	Carlota Krause	1
55	Janeiro 12	Mathilde Behncke	4
56	Janeiro 29	Hermann Rüdiger	3
57	Março 28	Carlos Lang	3 ¾
58	Mai 24	João Wagenknecht	52
59	Junho 6	Bernhard Jarchow	8
60	Setembro 30	Henriques Zwingmann	40
1859			
61	Janeiro 11	Theodor Schröder	14 ½
62	Janeiro 26	Joanna Schmidt	43
63	Abril 10	Henriques Hohl	46
64	Mai 11	Henriqueta Müller	1 ½
65	Fevereiro 9	Carlos Paupitz	½
66	Junho 6	Sophia Engicht	1
67	Agosto 10	Joanna Lindner	11
68	Agosto 12	Luiz Wehmuth	14
69	Agosto 24	Julio Geyer	18
70	Setembro 17	Jorge Wagner	75
71	Dezembro 17	Henrique Leuthäuser	42
1860			
72	Fevereiro 23	Gustavo Hadlich	2
73	Março 11	Frederigo Gieseler	35
74	Abril 10	Hedwiga Romer	2 ¼
75	Mai 9	Frederigo Kuonz	2
76	Mai 19	Christiano Bär	75

77	Agosto 21	Maria Sachtleben	2
78	Setembro 22	Henriqueta Petters	27
79	Setembro 23	Augusta Knorr	40
80	Setembro 26	Hedwiga Baumgarten	½
81	Outubro 16	Augusto Krause	2
82	Novembro 27	Margaretha Krambeck	58
83	Dezembro 8	Eugenio Knorr	48
1861			
84	Janeiro 4	Hermano Passig	36
85	Janeiro 31	Jacob Müller	60
86	Fevereiro 20	Christiano Imroth	39
87	Fevereiro 26	Dorothea Heimburge	22
88	Março 13	Carlos Gricke	½
89	Março 13	Bárbara Priester	29
90	Abril 11	João Hadlich	14 dias
91	Junho 25	Paulo Heskell	30 dias
92	Julho 2	Henriques Zwingmann	11
93	Setembro 16	Margarida Baumgarten	24
94	Setembro 18	Gustavo Rühle	25
95	Setembro 18	Pedro Boddenberg	48
96	Outubro 3	Catharina Sievers	51
97	Outubro 12	Jacob Volles	52
98	Outubro 13	Elisabeth Jahn	33
99	Setembro 9	Carolina Holler	1 ¾
100	Novembro 17	Luisa von Witt	20
101	Novembro 18	Ernesto Walsburger	17
102	Novembro 11	Frederigo Georg	13
103	Novembro 25	Maurício Droher	1 ½
104	Novembro 29	Maria Heringer	33
105	Novembro 29	Julio Weck	26
106	Dezembro 7	Elisabeth Jansen	20

107	Dezembro 8	Felippe Heringer	1
108	Dezembro 15	Augusto Dittmar	37
109	Dezembro 24	Victor Friedenreich	2 ¼
110	Agosto 13	Dorothea Baucke	40
111	Agosto 17	Frederigo Beindorf	24
112	Dezembro 31	Gertrud Scheidemantel	4
1862			
113	Janeiro 6	Jacob Schneider	49
114	Janeiro 11	Helena Müller	10
115	Janeiro 14	Maria Baumgärtel	1 ½
116	Janeiro 25	Oswald Zwicker	2 ¼
117	Janeiro 28	João Laube	1 ¾
118	Fevereiro 1	Traugott Sprung	5
119	Fevereiro 16	Augusto Wild	¾
120	Fevereiro 17	Frederigo Kohlmann	64
121	Fevereiro 12	Francisca Matthias	½
122	Março 5	Anna Weissbach	58
123	Março 1	Guilhermina Koch	½
124	Março 4	Theodoro Braun	½
125	Março 12	Georg Braun	19 dias
126	Abril 26	Hermina Thieme	1
127	Mai 13	Henriqueta Koth	1
128	Mai 19	Christiano Rüdiger	58
129	Mai 20	Agnes Wagner	42
130	Junho 13	Elisabeth Krohberger	28
131	Junho 29	José Krohberger	½
132	Agosto 19	Catharina Koslezer	1/6

Colônia Blumenau, 1º de setembro de 1862.

O Diretor, Dr. H. Blumenau.



Apenas um pouco
FRACO DO PULMÃO

APENAS UM POUCO FRACO DO PULMÃO COMO LAGES HOSPEDOU PAULO SETÚBAL

Enéas Athanázio¹

Com amável dedicatória, recebi do admirável escritor Fernando Jorge a segunda edição, revista e muito ampliada, de seu livro “Vida, Obra e Época de Paulo Setúbal”, publicado pela Geração Editorial (S. Paulo – 2008). Como as demais biografias do Autor, é um trabalho minucioso e que esgota todas as fontes possíveis, respondendo a todas as indagações que possam ser feitas. Assim também acontece quando ele trata, neste volume, da estadia de Paulo Setúbal em Lages nos anos de 1919 e 1920, realizando um levantamento completo das atividades do escritor paulista naquela cidade serrana, valendo-se inclusive de informações de Nereu Corrêa em livro que ele enaltece pela seriedade da pesquisa.

Quando se constatou que ele “estava um pouco fraco do pulmão”, expressão usada para mascarar a tuberculose ou peste branca, o jovem escritor e jornalista foi aconselhado pelos médicos a procurar local de altitude mais elevada, clima saudável e ar puro. Os recursos de então eram ainda precários no combate à terrível enfermidade. Diante disso, ele se fixou por uns tempos em Campos do Jordão e, considerando-se curado, retornou à Paulicéia. Formou-se em Direito e entregou-se à advocacia, ao jornalismo e aos escritos, sempre com sucesso. Nesse período foi acometido da gripe espanhola que então grassava, salvando-se por milagre, o que levou os médicos a vetarem sua permanência na capital paulista. Seu irmão mais velho, João Batista Setúbal, era casado com a filha de um fazendeiro lageano e residia na chamada Princesa dos Campos. Dirigiu ao irmão um

¹ Escritor e Advogado.

convite para passar uma temporada na cidade, cujo clima se recomendava ao tratamento dos fracos de pulmão. Paulo Setúbal logo aceitou, movido inclusive pelo desejo de aventura, e rumou para Lages. A cidade o encantou desde a chegada e sua simpatia pessoal, seu jeito extrovertido e conversador conquistaram de pronto a simpatia dos moradores.

Era o único bacharel formado da cidade e seus anúncios logo apareceram nos jornais, oferecendo os serviços profissionais e registrando ser formado pela Academia de Direito de São Paulo. Em pouco tempo ficou cheio de serviço, foi contratado para alguns inventários e tratou deles com sucesso. Inventários, naquele meio onde imperava o latifúndio, constituíam os mais cobiçados e bem remunerados serviços advocatícios. “Ganhei fama e passei a trabalhar sem tréguas” – escreveu ele. Mas o dinheiro ganho desaparecia como água pelo vão dos dedos. É que ele aprendera a jogar e se entregava “à paixão torturante das cartas” – segundo suas próprias palavras. Esquecendo-se da doença, passava noites em claro, em locais fechados, aspirando o ar viciado e a fumaça dos cigarros. Numa só jogada apostava todo o ganho de uma longa e trabalhosa causa. Não satisfeito, prosseguia nas noitadas pelos cabarés e boates da periferia, sempre acompanhado de bizarras figuras de tropeiros e negociantes de gado. Mas, ao que parece, vivia feliz, exercitando “a ânsia de viver, de mandar às favas a lembrança das horas negras” – para repetir o biógrafo.

E que mais fazia ele na cidade campeira que se estendia entre coxilhas ondulantes? Mantinha uma existência ativa, cheia, movimentada. Amante da natureza, percorria a cavalo as cercanias da cidade, enlevado com a luta dos peões, a lida braba dos rodeios, as correrias de homens de bombachas e chapéus de abas largas. Em redor do fogo, ouvia suas histórias e sugava mates amargos. Observava com intenso prazer “o mais admirável bosque de pinheiros que me foi dado contemplar” ao sol que se punha por trás da última coxilha.

Enquanto isso, os dois jornais da cidade – “O Planalto” e “O Lageano” – publicavam seus trabalhos, em prosa e verso, além de notas sobre suas atividades. Artigos, crônicas, contos, poemas românticos e humorísticos, comentários sobre temas históricos e do momento e até uma espécie de manifesto em favor de Rui Barbosa, candidato a presidente da República.

Para espalhar, “participou de um bródio, servido entre chalaças e ditos espirituosos, ao som de uma orquestra de flautas, violinos e cavaquinhos.” Aderiu de pronto ao animado carnaval da cidade, em 1919, e compareceu ao baile à fantasia, no Clube 1º. de Julho. À sua entrada, registrou um jornal, “voltam-se cabeças curiosas; fisionomias iluminam-se num sorriso acolhedor e travessos corações tremem... tremem num presságio de assalto irresistível.” O Dr. Paulo Setúbal era um sucesso na terra lageana.

Atua em rumoroso julgamento pelo júri (ao que tudo indica o único), profere discursos e conferências de repercussão que são analisados e comentados pelos jornais. Produz e publica poemas e mais poemas. E advoga com intensidade.

Não obstante, continua a jogar e a cometer abusos contra a saúde frágil. Adoece, tem que guardar a cama, e se recupera, ansioso por voltar à vida ativa. Nas tardes de folga, comparece à roda que se forma na farmácia “do culto e verboso Otavinho Silveira. Ali encontrava vários amigos: o Dr. Nereu de Oliveira Ramos, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo; o Dr. Cândido de Oliveira Ramos, seu parente, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e que no desempenho de sua profissão havia prestado serviços ao exército sérvio, durante a Primeira Grande Guerra; o Dr. Walmor Argemiro Ribeiro Branco, primeiro lageano a formar-se em medicina; o jornalista Manuel Tiago de Castro, redator de “O Lageano.” Ali a boa prosa corria, como em geral nas boticas das pequenas cidades,

enquanto o chimarrão fechava a roda. Relatou o referido farmacêutico que o governador Hercílio Luz havia convidado Setúbal para o cargo de Promotor Público da comarca, mas ele declinou. Essas informações foram colhidas pelo Autor do livro na obra de Nereu Corrêa.

Estava em Lages há mais de um ano e as saudades começaram a bater. Apesar do sucesso pessoal e profissional, resolveu retornar à Paulicéia. A viagem até Florianópolis, que durou três dias, foi conturbada e cheia de incidentes, inclusive com o carro pernoitando, encalhado, num dos freqüentes atoladores da estrada. Dorme num casebre humilde, acolhido por um casal muito pobre, e fica indignado com a sovínice de um fazendeiro, seu companheiro de viagem. Em São Paulo, retoma as atividades que o conduzirão à glória literária e à morte precoce, vitimado pela implacável peste branca.

Lages, com a reconhecida hospitalidade campeira, lhe abriu todas as portas e sua permanência ficou marcada para sempre na memória da cidade. Segundo Nereu Corrêa, no entanto, a experiência não se refletiu na obra do escritor e nenhuma influência exerceu sobre ela. Em seu livro “Confiteor”, Paulo recorda com saudade sua epopéia na Princesa dos Campos.

Fundada em 27 de agosto de 1958, a União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), completou neste ano seu cinquentenário. Entre seus associados fundadores estavam a poeta catarinense Maura de Sena Pereira e seu marido, Almeida Cousin. O primeiro presidente eleito foi Peregrino Júnior, tendo Jorge Amado como um dos vice-presidentes. A ata de fundação foi lavrada e subscrita pela célebre cronista Eneida de Moraes, primeira-secretária. Essas informações constam do número inicial da revista “Renovarte”, órgão oficial da UBE-RJ, publicado em setembro de 2008.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 50,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 140,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2008 (Tomo 49).

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcbu.com.br

Anni Brunner

Der Fluch
einer unseligen
Stunde



É sempre interessante retomar, revisitar a Literatura escrita em alemão, por quase um século, no Vale do Itajaí. As literaturas de imigração vem sendo sempre mais estudadas no Brasil, embora o interesse por elas tenha sido, segundo Boris Fausto no seu livro *Fazer a América*, um interesse "tardio", uma vez que o tema da abolição da escravatura e das migrações internas ocuparam grande espaço na Literatura. (...)

Nele estudamos as obras de autores alemães e teuto-brasileiros como Viktor Schleiff, Georg Knoll, Rudolf Damm (poetas) e Gertrud Gross Hering, Emma Deeke, Therese Stutzer e José Deeke (romancistas), sob o prisma do dualismo, sua característica básica. Isto foi feito dentro de uma visão geral da literatura teuto-brasileira no sul do Brasil, dos primórdios da colonização até a 2ª Guerra Mundial, tendo sido este trabalho o primeiro levantamento e a primeira análise da produção literária destes escritores. Serviu como abridor de caminhos para diversos estudiosos e pesquisadores, pois as novas gerações voltam-se sempre mais para o resgate das suas origens. (...)